

GAZETA

VALSASSINA

abril 2023
número 82



Promover diálogos

Índice

Editorial	1
“Não consigo... Ainda!”: O poder do <i>mindset</i> de crescimento nas aprendizagens	2
A bandeira do mundo	4
De mãos dadas	6
Entre Religiões	7
Projeto LOOP	
Indução de Professores através de Mentoria	8
Português, Chave-Mestra na Construção do Conhecimento	9
Semana das Línguas	12
Encontro com o escritor Nuno Matos Valente	13
<i>Imbarquemi in barco meo</i> : latim, gregos e romanos na atualidade	14
Diálogos entre a Globalização e a Diversidade Linguística e Cultural	15
Entrevista com Alfredo Leite	16
“O espetáculo vai começar!”	
Oficinas de construção de livros animados	18
Clube de Leitura	19
A biblioteca vai a casa	20
A Fonte da Música	22
<i>Bootcamp</i> de Economia Sustentável	24
Diálogos interculturais	26
Debater, argumentar, representar	
Novas formas de diálogo na disciplina de Cidadania e Desenvolvimento	28
Entrevista com Luís Paixão Martins	31
Uma semana para todas as artes!	34
Identidade pessoal: um olhar sobre o passado, o presente e o futuro	
Desenhos invisíveis	36
A ponte: uma ideia, uma peça, um material	37
Projeto Alfabeto Coletivo	40
Uma maquete – vários diálogos	41

Arquitetura, arquitetos e obras. Da investigação à prática	42
Diálogos com a Cidade	43
Projeto <i>Nós Propomos</i>	44
Inspiring Girls	46
Empreender o futuro (em tom de Azul)	48
“Debaixo de água”	50
O contributo das partes interessadas na construção do Roteiro de Sustentabilidade 20-30 do Valsassina	52
Entrevista com a Bióloga Vanda Brotas	54
Saída de campo à ZIBA	57
Moléculas Fascinantes	58
Entrevista com David Marçal	60
Prevenção rodoviária e o projeto PAFSE (Partnerships For Science Education) – A implementação dos cenários de aprendizagem	62
Pensar a Terra, agir no Valsassina	64
O Projeto Public Speaking foi distinguido com o Selo Europeu 2022 para as Iniciativas Inovadoras na Área do Ensino/Aprendizagem das Línguas	65
Ponte entre gerações	66
Para um ensino de qualidade da História no séc. XXI.	
Conhecer a Lisboa das Descobertas	67
À Procura da História – Projeto do 9.º Ano	68
Atlas do mundo político do século XXI	
Um projeto mobilizador	69
Discursos históricos	70
Programa “Academia Valsassina 10.º Ano, Ferramentas para o Futuro”	72
Programa “Disciplinas Avançadas”	73
Quadro de Honra 1.º P 2022/2023	74
Aconteceu	76
Aconteceu no desporto	80
Vai acontecer	80

FICHA TÉCNICA

Fundadores Frederico Valsassina Heitor, Maria Alda Soares Silva e seus Alunos
Diretor João Gomes
Direção Editorial Marta Magalhães Silva, Filipa Costa e Joana Baião
Paginação e Impressão idg · Imagem Digital Gráfica
Propriedade Colégio Valsassina
Tiragem 1600 exemplares

Colégio Valsassina
Largo Frederico Valsassina
1959-010 Lisboa
218 310 900
218 370 304 fax
geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt



editorial

João Gomes Diretor pedagógico

Em 1921, o primeiro congresso da *New Education Fellowship* reuniu, em Calais – França, educadores/as de todo o mundo em torno da renovação da educação e da escola e ficou marcado pelo lançamento do relatório “*Uma nova educação para uma nova era*”. Os seus autores, que estiveram na origem da criação da UNESCO em 1945, defendiam a importância da educação para enfrentar os problemas que eram vistos como ameaçadores para a civilização.

Passados mais de 100 anos da publicação deste relatório, a UNESCO volta a evocar o papel transformador da educação na construção de um futuro sustentável e pacífico para todos, baseado em justiça social, económica e ambiental. O relatório “*Reimaginar os nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação*”, tendo como horizonte o ano 2050, defende a necessidade urgente de reinventar a educação em torno dos princípios de cooperação, colaboração e solidariedade, de promover as competências intelectuais, sociais e morais dos/das estudantes e de enfatizar a aprendizagem ecológica, intercultural e interdisciplinar.

Pensar sobre a aprendizagem e as relações entre os/as alunos/as, os/as docentes, as famílias, o conhecimento e o mundo são desafios que assumimos diariamente no Colégio.

Procurando estratégias que permitam dotar os/as nossos/as alunos/as de conhecimentos e competências para enfrentarem os reptos presentes e futuros alternativos com confiança e adotando uma aprendizagem de matriz humanista, convocamos toda a nossa comunidade a *promover diálogos*.

Promover diálogos significa olhar para a educação como um processo de permanente encontro com o conhecimento e de construção contínua de experiências, tanto para quem aprende como para quem ensina. Projetos como “A bandeira do mundo”, os “Jovens Deputados”, ou o “*Bootcamp*” são disso exemplo. Colocam os/as nossos/as alunos/as a refletir sobre o “eu” e o “nós”, sobre o mundo em que vivem, sobre a importância de agir e contribuir para uma sociedade democrática e plural. Já o Projeto “LOOP” realça a importância de envolver os/as nossos/as docentes na partilha de experiências e de boas práticas pedagógicas como parte integrante do seu trabalho.

Promover diálogos significa criar um ambiente de aprendizagem cooperativo, onde as nossas crianças e jovens aprendem a ouvir os outros, a refletir e a pensar de forma crítica.

São experiências de aprendizagem em que, de forma ativa, com empatia e compromisso, há lugar à cocriação de novo conhecimento. Ao desafiar as famílias a virem ao Colégio partilharem as suas histórias e os seus saberes, ricos e diversificados, estamos a contribuir para uma aprendizagem intergeracional e interdisciplinar. Ao incentivar os/as jovens a participarem em intercâmbios no âmbito da rede *European School Network*, estamos a tirar partido de oportunidades educativas em diferentes contextos culturais e sociais.

Promover diálogos significa estimular a criatividade coletiva, a descoberta de novos caminhos, a comunicação de ideias sustentadas. Os projetos PAFSE, Roteiro 2030 e *TecAtlantic* permitem transformar o conhecimento em ação, ao mesmo tempo que convocam os nossos alunos e as nossas alunas para empreender. Adotando uma abordagem interdisciplinar, suportada em *Problem-Based Learning*, procuramos realçar a importância de olhar para os ecossistemas que nos envolvem e que sustentam a vida no planeta como contextos de aprendizagem.

Promover diálogos significa desafiar os/as nossos/as alunos/as a usarem a imaginação na construção de narrativas inéditas num ambiente de liberdade de expressão que lhes permite (re)interpretarem o mundo, criarem percursos de descoberta e desenvolverem o pensamento autónomo. As diversas atividades realizadas ao longo das Semanas das Línguas e das Artes, entrecruzando diferentes linguagens, ilustram as dinâmicas criativas adotadas no Colégio.

Ao *promover diálogos* estamos, acima de tudo, a orientar os/as nossos/as alunos/as para a construção de um futuro melhor. Estamos a criar oportunidades educativas com significado e qualidade, tirando o máximo partido das melhores características de cada um.

EM DESTAQUE

“Não consigo... Ainda!": O poder do *mindset* de crescimento nas aprendizagens

Patrícia Sarmiento Psicóloga e Consultora Educacional. Cofundadora da Semear Valores

Quem nunca disse ou pensou: “Eu não tenho jeito nenhum para isto!”?

Esta voz crítica que ouvimos internamente tem o poder de criar insegurança e dúvida, diminuindo, muitas vezes, a nossa coragem para arriscar ou experimentar algo novo.

Todos queremos que as crianças e jovens experimentem, tentem e persistam, vencendo o medo daquela voz crítica. Cultivar um *mindset* de crescimento desde a infância pode ajudar!

O que é *mindset* de crescimento?

De acordo com Carol Dweck, *mindset* de crescimento é a crença de que a minha inteligência e as minhas qualidades são aspetos que posso cultivar através dos meus esforços, de estratégias e com a ajuda de outras pessoas. Ter um *mindset* de crescimento é acreditar que, com esforço, dedicação, persistência e ajuda, eu posso conseguir!

Por oposição, um *mindset* fixo é a crença de que a minha inteligência e as minhas qualidades são imutáveis e permanecem estáveis ao longo da vida. Um *mindset* fixo faz-nos sentir que estamos a ser postos à prova, como se ter sucesso fosse um resultado binário: ou tens boas avaliações e és inteligente ou tens más avaliações e és burro! É o *mindset* fixo que nos leva a dizer: “Eu vou para letras, porque não tenho queda para as matemáticas!”.

Esta ideia de que “não consigo” e, portanto, nem vale a pena considerar esse caminho, pode ser profundamente limitadora, como se, quando colocados perante um problema, sentíssemos automaticamente um nó no estômago, o nosso cérebro bloqueasse e o pensamento simplesmente não ocorresse. O *mindset* fixo parece condicionar automaticamente a resposta do nosso corpo. Nesses momentos, é preciso respirar fundo, fazer uma pausa e perceber que essa reação se deve a uma crença interna e não à realidade.

Mas há boas notícias: o nosso verdadeiro potencial é desconhecido!

Então, como podemos proporcionar ambientes que estimulem um *mindset* de crescimento junto das crianças e jovens? Não havendo receitas, convidamo-lo/a a conhecer estes 3 ingredientes!

1. Manter-se atento/a ao seu próprio *mindset*

De forma geral, tendemos a desenvolver um *mindset* mais fixo ou de crescimento, consoante as experiências que vivemos, desde tenra infância. O nosso próprio *mindset* – quer tenhamos consciência dele ou não – vai influenciar a forma como ajudamos as crianças e jovens a desenvolver o seu potencial, em casa ou na escola.

Estar-mos mais atentos aos nossos pensamentos é o primeiro passo para criar ambientes propícios ao desenvolvimento de um *mindset* de crescimento. Perante um obstáculo, que tipo de pensamentos habi-

“... é importante proporcionar ao(s) filho(s) e/ou filha(s) um contexto cooperativo e de confiança.”

tualmente lhe ocorrem?: “Não consigo!” ou, ao invés, “Como é que eu vou dar a volta a isto?”.

Os nossos pensamentos, comportamento e atitudes traduzem o nosso *mindset*. Sempre que nos deparamos com um pensamento derrotista, podemos e devemos procurar pensamentos alternativos, encorajadores: “Não consigo, ainda!”. Por nós e pelos jovens que nos veem como modelos educativos.

2. Criar um ambiente propício

Uma vez, uma professora contou-me que, no início de cada ano letivo, diz, principalmente às turmas que já acompanhara anteriormente: “Este ano começamos novamente do zero! Não me importa se no ano passado tiveram “muito bom” ou negativa à minha disciplina. O que vai contar é o vosso trabalho e progressão este ano!”. Criar um ambiente que valoriza o esforço, o trabalho, as diferentes estratégias para lá chegar e o progresso faz toda a diferença na atitude com que as crianças e jovens encaram a aprendizagem!

Paralelamente, enquanto pais, também é importante proporcionar ao(s) filho(s) e/ou filha(s) um contexto cooperativo e de confiança. É fácil fazer juízos de valor sobre as crianças, comparando-as: “Ela tem muito jeito para desenhar, já o irmão é mais jogador da bola!”. Quem nunca!? As nossas reações aos comportamentos dos/as filhos/as moldam as suas crenças em relação às suas capacidades. Por exemplo, como é que eu reajo quando cometem um erro? Reajo logo: “Está errado!” ou “Nem ouviste a pergunta.” Fico desapontado/a? Irritado/a? Ou aceito o erro e procuro refletir com a criança sobre o que poderia ser melhorado?

3. Ensinar o que é um *mindset* de crescimento

O nosso cérebro é como um músculo. Quando se aprendem coisas novas, as ligações minúsculas no cérebro multiplicam-se e tornam-se mais fortes. Quanto mais se desafia a mente a aprender – através do treino, do exercício, da repetição, do estudo – mais se fortalecem os “caminhos” neuronais. Quando explicada, esta descoberta da Ciência irá fascinar as crianças e jovens!

Pode fazê-lo, vendo com eles vídeos do Mojo (*YouTube*) ou partilhando histórias e biografias inspiradoras, como a do Panda Kung Fu ou da Lego. Nestas histórias, ajude-os/as a identificar os aspetos que explicam o sucesso: o “acreditar” que se consegue, a persistência, o esforço, a ajuda de outros, o uso de diferentes estratégias.

E porque não criar algumas frases empoderadoras, como, por exemplo: “Praticar fortalece o meu cérebro!”, “Eu dou o meu melhor!”, mantendo-as visíveis na sala de aula ou no quarto?

Ajudar as crianças a viver o seu potencial faz parte da missão da Semear Valores.

Conheça os recursos que criámos para crianças sobre este tema



Bibliografia

- Dweck, C. (2014). *Mindset: A Atitude Mental para o Sucesso*. Vogais
Dweck, C. (2008). *Mindsets and Math/Science Achievements*. Carnegie Corporation of New York-Institute for Advanced Study Commission on Mathematics and Science Education

“Ter um *mindset* de crescimento é acreditar que, com esforço, dedicação, persistência e ajuda, eu posso conseguir!”

EM DESTAQUE A bandeira do mundo

Marta Magalhães Silva e Nancy Ribeiro Professoras do Laboratório de Ideias

A disciplina de Laboratório de Ideias surgiu no currículo do 9.º Ano como um complemento de educação artística pensado pelo Colégio, para oferecer aos alunos e às alunas a oportunidade de explorar a criatividade e novas técnicas artísticas, refletir sobre si próprios e o mundo envolvente, desenvolver capacidades de trabalho cooperativo e colocar em prática metodologias de projeto.

O projeto “Bandeiras do Mundo” – inspirado na obra de Fayal Baghrich (Épuration élective, 2009), presente na exposição Europa Oxalá da Fundação Calouste Gulbenkian – convocou os alunos e as alunas a refletir em grupo sobre o estado do mundo, a selecionar conceitos-chave e a expressar graficamente as suas ideias, criando uma bandeira para o mundo.

Na primeira aula do projeto, os/as estudantes percorreram um conjunto de mesas temáticas onde identificaram momentos importantes da História, notícias marcantes da atualidade, locais icónicos, entre outros. Depois, criaram estudos para a bandeira e o trabalho final foi executado em tinta aquosa sobre têxtil. As fotografias e textos justificativos que apresentamos em seguida são alguns exemplos das 40 bandeiras do mundo criadas em sala de aula.



As cores de fundo – vermelho e branco – simbolizam, respetivamente, a guerra, o conflito Humano e a paz no mundo. No meio, é visível uma esfera dividida em 4 partes. No canto superior esquerdo, está o símbolo universal da *internet*, representando a inovação tecnológica presente na sociedade. Achamos que esta área é um ponto chave no mundo atual. No canto superior direito, colocámos o símbolo universal da igualdade entre sexos porque acreditamos que a História do mundo está marcada por igualdades e desigualdades de direitos. No canto inferior esquerdo, o Sol remete para as alterações climáticas, enquanto grande obstáculo que poderá comprometer o desenvolvimento do mundo. No canto inferior direito, está representada uma nota que simboliza os interesses económicos, que se manifestam em várias áreas, nomeadamente no poder político.



José Rocha, Tomás Limele e Duarte Antunes 9.º D



O nosso primeiro gesto foi o desenho do Yin Yang, para representar o equilíbrio entre os géneros, envolto na bandeira LGBTQIA+, símbolo de todas as comunidades existentes no globo. Em torno destes elementos, a poluição surge como uma nuvem cinzenta. O fundo de verde representa a natureza e o gráfico a vermelho, a economia. A nossa bandeira pretende transmitir conceitos como o equilíbrio, a liberdade, a economia e o ambiente.

Alexandre Carvalho, Rodrigo Ribeiro e Rita Machado 9.º C

Na nossa bandeira, desenhámos o mundo no centro do tecido e um triângulo a ocupar 1/6 deste espaço, onde inserimos a representação dos problemas do mundo (doenças, guerras e alterações climáticas). Na nossa perspetiva, há mais beleza no mundo do que problemas. O fundo da bandeira é amarelo, pois essa cor representa a alegria.

Carlos Claro, Gonçalo Benoiel e Constança Alves 9.º C



A bandeira que criámos está dividida ao meio, porque consideramos que tantos são os aspetos positivos do mundo como os negativos. No centro, está representada a Terra, rodeada de círculos que representam a diversidade e especificidade dos elementos que a compõem.

No lado esquerdo, a bandeira tem o fundo cinzento, símbolo dos problemas causados pelo Homem. Nos círculos desse lado, representámos a guerra, a poluição, as doenças, a inflação, os incêndios e o símbolo nuclear. Do outro lado, as cores do arco-íris simbolizam a alegria, a diversidade, a união e as relações entre espécies. Neste lado, os círculos apresentam espécies animais e vegetais do planeta, como um peixe, uma planta, um cogumelo, um panda e uma águia.

Marta Santos, Marta Ribeiro e Margarida Lopes 9.º B



As diferentes cores presentes nesta bandeira visam transmitir diferentes ideias. Por exemplo, o vermelho simboliza a guerra e o amarelo remete para o dinheiro e a riqueza. Os símbolos representados a preto ajudam a interpretar os significados atribuídos às cores. Ao centro, o fundo branco simboliza a vida humana, uma tela em branco onde pintamos o nosso futuro, onde tomamos decisões e optamos por vários caminhos. Esta bandeira é intencionalmente abstrata para que cada um possa ter uma leitura própria da sua mensagem.

João Souto, Sofia Amaral e Amey Crawford 9.º B



Sofia Carvalho e Beatriz Alegre 9.º A



Inês Quental, Henrique Macedo e Mariana Coelho 9.º B



João Souto, Sofia Amaral e Amey Crawford 9.º B

DIÁLOGOS De mãos dadas

solidários

Inês Paixão e Inês Calmeiro 12.º 3



As melhores pontes que podemos construir são feitas de pessoas, por pessoas e para pessoas. Pessoas que, dialogando consigo mesmas, vão edificando e desenvolvendo a sua própria ponte. E pessoas que, enquanto “se constroem”, estão de mãos dadas com outras e que, assim, ultrapassam os (bons) desafios da vida com mais força.

Desafiadas pelos projetos solidários promovidos pelo Colégio, dialogamos com jovens, no CIJ – Centro de Informação Juvenil da paróquia de São Maximiliano Kolbe, e com idosos, no Lar de Idosos da ASE – Associação Assistência Social Evangélica.

Por um lado, considerando que a educação é uma ponte para o futuro que nos torna mais robustos e mais capazes de corresponder àquilo que o mundo nos pede e propõe, é interessantíssimo pensar que, mais ou menos nitidamente, estamos a arquitetar uma ponte através do diálogo com os/as jovens do CIJ. Mas o desafio é grande. Às vezes, não conseguimos edificar pilares. Às vezes, as pontes também caem... Nem sempre conseguimos perceber claramente as suas dúvidas, as suas dificuldades. Nem sempre sentimos como deveríamos os seus pequenos grandes sucessos. Nem sempre nos conseguimos fazer entender. Às vezes, falta cimento para ligar os tijolos. E é nesses momentos, em que o curso de água quase nos chega aos joelhos depois de uma longa sessão de trabalho, que dar as mãos se torna tão necessário. Reforçar a proximidade, reconstruir o diálogo e recomeçar a ponte novamente.

Por outro lado, tendo em conta que o futuro se constrói partindo do passado, que só o passado nos torna mais conscientes e mais capazes de compreender aquilo que o mundo nos oferece, é igualmente relevante o diálogo que estabelecemos com os utentes do Lar de Idosos. Muitos deles não se lembram exatamente da sua história de vida, partilham acontecimentos que não aconteceram ou momentos do seu dia a dia que envolvem pessoas que já morreram. Preenchem os bcos da memória através da imaginação, pintam as lacunas do seu pensamento com sentimentos e expectativas, com medos e ambições de outrora, emoções que moldaram as pessoas que são. De facto, algumas das recordações que evocam foram esvaziadas de qualquer realidade concreta, mas nelas se encontram os fragmentos interiores mais reais das suas vidas.

Perderam muito. Mas também ganharam muito. E alguns mantêm ainda acesa essa labareda de alegria, de esperança, de humor. Todos eles ganharam e todos eles perderam, numa ocasião ou noutra. Mas têm também algo a acrescentar, muita sabedoria a partilhar. No final do dia, é isso que os define, é disso que eles se lembram por entre as armadilhas da memória.

Assim, enquanto dialogamos, aprendemos. Aprendemos com os/as jovens e com os/as idosos/as. Aprendemos com pedaços de conversas mas também através do exemplo de dedicação e paciência de todos/as os/as que, de mãos dadas, constroem diálogos e, com eles, procuram edificar pontes.



DIÁLOGOS Entre Religiões

inclusivos

Paulo Vitória Professor de Educação Moral e Religiosa Católica

Perante os recentes fenómenos sangrentos de fundamentalismo religioso, que geram reações também elas fundamentalistas, e perante a necessidade de uma educação para o diálogo e o conhecimento mútuo, fará sentido a presença atual da Religião e, de forma particular, da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) na escola?

A EMRC na escola “não é catequese”, como aquela ministrada na paróquia, mas “cultura religiosa”. É o estudo da ética e da cultura católicas. No entanto, não é apenas um “estudo fechado” sobre o catolicismo, sendo preocupação dos/as professores/as do Valsassina a abertura ao restante cristianismo e a todas as outras religiões monoteístas e politeístas.

A frequência da EMRC, inserida na cultura humanista do Colégio, que visa a formação integral do/a aluno/a, ajuda os/as jovens a tomarem consciência do património e da cultura sobre os quais se fundamenta a civilização ocidental. Portanto, não só introduz as interrogações universais sobre a existência humana como oferece a todos, cristãos ou não, a possibilidade de compreender a sociedade e a cultura do nosso país e do Ocidente.

A presença, cada vez mais visível, de religiões diferentes da católica é, sem dúvida, uma riqueza. A EMRC ajuda a abrir o diálogo para a sã convivência e para o respeito pelas diferenças. No Valsassina, são visíveis as iniciativas para uma cultura de diálogo e de “criação de pontes” com as outras religiões ou credos religiosos, destacando-se, nesse âmbito, as visitas de estudo a locais de culto do Cristianismo católico, do Judaísmo e do Islamismo (Sé Catedral, Sinagoga e Mesquita) ou do Catolicismo de Rito Oriental (Capela Bizantina em Fátima); o voluntariado no Lar ASE da Associação Assistência Social Evangélica; e diversas iniciativas de solidariedade, como aconteceu com o apoio à crise humanitária na Ucrânia...

Marginalizar a dimensão religiosa é ingénuo porque priva a pessoa de uma dimensão essencial e que se revela indispensável, sobretudo nos dias de hoje. As raízes religiosas são um tesouro único, ao qual se deve aceder para evitar a cultura do descarte em que vivemos. Riqueza que nos retira do individualismo exasperante e dos conflitos por interesses económicos que destroem apenas por “lucro pessoal ou empresarial”.

O objetivo da EMRC no Colégio não se reduz à transmissão de informações, mas pretende ajudar os alunos e as alunas a adquirir uma “sabedoria”, com uma tensão constante na procura do conhecimento, acompanhada pela consciência de que a verdade está sempre para além da própria compreensão do ser humano. Neste sentido, o trabalho dos/as professores/as é de acompanhar os/as jovens na formação de uma identidade livre e responsável e de um olhar crítico sobre a realidade, capaz de propor diálogos para o bem comum numa sociedade cada vez mais inclusiva.

“... [a] cultura humanista do Colégio, que visa a formação integral do/a aluno/a, ajuda os/as jovens a tomarem consciência do património e da cultura sobre os quais se fundamenta a civilização ocidental.”

O Papa Francisco, num discurso que fez em 2013 a alunos e a alunas de escolas orientadas por jesuítas, disse: «A escola é um dos ambientes educativos no qual se cresce para aprender a viver, para nos tornarmos homens e mulheres maduros, capazes de caminhar e percorrer a estrada da vida. Como é que a escola vos ajuda a crescer? Ajuda-vos não só no desenvolvimento da vossa inteligência, mas na formação integral de todas as componentes da vossa personalidade.».

Recorrendo às palavras do Papa Francisco, vemos que é necessária uma formação completa da pessoa, na qual não podemos transcurar a dimensão religiosa. Aliás, sem ela, não seria possível compreender-se muitos dos acontecimentos históricos, muitas das obras literárias e artísticas e, sobretudo, perceber-se e entender-se a motivação profunda que move tantas pessoas a conduzir a sua vida em nome de determinados princípios e valores.

O conhecimento da religião tem um papel fundamental na compreensão da sociedade atual porque nos permite perceber aspetos importantes da nossa identidade cultural e nos ajuda a estabelecer diálogos com culturas e religiões diferentes.

Projeto LOOP Indução de Professores através de Mentoria

Vânia Ferro Professora do 1.º Ciclo
Marta Zegre Professora do 2.º e 3.º Ciclos
José Rainho Professor do Ensino Básico e Secundário

À data da escrita deste artigo, cumprimos as três primeiras etapas a que nos propusemos no âmbito do Projeto LOOP. Planificámos o nosso trabalho e abordámos questões de motivação. Cumprimos algumas dinâmicas que, baseando-se nos resultados do preenchimento de questionários, nos proporcionaram momentos de debate orientado que nos permitiram tirar conclusões bastante interessantes. Têm sido sessões produtivas e muito agradáveis. José Rainho, a desempenhar o papel de mentor

O Projeto LOOP tem apelado à reflexão sobre a nossa prática profissional. As atividades desenvolvidas no âmbito do projeto baseiam-se no princípio da aprendizagem colaborativa. A partilha de experiências e conhecimentos do mentor e das mentorandas é promovida neste tipo de trabalho, ajudando a ultrapassar as dificuldades da atividade docente.

Vânia Ferro, a desempenhar o papel de mentoranda

No dia a dia do professor comum, nem sempre há muito tempo para pensar em metodologia, dando-se maior relevância a ferramentas e instrumentos e, tendo em conta as exigências letivas e não letivas, o tempo para se refletir sobre a prática, sobre o que nos continua a motivar e sobre o que é ser professor é escasso. Neste sentido, o projeto e as dinâmicas propostas pelo programa são um reforço muito importante para haver um espaço de autor-reflexão entre mentorandas e mentor, o que nos desafia a pensar sobre tudo o que implica ser professor.

Marta Zegre, a desempenhar o papel de mentoranda

Não há como fugir ao assunto: a profissão docente está em crise. A percepção em geral pouco apelativa, pelo menos para a opinião pública, da carreira de professor/a faz com que menos jovens procurem esta via profissional. Além disso, os desafios diários desta atividade levam a que, todos os anos, um número não negligenciável de professores/as acabe por abandoná-la. Estes fatores constituem uma ameaça preocupante para o ensino em Portugal bem como em muitos outros países do mundo.

É neste contexto que surge o LOOP, um projeto inovador que visa o desenvolvimento profissional e pessoal dos/as professores/as, através de programas de indução baseados em mentoria. Este projeto resulta de uma parceria entre sete países e catorze organizações europeias, com coordenação da DGAE, delegada na INOVA+, contando ainda, em Portugal, com a participação da Casa do Professor e do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Trata-se de um projeto co-financiado pelo programa Erasmus+, da União Europeia, que pretende, através de experimentação, construir materiais e pôr em prática procedimentos que contribuam para o acompanhamento e a capacitação profissional de novos/as professores/as bem como alavancar a mudança no âmbito das políticas educativas no que ao acompanhamento desta profissão diz respeito.

Estes materiais, baseados em atividades práticas de debate e entreajuda entre o mentor (papel desempenhado por um/a professor/a mais experiente) e os/as respetivos/as mentorandos/as, tentam valorizar e apoiar o importante trabalho dos/as professores/as não apenas em início de carreira mas em todas as etapas da sua vida profissional.

A participação do Colégio no Projeto LOOP prende-se com uma implementação “de teste” do programa de indução de professores/as através de estratégias de mentoria, em que o/a mentor/a desenvolve com os/as mentorandos/as atividades com o objetivo de fornecer pistas e de acompanhar o seu trabalho nas mais variadas áreas e temáticas do seu dia a dia, incluindo questões como motivação, organização de sala de aula, gestão de tempo e tarefas burocráticas e administrativas. O objetivo é validar os materiais já existentes e contribuir para a sua melhoria, para que cheguemos efetivamente a um processo completo e eficaz de acompanhamento de novos/as professores/as ao longo dos primeiros anos de docência e ajudemos docentes mais experientes a recuperarem motivação e eficácia em momentos mais difíceis das suas carreiras.

“... o LOOP [é] um projeto inovador que visa o desenvolvimento profissional e pessoal dos/as professores/as, através de programas de indução baseados em mentoria.”

Português, Chave-Mestra na Construção do Conhecimento

Ana Sofia Couto Professora de Português

Mal entrávamos em casa, sem sequer pensar, regressávamos imediatamente à língua original, que não nos obrigava a pensar nas palavras, mas apenas nas coisas que eram ou não eram para ser ditas, a língua que se agarrava ao corpo.

Annie Ernaux, *Os Anos* [Les Années, 2008]

Os Anos, da escritora francesa premiada em 2022 com o Nobel da Literatura, é um livro belíssimo, escrito para salvar aquilo de que é feita a vida, as imagens: “Salvar qualquer coisa do tempo onde não voltaremos a estar” é a última frase da obra¹. Na sua memória-imagem, Ernaux vê a escola como espaço onde havia regras e onde se falava o francês “correto”; fora da escola, existia a língua que “não obrigava a pensar” nas palavras. O que está implícito nesta dicotomia é a existência de dois espaços/momentos que pressupõem diferentes estados de consciência relativamente às palavras. Creio que é disto que trata sempre a aula de Português. Na leitura, na escrita ou na interpretação de textos, anda-se sempre a arranjar pretextos para que a linguagem não se torne transparente. A consequência disto é um vaivém quase contínuo entre *o estar a dizer algo* e *o estar a pensar na forma como se disse*.

Se nisto reside a especificidade da disciplina – promover um trabalho de pensamento sobre as palavras e a língua –, outro aspeto diferenciador é ser a língua portuguesa um instrumento de aprendiza-



“Chá com Livros” com a participação do avô da aluna Leonor Carvalho do 8.º B

gem nas outras disciplinas/áreas do saber – uma espécie de *chave-mestra* essencial no processo de construção de conhecimento. Com efeito, como lembra Ana Carvalho², nem todos/as são professores/as de Português, mas, no uso da mesma *chave*, todos/as são “professores/as em Português”.

A minha breve reflexão incide sobre o tipo de relação que esta *ferramenta* especial – a língua – estabelece com outras disciplinas, tomando sempre como referência as perguntas que vou fazendo a mim própria enquanto professora de Português.

1. Ler e dizer coisas com o/a professor/a de Português

Na aula de Português, há, quase sempre, um trabalho com textos³. Idealmente, o/a aluno/a aprende a *ler melhor* com o/a professor/a de Português, isto é, aprende a decifrar melhor aquilo que um texto quer dizer, recorrendo a estratégias específicas: sublinhar, identificar antecedentes e relações entre partes do texto, sintetizar, parafrasear, etc. Neste sentido, falando-se de leitura não literária, o diálogo interdisciplinar acontece de forma não

programada: o/a professor/a pode, claro está, ler qualquer texto com as suas turmas.

No caso da leitura literária, trata-se de textos que, em princípio, os/as alunos/as não irão encontrar nas outras disciplinas. *Em princípio*, uma vez que, na História, na Geografia ou na Filosofia, é possível encontrar algo como uma essência literária: textos que evidenciam um tipo de interesse pelas questões humanas, o mesmo interesse an-

¹ Annie Ernaux, *Os Anos*. Tradução de Maria Etelvina Santos, Lisboa, Livros do Brasil, 2022 [Les Années, 2008].

² Ana Carvalho, *Transversalidade, compreensão na leitura e Gestão Flexível do Currículo*. Tese de Doutoramento em Gestão Curricular apresentada à Universidade de Aveiro em 2006, p. 45. Disponível em <https://ria.ua.pt/handle/10773/1101>.

³ Do ponto de vista linguístico, os textos são orais ou escritos, entenda-se. Na minha reflexão, considero apenas os textos escritos.

“... [a] aprendizagem da língua [...] consiste, também, em, munidos do conhecimento do mundo que vamos adquirindo com aqueles/as que são professores/as em Português, conseguirmos descrever o mundo com mais rigor, com as expressões exatas.”

tropológico que, do meu ponto de vista, existe na Literatura, tanto na ficção como nos escritos que nos dizem o que aconteceu, nos mais diversos géneros. Eu diria que é esta abordagem do humano⁴, nas suas múltiplas vivências – o amor, a amizade, o desejo, a liberdade, a consciência da morte... – que caracteriza a especificidade dos textos literários. No entanto, mesmo que seja realizada na hora da aula de Português, esta experiência é sempre comunicada numa linguagem sem fronteiras. Há mecanismos de retórica, recursos e estratégias linguísticas que potenciam a natureza literária dos textos (ajudam a expressar melhor aquilo que nos diz respeito, aquilo que é humano e que, dizia Terêncio, não nos é – ou não nos devia – ser estranho), mas não há palavras especificamente literárias, algo como um dicionário para se escrever uma obra literária. Neste sentido, cabe ao professor de Português mostrar este diálogo necessário com outras áreas do saber. Só dessa forma ajudará os/as estudantes a compreenderem plenamente aquilo que analisam. Clarificando: analisar um texto literário pode exigir conhecimentos de História, Direito, Filosofia, Física... Não há fronteiras. No 8.º Ano, para se perceber, por exemplo, como era Sören, o austero pai de Hans no conto de Sophia⁵, tivemos de falar sobre a igreja luterana, ver algumas imagens e fazer uma viagem pelos caminhos da História, até ao lugar onde viveu a figura central

da Reforma Protestante. No caso d'*Os Lusíadas*, se quiséssemos ler a estância que descreve o Fogo de Santelmo, poder-se-ia convocar um diálogo com a Física, para *vermos* melhor aquilo que "os de Luso" teriam visto.

Outro aspeto em que penso quando considero a relação entre a disciplina de Português e os outros saberes “específicos” prende-se com o modo como vamos acrescentando novas palavras ao nosso *dicionário*. Acredito que, se aprofundar a consciência das relações de sentido entre as palavras, o/a aluno/a pode dar maior atenção ao seu discurso e, desta forma, torná-lo mais exato e claro, descrevendo com mais rigor as suas experiências e o mundo. Aqui, o/a professor/a de Português tem um papel essencial, dado que, enquanto *chave-mestra*, a sua disciplina ajuda a estruturar melhor, do ponto de vista lexical e lógico, o conhecimento que se vai construindo. A este propósito, foi interessante a discussão que aconteceu recentemente na turma 8.º. A quando estudávamos as relações de sentido entre palavras. Quando se falou sobre a relação hierárquica entre “fruto”, “vegetal” e “ser vivo”, entrámos, mais uma vez, no terreno de outras disciplinas – neste caso, as Ciências da Natureza –, pois foi necessário pensar *cientificamente* sobre a relação entre aquelas três expressões e o que elas denotam. Foi nessa altura que lancei o desafio: qual é a palavra mais “geral” que usamos quando não sabemos nomear/descrever exatamente? Quase todos responderam “coisa”, mas o Frederico, com graça e com razão, disse que era a palavra “cena”, frequentemente utilizada no discurso dos/as adolescentes para referir “tudo e mais alguma coisa”. Rimo-nos, pois, e a seguir pensámos no que significa evoluir na aprendizagem da língua. Concluímos que essa evolução consiste, também, em, munidos do conhecimento do mundo que vamos adquirindo com aqueles/as que são professores/as em Português, conseguirmos descrever o mundo com mais rigor, com as expressões exatas, com as *palavras* que dizem melhor aquilo que queremos nomear ou descrever. Conscientes de que usar a palavra “cena” não chega...

2. Ler e dizer coisas com o/a professor/a em Português

Se o trabalho de leitura de textos (literários e não literários) e de reflexão sobre as palavras traz, para a hora da aula de Português, saberes diversos, numa lógica de interdisciplinaridade natural, o trabalho nas várias disciplinas pode, a meu ver, ser uma mais-valia importantíssima no desenvolvimento da competência da leitura, entendida como compreensão/apropriação do sentido de textos, quer ao nível da relação entre as partes que os constituem quer na decifração da sua mensagem global e sentidos implícitos.

Sendo a leitura o domínio transversal por excelência – lê-se sempre, nos diversos contextos, nas diferentes disciplinas –, creio que a implementação de técnicas de leitura pode ser feita, de forma sistemática e consciente, em todas as disciplinas, uma vez que estamos todos a usar a mesma *chave-mestra*, essencial para abrir portas e construir conhecimento. Leitor competente, qualquer professor/a pode *ler sublinhando* com os/as alunos/as, ler chamando a atenção para as relações que é preciso estabelecer entre as partes do texto, *ler verificando se a leitura linear* do texto está a ser feita pelos/as alunos/as. Julgo que é muito importante fazer isto se tivermos em consideração estudos como os que Nicholas Carr apresenta na obra *Os Superficiais – O que a internet está a fazer aos nossos cérebros*. Publicado pela Gradiva em 2012, o livro defende a importância da leitura profunda, por oposição a uma leitura *superficial*. Carr mostra que a *internet* mudou a forma como lemos. Segundo o autor, “a *internet* é, pelo seu *design*, um sistema de interrupção, uma máquina determinada em dividir a atenção”⁶. De facto, dos dados que o autor apresenta podemos extrair uma conclusão preocupante: hoje, muitos já não conseguem ler profundamente, porque as suas mentes estão treinadas para a leitura *saltitante*. Por isso, o treino da leitura atenta, profunda, é fundamental na sala de aula.

Por fim, na escrita, o trabalho nas várias disciplinas também me parece uma grande vantagem. Refiro-me a um trabalho alicerçado numa “postura reflexiva”⁷ relativamente ao currículo, exigindo um conjunto de estratégias através das quais o/a professor/a também estimula o pensamento sobre as palavras. É uma queixa recorrente, entre os/as

professores/as de Português, a falta de tempo para trabalhar a competência da escrita. Trata-se de um processo complexo, envolvendo aspetos formais e aspetos de conteúdo, nos quais a linguagem, a cognição e o conhecimento do mundo estão profundamente ligados. Falta tempo para escrever com os/as alunos/as e – aspeto essencial – para *re-escrever* com eles, para pensar no que é aperfeiçoável num texto. Neste sentido, em todas as disciplinas que trabalham com textos, poderá o/a professor/a em Português desenvolver competências linguísticas transversais, elaborando, com as turmas, textos que sigam modelos, que utilizem articuladores de discurso e que, em última análise, ajudem cada aluno/a a organizar e a comunicar melhor o seu pensamento. Pensemos na importância dos conectores na elaboração de um relatório, na justificação de um raciocínio matemático ou no comentário a partir de um documento histórico. Poder-se-á, deste modo, tornar mais robusta a *chave-mestra* que ajuda a construir o conhecimento. Em português.



Sessão “Como criar um *podcast*”, dinamizada por Inês Rocha Rodrigues, antiga aluna do Valsassina e autora do *podcast* ‘Sem Nexos’, Rádio Renascença

“... estamos todos a usar a mesma *chave-mestra*, essencial para abrir portas e construir conhecimento.”

⁴ Esta ideia é defendida, por exemplo, na Tese de Doutoramento em Teoria da Literatura de Ângela Fernandes (https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/571/2/17149_TEX-TO.pdf).

⁵ Refiro-me ao conto “Saga”, que foi estudado pelas turmas do 8.º Ano.T0.pdf).

⁶ Nicholas Carr, *Os Superficiais – O que a internet está a fazer aos nossos cérebros*. Tradução de Luiza Alves da Costa, Lisboa, Gradiva, 2012, p. 137.

⁷ Segundo Maria do Céu Roldão, “Pensar curricularmente significa tão só assumir conscientemente uma postura reflexiva e analítica face ao que constitui a sua prática quotidiana, concebendo-a como campo de saber próprio a desenvolver e aprofundar não como normativo que apenas se executa sem agir sobre ele.” (*Formar professores. Os desafios da profissionalidade e o currículo*. Aveiro: Universidade de Aveiro/CIFOP, 2000).

DIÁLOGOS entre palavras e línguas

Semana das Línguas

Mónica Silva Coordenadora de Português de 3.º Ciclo

“Uma língua é o lugar donde se vê o mundo e em que se traçam os limites dos nossos pensar e sentir” Vergílio Ferreira

Na “Semana das Línguas”, gostei muito de ouvir os *Seis Contos de Eça de Queirós* recontados por Luísa Ducla Soares e de fazer o resumo dos recontos ouvidos. Gostei bastante do conto “Civilização” e de perceber a diferença entre a vida no campo e a vida na cidade. Percebi que devemos dar mais importância à natureza do que às tecnologias e à internet.

Inês Botelho, 4.º A



Contar e recontar contos de Eça de Queirós, *Short stories for little people*

Viver a “Semana das Línguas” é celebrar a língua. É celebrar a arte. A arte da palavra, do gesto, da imagem, da música, do teatro, da imaginação.

Não consigo lembrar-me da primeira “Semana das Línguas”. Ela reside na minha memória desde que o Valsassina é a minha segunda casa.

A “Semana das Línguas” é, desde sempre, vivida de forma muito intensa e entusiástica por todos os alunos e professores. É a semana onde é permitido voar para além das regras, dos limites das linhas, das palavras. É a semana em que o mais tímido canta e o mais ousado dança. É a semana em que todas as atividades são permitidas.

Este ano, entre 23 e 27 de janeiro, Isabel Alçada trouxe as suas “Aventuras”; Nuno Matos Valente ofereceu-nos personagens que nos deram a conhecer o Mosteiro de Alcobaça; Raúl Barbosa partilhou a sua experiência nas dobragens de filmes; Alfredo Leite explicou a Felicidade aos jovens; e a nossa aluna Inês Paixão deu a conhecer o seu *Porque nos Mantemos de Pé*.

Dos 3 anos ao 12.º Ano, os alunos e as alunas desafiaram-se em concursos de trava-línguas, de leitura, de gramática, realizaram traduções de Inglês, de Alemão, dramatizaram contos de Perrault, cenas avulsas do *Amor de Perdição*, *Hablaram Francês* pelas salas de aula, escreveram “Tiny memories”, tentaram angariar novos leitores com o *Book Recommendations Display* e sentaram-se a ouvir o “Chá com Livros”. Os/as pequenos/as ouvintes deslumbraram-se com as *Storytelling and Poetry*, enquanto outros adivinhavam enigmas com a *Worldcloud*.

Muitas outras atividades passaram pela Quinta das Terezinhas que deixaram e deixarão diálogos para o futuro.

A língua continuará sempre a pôr o mundo em palavras.

Na “Semana das Línguas”, gostei muito das visitas que os pais fizeram às salas de aula. Aprendi muitas coisas e, agora, tenho mais sugestões de livros para ler. Também foi muito divertido ouvir os trava-línguas dos meus colegas no “Concurso de Trava-Línguas”.

Inês Afonso 5.º D

Eu gostei muito de participar no concurso “Achas que sabes gramática?”, uma vez que, para além de desafiar os nossos conhecimentos a Português, Inglês, Francês e Espanhol, apelou à cooperação entre colegas, pois nem todos frequentamos as mesmas disciplinas.

Afonso Bouça 7.º B



Exposição de trabalhos, 3.º Ciclo



Atividade “Chantons”, 7.º Ano

Na disciplina de Espanhol, a nossa turma apresentou uma dança de merengue, que treinamos durante algum tempo nas aulas de Educação Física, enquanto os nossos colegas do 7.º D cantavam a música. Foi uma atividade muito divertida e que nos ajudou a trabalhar em cooperação, não só com os nossos pares mas também com os colegas da outra turma. Inês Venâncio 7.º C

Na “Semana das Línguas”, nas disciplinas de Inglês e Alemão, alguns de nós participamos no Concurso “Traduzir”, promovido pela Universidade Católica, em que tínhamos de preparar e traduzir textos destas línguas para português. Foi uma atividade muito interessante e desafiante, onde pudemos pôr à prova as nossas capacidades linguísticas, tanto a nível do vocabulário, como da gramática. Alunos do 11.º Ano

Encontro com o escritor Nuno Matos Valente

Inês Franco 6.º C, Nicole Pereira 6.º A, Rita Marques 6.º A e Sofia Maçarico 6.º A, sob a supervisão da professora de Português, Carla Almeida

Nuno Matos Valente começou a escrever desde cedo, inspirando-se em “ideias inúteis” que tinha na escola quando era pequeno, pois era um aluno distraído [assim se apresentou o autor].

Um dia uma professora aconselha-o a escrever as suas ideias em rolinhos de papel, guardando-os de seguida numa caixa. Já adulto, abre a caixa e inspira-se no seu conteúdo para escrever livros.

Nuno começa por escrever manuais escolares para 1.º Ciclo e só mais tarde escreve livros infantis, juvenis e para adultos.

Na “Semana das Línguas”, o escritor visitou o Colégio, explicando-nos como escreveu os seus livros e de que falam eles, sempre com um pouco de humor. Além disso, divertiu-nos, falando de *Geocaching* (jogo que consiste em encontrar caixas no meio da natureza), tema abordado no livro *A Ordem do Poço do Inferno*, que é o primeiro livro de uma trilogia.

Explicou-nos que demorou 3 anos a escrever o *Bestiário Tradicional Português*, procurando por todo o país informações sobre lendas e monstros portugueses. Explicou-nos, ainda, como funciona uma editora e o processo de publicação de um livro.

Os alunos gostaram deste encontro e recomendam o regresso do escritor. Aqui ficam algumas dessas opiniões:

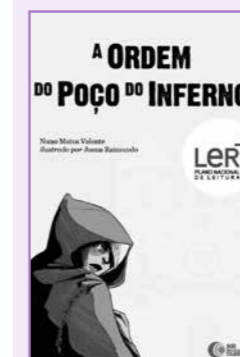
“Eu gostei, porque foi interessante saber de que falavam os livros. Também gostei das suas histórias sobre os pensamentos inúteis.”

Madalena Carneiro 6.º A

“Eu gostei muito, porque nos explicou a sua jornada de como escrever um livro.”

Maria Évora 6.º C

“O encontro com o escritor fez vários alunos e alunas pensarem no futuro e eu fui uma delas.” Mariana Fernandes 6.º A



DIÁLOGOS a partir das línguas clássicas

Imbarquemini in barco meo: latim, gregos e romanos na atualidade

Tiago Garrett Professor de Português



três estudantes, corta-se pela raiz o que não produz suficientemente. A aplicação desta lógica utilitária e economicista produzirá uma catástrofe, já que, se hoje decidimos impedir a aprendizagem do sânscrito, amanhã acabaremos por prescindir do ensino do grego e do latim. Desta maneira, quando os últimos conhecedores de sânscrito, de grego e de latim falecerem, produzir-se-á uma incapacidade arqueológica e cultural insanável: já não haverá quem seja capaz de ler inscrições ou documentos escritos nessas línguas. Na verdade, uma sociedade sem memória, que não tem relação com o seu passado, é uma sociedade que não tem futuro nem terá democracia, porque a memória é fundamental para compreender o presente e prever o futuro.

A fim de contrariar esta tendência, entre os dias 23 e 27 de janeiro, no âmbito da comemoração da “Semana das Línguas”, o Colégio Valsassina proporcionou aos/às alunos/as do 9.º Ano uma sessão sobre a importância da língua latina e sobre a pertinência da sua aprendizagem na atualidade. Deste modo, os/as discentes foram convidados/as a embarcar na história da língua e da cultura romanas – *Imbarquemini in barco meo* –, compreendendo que estão bem vivas nas artes, na publicidade ou em palavras e expressões do quotidiano, tais como *spa*, *etc. post scriptum*, *exit*, «*trabalho Sísifo*», «*presente de grego*», «*tomar a nuvem por Juno*», entre muitas outras.

Com efeito, aprenderam, ainda, que o latim deu origem a várias línguas europeias, como o espanhol, o francês, o italiano, o romeno, o português, que são faladas, hodiernamente, por miríades de pessoas em todo o mundo. Além disso, as línguas latina e grega também estão presentes nas mais diversas áreas do saber: Direito, Botânica, Química, Medicina, Física, Astronomia, Matemática, Biologia, Literatura...

De facto, para criarmos e fazermos memória, é importante conhecer as principais figuras e ciclos mitológicos da tradição greco-romana, considerando que o conhecimento das línguas e da cultura clássica é imprescindível a uma melhor compreensão do presente e do futuro, para uma plena fruição de várias manifestações artísticas presentes na atualidade, bem como para uma reflexão sobre a sociedade de ontem, de hoje e de amanhã.

“... [o] conhecimento das línguas e da cultura clássica é imprescindível a uma melhor compreensão do presente e do futuro...”

Poderá parecer muito estranho à primeira vista, mas um dos primeiros contactos que temos com o Colégio Valsassina é precisamente através do seu lema latino – *PER ARDVA SVRGO* –, delineado no logótipo da instituição e cuja tradução já poucos adivinham: «Ergo-me entre as dificuldades».

Para Nuccio Ordine, reconhecido professor e filósofo italiano, «a nossa sociedade despreza os saberes que não produzem benefício económico». Será este o caso da Cultura e das Línguas Clássicas e, por esse motivo, já não conseguimos traduzir o belo aforismo que preside ao ideário do nosso Colégio?

No seu livro *A utilidade do inútil*, o escritor reflete sobre este problema, dando o seguinte exemplo: Se aplicarmos a lógica económica e empresarial à educação, uma universidade terá de despedir o/a único/a professor/a de sânscrito, uma língua antiquíssima, pois não pode dar-se ao luxo de pagar um ordenado a um/a docente que leciona para dois ou

DIÁLOGOS interculturais

Diálogos entre a Globalização e a Diversidade Linguística e Cultural

Filipa Costa Professora de Português e Francês



“Uma vez que não somos apenas cidadãos do nosso país, mas cidadãos do mundo, é fundamental fazer convergir esses dois movimentos, celebrando as diferentes línguas.”

As línguas são mais do que simples meios de comunicação entre as pessoas. Além de se fazerem das palavras que nos permitem transmitir ou compreender uma mensagem, estas transmitem os costumes e as histórias de um povo, sendo fundamentais para a cultura de cada lugar. As línguas maternas são, assim, fatores de identidade cultural muito importantes para cada sociedade, com repercussões sociais, económicas e políticas.

Mas, num mundo cada vez mais global, serão incompatíveis a preservação da língua materna e o domínio de línguas estrangeiras?

Na verdade, coexistem duas perspetivas no que respeita ao uso das línguas: por um lado, procura-se preservar a língua materna, defendida como parte da identidade cultural de cada povo, o que é relevante para fomentar a coesão social e promover uma cidadania consciente; por outro lado, procuram-se códigos comuns de comunicação que permitam a interação entre todos os indivíduos, sendo, atualmente, o inglês a exercer essa função. Uma vez que não somos apenas cidadãos do nosso país, mas cidadãos do mundo, é fundamental fazer convergir esses dois movimentos, celebrando as diferentes línguas. É a isso que nos propomos na “Semana das Línguas”!

No que respeita à língua materna, esta desempenha um papel essencial no desenvolvimento do sentimento de pertença a uma comunidade e na forma como cada um participa na mesma. É através do desenvolvimento das competências de oralidade, leitura e escrita, o que implica o desenvolvimento de competências gramaticais, que desenvolvemos a capacidade de melhor compreender a sociedade em que nos inserimos e também de nos expressarmos relativamente a ela.

Quanto às línguas estrangeiras, estas são igualmente fundamentais para quebrar barreiras culturais, aproximando os cidadãos de diferentes partes do mundo, e promover o acesso a novos conhecimentos científicos e culturais. Além disso, a partir do conhecimento de outras línguas e culturas, desenvolvemos a capacidade de compreender e aceitar diferentes visões de mundo, fortalecendo o sentimento de empatia para com o outro.

Desta forma, num mundo cada vez mais globalizado, falar e compreender línguas, sejam elas a língua materna ou línguas estrangeiras, possibilita o estabelecimento de comunicações efetivas, o acesso a fontes adequadas de informação e a partilha de conhecimento entre indivíduos. Além disso, o estudo das línguas amplia horizontes, estimula a inovação, promove a criatividade, isto é, permite o estabelecimento de diálogos com todas as áreas da sociedade, fortalecendo uma consciência cultural alargada, tolerante e empática. É este o principal objetivo da “Semana das Línguas”.

DIÁLOGOS Entrevista com Alfredo Leite

positivos

Entrevista realizada pelos alunos Sara Abrantes 8.º C, Mariana Gomes 8.º C e Mateus Silva 8.º C, sob a supervisão da professora de Português Sofia Couto



O que é a felicidade? Foi esta a pergunta que serviu de mote para a sessão com o formador Alfredo Leite. Perguntas e provocações marcaram este encontro com as turmas do 8.º Ano. As reações dos/as alunos/as, feitas de sorrisos e olhares curiosos, traduziram interesse e envolvimento ativo na reflexão. Foi esta, aliás, uma das principais mensagens que o orador transmitiu: ser feliz passa por ter uma estratégia alicerçada numa reflexão consciente sobre quem somos e o que queremos construir na vida. A sessão teve um duplo objetivo: estimular o pensamento crítico e expressar ideias sobre temas que ultrapassam o que vem explicitamente expresso nos *currícula*.

Por outras palavras, tratou-se de estabelecer pontes entre a escola, a reflexão e a vida.

Sara Abrantes 8.º C: Quem é Alfredo Leite? Pode fazer-nos uma breve apresentação?

Alfredo Leite é pai e marido. É licenciado em Psicologia e é uma pessoa que viaja pelo país, andando de escola em escola, tentando agitar as pessoas e provocá-las, pô-las a pensar um bocadinho nas coisas [...].

Sabemos que se tem dedicado a vários projetos. Qual é aquele que desperta em si uma maior paixão?

O que desperta em mim maior paixão é este projeto em que vou às escolas [...]. Faço o meu trabalho com vários níveis de ensino e também trabalho com adultos – educadores, professores, pais –, mas, realmente, trabalhar com [jovens] é aquilo que gosto mais de fazer. Nesta idade, os jovens são mais irreverentes e mais espontâneos, por isso, tenho de dar muito mais, tenho de sair da minha área mais cómoda [...].

Mariana Gomes 8.º C: Qual é o objetivo destas conversas que desenvolve nas escolas?

O projeto [procura] a promoção do pensamento crítico. [...] O meu objetivo é despertar as consciências, pôr as pessoas a pensar, [tentar] que a educação seja como ela deve ser: espontânea, dinâmica, aberta ao mundo, surpreendente...

Num texto seu, pode ler-se “Porque temos de fazer pontes entre professores e alunos, entre alunos e professores, entre os encarregados de educação e os professores, entre a escola e a comunidade...” O que são exatamente estas pontes e porque são elas importantes?

Eu não [estou] focado apenas numa vertente da questão. Falo convosco, falo com os vossos pais e falo com os professores, como se eu fosse uma plataforma que tenta pôr as pessoas a comunicarem umas com as outras. Essas pontes são isso. [...] Temos de estar todos misturado, [temos de] trabalhar em conjunto.

“... também precisamos que vocês falem, para dar ideias e para dar soluções.”

“Enquanto escola, devemos estar preocupados em saber se os alunos são mesmo felizes, porque pessoas felizes é que mudam o mundo.”

Mateus Silva 8.º C: Sendo um profissional que conhece bem a realidade e anda pelo país, pode dar-nos a sua opinião sobre o que seria mais importante mudar na escola.

A escola tem de ser mais respeitada pelas pessoas, ou seja, as pessoas que estão de fora e que pensam que percebem a escola apenas porque andaram na escola. Para além disso, nós também temos de vos [alunos/as] escutar mais [...] mas também precisamos que vocês falem, para dar ideias e para dar soluções. Se nós vos ouvíssemos mais porque vocês falavam e se a escola tivesse mais força, a educação seria, de certeza, muito melhor.

Sara Abrantes 8.º C: Como se pode promover o gosto pela aprendizagem, em alternativa à “mera” obtenção da melhor nota possível?

A partir de uma certa altura, vocês têm de ter uma certa responsabilidade. [...] Se vocês sabem que estão muito focados nas notas, ao ponto de quase não terem vida de tanto pensarem nas notas, vocês também têm de mudar isso. [...] Do lado dos professores, fica mais difícil, porque o mundo ou a organização das coisas está montada para a questão dos exames nacionais. Enquanto assim for, fica mais complicado. [...] Teria de existir outro sistema, com menos peso atribuído aos exames nacionais no acesso ao Ensino Superior mas também, do vosso lado, assumirem mais as vossas forças, saberem em que área são bons, para não ficarem tão focados apenas numa nota.

Mariana Gomes 8.º C: Hoje, falou-nos sobre a felicidade. Do seu ponto de vista, que relação deve existir entre a escola e a felicidade?

A escola, no geral, em Portugal, é um lugar bom. É um sítio onde os alunos estão bem. Mas a escola tem de melhorar muito. [...] Enquanto escola, devemos estar preocupados em saber se os alunos são mesmo felizes, porque pessoas felizes é que mudam o mundo. Porque são as determinadas, as persistentes, as otimistas, as que tentaram uma e outra vez.

Mateus Silva 8.º C: Para terminar a nossa entrevista, temos uma pergunta que não poderíamos deixar de fazer. Tem algum conselho para seguirmos felizes na vida?

[...] O conselho que eu dou é este: pensem nestes temas como vocês têm pensado. Pensem “eu tenho tudo para deixar aqui um legado no mundo, vou criar aqui um propósito”. [...] Pensem que a vida pode ser o que vocês quiserem, se vocês trabalharem, se vocês se esforçarem.

DIÁLOGOS

entre a escrita,
a leitura e a arte

“O espetáculo vai começar!” Oficinas de construção de livros animados

Andreia Gomes Educadora Artística e mediadora cultural

“O espetáculo vai começar!” é um projeto que nasceu da fusão de duas paixões: o livro enquanto objeto artístico e pedagógico – tema que tenho vindo a trabalhar nos últimos cinco anos em oficinas de construção de livros-objeto e em sessões de histórias com livros Pop-Up feitos por mim – e o teatro de formas animadas – área à qual dediquei sete anos do meu percurso profissional.

Este projeto visa proporcionar à criança a possibilidade de explorar diferentes linguagens – visual, verbal e cénica – através da criação de livros que se transformam em pequenos palcos de teatro. Com eles, a criança aprende por meio da experiência. E a arte é uma experiência que envolve criatividade, pensamento independente, resolução de problemas e liberdade de expressão. Diversas atividades de literacia podem ser trabalhadas a partir da arte e a construção de livros é um exemplo disso.

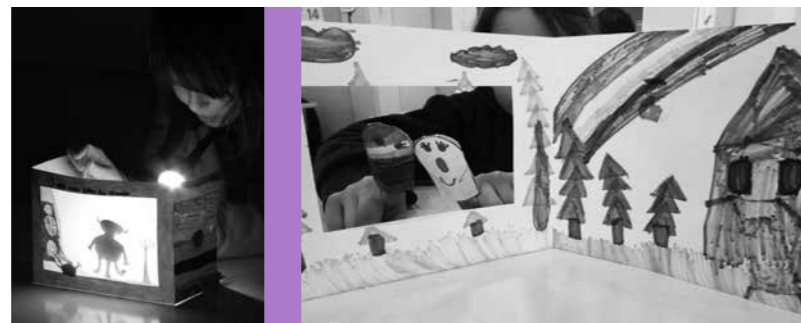
Nestas oficinas, o livro é apresentado como um espaço de experimentação em que, através da forma, dos materiais, das cores e das palavras, a criança tem a oportunidade de representar o seu imaginário e de canalizar as suas emoções, enquanto pratica as suas habilidades de expressão escrita, aumenta o seu vocabulário e desenvolve o seu pensamento crítico e criativo. A componente performativa destes livros, que convida a criança a assumir um papel ativo no processo de narração através da manipulação do livro, fortalece as suas competências comunicativas e sociais e estimula a sua sensibilidade estética e artística.

Entre os dias 23 e 27 de janeiro, alunos/as do 1.º, 2.º e 3.º Anos participaram em três oficinas deste projeto. As máscaras, os fantoches e o teatro de sombras foram o mote para a construção de livros que desafiaram os/as alunos/as a experimentar novas formas de contar histórias.

A curiosidade, o entusiasmo e a motivação estiveram sempre presentes e os/as alunos/as demonstraram um domínio da oralidade e da escrita muito acima da média. O balanço final foi muito positivo e acredito que esta experiência promoveu uma aproximação mais íntima e pessoal à escrita, à leitura e à arte.



“... a arte é uma experiência
que envolve criatividade,
pensamento independente,
resolução de problemas
e liberdade de expressão.”



DIÁLOGOS com os livros e a leitura

Clube de Leitura

Patrícia Rodrigues Professora de Português

Em 2019, ano em que se celebravam os 120 anos do Colégio Valsassina, escrevi no livro *120 ideias para o futuro* um texto que começava assim: “Na minha juventude antes de ter saído/ da casa de meus pais disposto a viajar/ eu conhecia já o rebarbar do mar/ das páginas dos livros que já tinha lido” (Ruy Belo), afirmando que os primeiros países que visitámos e os primeiros amigos que fizemos existiam/ existem em livros - ou nas histórias que nos contavam e contam ou nas que lemos ou líamos.

Afirmava também que imaginar mundos e pessoas contribuía para a construção de um universo imagético que nos salva de lugares comuns e que a Literatura dá significado ao que nos rodeia, e nos leva a alargar as muralhas do nosso conhecimento e nos ajuda a construir e a sustentar o pensamento crítico.

Por fim, além de um outro desejo, manifestei a vontade de criar um Clube de Leitura como meio para fazer os meus alunos e as minhas alunas alcançarem esses vários “fins” que anteriormente mencionei.

Quatro anos decorridos, criou-se o clube, onde os alunos e as alunas podem partilhar histórias, personagens, autores, passagens favoritas, descobertas interiores ou até pensamentos vãos. Depois de um almoço engolido à pressa, todas as quartas-feiras nos juntamos na biblioteca e damos asas ao projeto que começou com a participação de alunos do 10.º Ano.

As nossas sessões variam entre a leitura, a discussão do enredo, perguntas sobre vocabulário ou até pequenos momentos de ríada. Às vezes lembramo-nos de falar também do quotidiano, dos nossos cansaços ou preocupações, das nossas vitórias ou alegrias.

Agora que o clube começou e depois de rapidamente se ter instalado nas nossas vidas, esperamos que seja o início de um longo projeto que ajude a reunir alunos e alunas em torno dos livros e da leitura.



Na realidade, o Clube de Leitura não é uma atividade, mas sim um ambiente.

Inês Dias 10.º 3

O Clube de Leitura é um ótimo refúgio do quotidiano. É um tempo que nos faz parar para refletir, comunicar, imaginar e, claro, ler. Certamente uma maneira de descansar da correria da vida!

Inês Miranda 10.º 1B

Este clube é realmente algo inovador para o Colégio, mas é, na verdade, muito mais que isso. Um momento onde podemos relaxar, conversar sobre o nosso dia e dar as melhores ríadas (proibidas), dando-nos ao mesmo tempo algo a mais pelo que ansiar no resto da semana.

Vera Cavalheiro 10.º 3



DIÁLOGOS

entre a escola,
livros e família

A biblioteca vai a casa

Cila Baptista Educadora de Infância. Equipa operativa da Biblioteca do Colégio Valsassina

“O livro é uma janela aberta para o mundo, pois é capaz de nos transportar para outras realidades de nos fazer construir castelos de fantasia (...) o livro será sempre uma fonte inesgotável de riqueza, soprando sentimentos, paixão e companheirismo...”

Rigolet, Sylviane, 2009, p. 9

A biblioteca vai a casa é um projeto de promoção da leitura e um convite à realização de um percurso evolutivo de leituras em família, através do contacto com livros e da construção de diálogos entre escola, livros e família, que se desenvolve no Jardim de Infância, nas turmas dos 4 anos.

Semanalmente, um/a aluno/a, com a ajuda de um/a amigo/a, escolhe um livro de histórias na biblioteca da sala de aula. Leva-o para casa para ler e preparar a sua apresentação à turma, juntamente com um flyer com algumas indicações para os pais.

Antes de aprender a ler, a criança tem de fazer ideia do que é a leitura e o primeiro passo é ouvir histórias. A audição da leitura feita por pais, mães e educadores/as tem uma tripla função: cognitiva, porque abre uma janela sobre conhecimentos, organiza informação e ajuda a elaborar cenários e esquemas mentais; linguística, porque aumenta o repertório de palavras, a parafrasear e a compreender; e afetiva, porque a criança descobre o universo da leitura pela voz de alguém em quem ela tem mais confiança e segurança.

Ficam alguns testemunhos de pais, mães, educadoras, alunos e alunas que já concretizaram a sua participação e, com agrado, deixaram algumas palavras que nos fortalecem e motivam a continuar.



Treinei com os meus pais e depois apresentei bem na aula, pois quase lia tudo sozinha. Os meus pais e a mana ouviram também.

Diana Silva, Turma 4 anos B

É uma iniciativa que planta sementes para futuro, pelas similitudes com os projetos dos crescidos, mas em ponto pequeno.

Tomás Coimbra, pai do Duarte Coimbra, Turma 4 anos C



Bibliografia

Morais, José (1997) *A Arte de Ler*. Edições Cosmos. Lisboa

Rigolet, Sylviane A. (2009) *Ler livros e contar histórias com as crianças*. Porto Editora. Porto

“A biblioteca vai a casa” é um projeto muito giro e que tem resultado muito bem. Vimos a alegria e a responsabilidade com que as crianças escolhem um livro para, depois de bem trabalhado e explorado em casa, ser apresentado na aula. [...] É um livro e uma história que vêm carregados de importância e muito afeto. Na minha opinião, é um ótimo elo entre a casa e a escola.

Inês Raimundo Educadora de Infância, Turma 4 anos A

Foi divertido preparar a história em casa com o pai e a mãe. Na escola, olhei para o livro, pensei, lembrei-me e consegui contar a história à turma.

Julieta Rodrigues, Turma 4 anos A

Considero esta iniciativa bastante importante, pois estabelece uma relação afetiva e uma interação entre a escola e a casa. Permite à criança falar para outras crianças, promovendo, assim, a sua autoconfiança ao nível da comunicação, tão importante nos dias de hoje!

Mariana Pinto Educadora de Infância, Turma 4 anos B

Foi uma experiência muito positiva, na medida em que pudemos juntar o nosso núcleo familiar na leitura de uma história com todas as vozes, entoações, gestos possíveis e diferentes maneiras, saindo da rotina de apenas ler uma história ao deitar.

Catarina Afonso Mãe do Martim Paes, Turma 4 anos B

Como Educadora é muito gratificante ver a alegria, a dedicação e criatividade que cada criança põe na sua apresentação bem como o respeito e a empatia que os/as amigos/as demonstram durante a apresentação dos livros.

Maria Vicente Educadora de Infância, Turma 4 anos C

Quando levei o livro para casa, toda a minha família ajudou a preparar a minha história. A mãe e o pai ajudaram a ler muitas vezes o livro. Até a minha avó ajudou...

Margarida Pessanha, Turma 4 anos C



EM DESTAQUE A Fonte da Música

Henrique Rodrigues 12.º Ano (2021/2022)

Prémio literário Maria Alda Soares Silva

Maria Alda entrou no Colégio em 1965. Foi professora de Português e Francês, investigadora, autora de manuais e livros. Integrou a Equipa Diretiva desde o tempo de Frederico Valsassina Heitor até julho de 2020. Foi ainda Diretora dos Departamentos Didáticos do Colégio Valsassina entre 2010 e julho de 2020.

A relevância do seu percurso e importância para a história do Colégio justificaram a criação de um Prémio Literário em sua homenagem.

Na edição 2022 deste Prémio, o júri foi composto pela Professora Mónica Silva (em representação do Departamento de Português do Colégio), a escritora Isabel Alçada e o professor e jornalista António Luís Marinho.

O júri deliberou a atribuição do 1.º Prémio ex-aequo à aluna Inês Paixão (11.º 3) e ao aluno Henrique Rodrigues (12.º 1A).

Publicamos nesta edição da Gazeta Valsassina o texto do Henrique Rodrigues.



Estava no supermercado quando a ouvi pela primeira vez. Tinha apenas ido comprar pão com chouriço, com esperança de que fosse ter um sabor parecido com o que eu comia quando era nova, mas, depois, lá estava aquele som. Ao início, pensei que fosse só uma daquelas músicas de elevador que passam nesses sítios, porém, rapidamente me apercebi de que não podia ser o caso. Era demasiado bonita. Cada nota que se sucedia enquadrava-se na perfeição com a anterior, cada som emitido fazia parte do que culminava no que mais parecia ser um abraço quente e familiar do que uma mera melodia.

Assim que encontrei uma funcionária, dirigi-me a ela, perguntando onde e como é que eles encontravam a música que punham a tocar. Eu sei que a rapariga dificilmente saberia a origem da música, sendo apenas um parafuso na grande engrenagem da multinacional que dirigia a rede de supermercados em que trabalhava e que certamente escolhia arbitrariamente os sons que passavam nos seus estabelecimentos. Não obstante, perguntei na mesma. A resposta foi a última coisa de que estava à espera:

"Não está nenhuma música a tocar, não temos o hábito de pôr música. Sente-se bem?". Ela olhou para mim com um leve ar de suspeita e preocu-

pação que se dissiparam assim que eu afirmei que devia estar a fazer confusão. Então, voltou ao seu trabalho. Eu não podia estar louca, a melodia era tão clara para mim como o som da minha própria voz. A rapariga devia ser nova no trabalho, devia estar enganada. No entanto, ao perguntar a outras pessoas, desta vez meros clientes, se ouviam a sonância, as suas respostas nunca passavam de um ar confuso ou de um "Não!", após tentarem ouvir o que quer que fosse que se assemelhasse a uma sonoridade harmoniosa.

Comecei a entrar em pânico. Eu sabia que não devia, ainda assim, não pude evitar. Como é que eu podia estar a ouvir coisas na minha cabeça de forma tão nítida?! E mais, como é que a minha mente era capaz de conjurar sons tão bonitos? Eu tinha de estar louca. Contudo, não me sentia louca. Os loucos não se sentem loucos, mas era diferente, nada em mim mudara. Eu não sabia o que fazer. Fiquei apaticamente a olhar para maçãs e outras frutas, a tentar perceber o que se passava comigo e o que fazer, como se as Royal Gala tivessem a solução. A minha cabeça andava a mil. O que fazer? Por fim, decidi pura e simplesmente sair do supermercado. A música começara lá, talvez, ao sair, ela parasse,

ficando a minha possível loucura circunscrita ao estabelecimento onde se iniciara.

Todavia, o que mais temia aconteceu. Ao sair, a sonância ficou mais forte. Não se sobrepunha aos barulhos dos carros ou das pessoas a falar mas também não se deixava abafar por estes, tinha um equilíbrio auditivo tão bem demarcado quanto o equilíbrio melódico de que se tratava.

Comecei a andar aceleradamente, sem qualquer destino, só para libertar algum do nervosismo que tomava conta de mim. À medida que andava para a direita, a cadência que ouvia ia fraquejando, o que era bom, era o que eu queria. Porém, para mal dos meus pecados (sabe Deus quais são!), assim que os indícios do desaparecimento da composição musical me começaram a acalmar, outros dois raciocínios inoportunos alojaram-se na minha mente: se, ao andar para um lado, a música começar a ficar mais baixa, então é porque me estou a afastar dela, o que quer dizer que ela vem de algum lado e esta sonoridade harmoniosa é tão bonita que eu não só não me quero separar dela como também quero saber de onde vem.

Foi devido a estes dois pensamentos que, contra a maior parte dos meus instintos, dei meia-volta e tentei aproximar-me da fonte da melodia. Andei um pouco e verifiquei que a sonância ia ficando mais forte.

Com o tempo, acabei por passar pelo meu carro e decidi entrar, a música parecia relativamente longínqua e o carro poderia vir a dar jeito. Apesar do preço da gasolina, decidi continuar a minha demanda de automóvel. Andei, andei, andei, com o som que procurava a ficar gradualmente mais forte. Ao iniciar a viagem, esperava que a minha busca me fosse levar a locais que desconhecesse. Mas foi o oposto que se verificou. Eu estava apenas a passar por sítios familiares. Pelo restaurante em que os meus pais celebraram os 20 anos de casados e em que eu passei uma das melhores tardes da minha vida a brincar com a minha avó. Pela árvore cheia de cegonhas que indicava que a casa de férias estava perto (eu achava essa árvore fascinante, quantos bebés não saíam daquela árvore diretos para os pais que os encomendaram).

Ao passar pelos locais da minha infância, fui consumida por uma nostalgia dos tempos de inocência que vivi neles. E chorei. Não sei exatamente explicar o porquê nem qual foi o principal motivo para esse meu estado, mas chorei sem parar. Talvez por sentir que os meus maiores tempos de alegria não iam voltar e que estava condenada a uma vida que seria sempre inferior ao que já tinha sido.

Porém, continuei a andar. Com tempo, deixei de pensar duas vezes sempre que havia dois possíveis caminhos a seguir. Ia pelo que me era familiar e facilmente percebi para onde é que a melodia me estava a levar. Quando cheguei ao que acreditava ser o meu destino, parei, sem me dar sequer ao trabalho de verificar se aquele era de facto o local em que a melodia misteriosa tocava mais alto. Mesmo que não fosse, eu queria parar ali. A casa que estava à minha frente era demasiado importante para mim para que a ignorasse.

Observei-a. Estava bem cuidada. No entanto, essa impressão não me bastou, eu quis saber exatamente como estava. Por isso, fui rapidamente averiguar se havia algum carro perto da localidade. Ao ver que não, depreendi que os donos não estavam em casa. O caminho estava livre e eu saltei pela porta de madeira relativamente pequena que dava para o grande quintal.

Fui invadida por mais memórias. O limoeiro que dava limões o ano inteiro, o forno em que se costumava fazer pão com chouriço, o fogareiro onde tantas vezes vi fazerem-se sardinhas e a rede onde dormi sesta. Se tivesse de localizar a minha felicidade, era ali que se encontraria.

Enquanto tudo voltava para mim, a música foi crescendo. As notas que eu ouvia eram altas, perfeitas e límpidas. Enquadravam-se na perfeição e envolviam-me num estado de felicidade agridoce ainda maior. Eu não queria sair dali, estava pronta para me transformar em musgo e me agarrar às paredes daquela casa e daquele quintal.

Fiquei sentada a pensar, enquanto a cadência se ia desenvolvendo e as minhas lembranças se desenrolavam na minha mente. A sentir o meu meio envolvente a entrar na minha alma.

Ao atingir este estado de beatitude, percebi o que se estava a passar. Nenhuma palavra seria suficiente para descrever a importância, para mim, da minha descoberta. Ao estar ali presente, entendi que o que só eu ouvia só eu podia ouvir. Era o som de uma infância que eu pensei que o tempo apagasse e afastasse de todos, mas que, na verdade, vai viver enquanto eu respirar. Nada se perde para sempre, a vida é um processo doloroso em que queremos o que tivemos, enquanto sonhamos com o futuro. Todavia, não tem de ser assim, porque o presente é a união do que foi com o que vai ser. Está tudo em nós.

Ao perceber isto, descobri de onde vinha a música. A música estava a vir do meu coração e o meu coração pode estar onde eu quiser. Portanto, eu aprendi a controlar a música da minha vida.

DIÁLOGOS **Bootcamp de Economia Sustentável** com a natureza

José Gonçalves Pinto Professor de Economia

Aconteceu, nos passados dias 26 a 28 de janeiro, o Primeiro *Bootcamp* de Economia Sustentável, dirigido aos alunos do 10.º Ano do curso de Ciências Socioeconómicas.



O *Bootcamp* consistiu numa vivência experimental num espaço localizado no coração da Serra da Arrábida, a Biovilla (<https://biovilla.org/>), onde as práticas sustentáveis e regenerativas são a fundamentação do projeto.

No âmbito das *Aprendizagens Essenciais* do Ministério da Educação relativas à disciplina de Economia, para além do desenvolvimento de competências analíticas, à saída da escolaridade obrigatória, o “perfil do aluno” deve contemplar as seguintes competências:

- ser respeitador da diferença/outro
- ser autoavaliador
- ser responsável/autónomo
- ser cuidador de si e dos outros.

O mesmo documento orientador vai mais além nas recomendações, referindo que a disciplina de Economia deve promover “ações solidárias” junto dos alunos e das alunas: para com outros nas ta-

refas de aprendizagem ou na sua organização; atividades de entreaajuda; a aceitação de pontos de vista diferentes; a promoção de estratégias que induzam respeito por diferenças de características, crenças ou opiniões e pela disponibilidade para o autoaperfeiçoamento”.

Uma vez que, como referido por Albert Einstein, “não podemos resolver um problema usando o mesmo tipo de pensamento que usamos quando o criamos”, a vivência do *Bootcamp* foi projetada com o objetivo capacitar os alunos e as alunas de conhecimentos práticos relativos às questões do trabalho em equipa, da entreaajuda, do autoaperfeiçoamento e do respeito pela diferença.

Assim, e estando atentos/as à crescente inclusão das questões ambientais, sociais e de governo nas empresas e nos programas das faculdades de Economia, explorámos, neste *Bootcamp*, o diálogo regenerativo na busca de ferramentas e distinções que, vividas, possam servir aos alunos e às alunas para a construção do seu caminho.

Este diálogo foi estabelecido com a natureza envolvente e com as pessoas mas também com cada um, num diálogo interno de autodescoberta.

O professor no MIT e fundador do Presencing Institute, Otto Scharmer (<https://ottoscharmer.medium.com/>), fala da “grande separação” (*the great divide*), mostrando que as grandes questões do planeta surgem por estamos a contar uma história de separação que leva a comportamentos degenerativos. Separados da Natureza (*the ecological divide*), tomamos a Terra como um agregado de recursos que podemos/devemos explorar de forma a maximizar a sua utilidade. Separados dos outros (*the social divide*), temos comportamentos de discriminação, de desigualdade e de indiferença, espelhados, muitas vezes, em movimentos opostos e de confronto (políticos, económicos, religiosos). A separação de nós mesmos (*the spiritual divide*) origina desequilíbrios emocionais e o aumento de doenças do foro psíquico (depressões, hiperatividade).

A promoção do diálogo decorreu em três frentes:

Diálogos com a Natureza

Os alunos e as alunas puderam experimentar a utilização de casas de banho secas, plantar várias espécies hortícolas num modelo agroflorestal (agricultura sintrópica), dar longos passeios pela Natureza numa reserva natural, dar mergulhos numa piscina natural e comer alimentos livres de agrotóxicos e de maltrato animal.

A sustentabilidade é vista como um sistema de soma nula, não sendo suficiente para lidar com os atuais problemas do planeta, pelo que devemos começar a pensar em sistemas regenerativos. Esta distinção foi-nos apresentada pelo Gil, um dos facilitadores com competências em Desenvolvimento Regenerativo.

Diálogos com os outros

Paralelamente, esta vivência proporcionou aos alunos e às alunas um convívio mais próximo entre eles/elas. Foram criados grupos para a ajuda na confeção das refeições e nas limpezas, que funcionaram em regime de autogestão; foram apresentadas ferramentas para que a verdadeira escuta pudesse acontecer (escuta “ativa”); e foram tomadas decisões que acautelavam as objeções de todos/as e que permitiam a cocriação de uma atividade de celebração, na noite do segundo dia, não prevista inicialmente, e que se tornou um exemplo concreto deste diálogo.

Diálogos consigo mesmo/a

A sustentabilidade e a regeneração não podem acontecer fora se não acontecerem dentro.

Comportamentos degenerativos levam a equipas degenerativas, a comunidades degenerativas e a um planeta em degeneração. Conhecer as consequências dos nossos atos e assumir as nossas responsabilidades são os primeiros passos para passarmos a um comportamento adulto.

Em mim, foi notório que houve algo que mudou. Por estar a conseguir chegar a soluções mais facilmente, por apresentar mais possibilidades, por escutar mais atentamente.

José Gonçalves Pinto, Professor de Economia

O *Bootcamp* consistia em sessões teóricas e atividades de campo que permitiram vivenciar as culturas responsáveis e regenerativas, tornando-nos capazes de explorar e analisar os desafios do dia a dia na sociedade atual. A turma aprendeu a trabalhar mais em equipa e a encontrar formas alternativas de superar os principais obstáculos que foram surgindo. **Vera Veríssimo 10.º 2**

O afastamento da cidade e a realocação temporária num local sossegado permitiram-me sentir mudanças a nível intelectual e emocional. [...] O tema da sustentabilidade, abordado nas sessões conjuntas terá um grande impacto no nosso desenvolvimento. Concluindo, recomendo que o Colégio invista em projetos semelhantes, pois a experiência foi positiva e realçou as qualidades individuais de cada um. **Diogo Ferreira 10.º 2**

Dados quantitativos desta saída de campo:

zero
animais mortos
(de forma consciente)

50 kg
de composto orgânico criado

250
espécies de hortícolas plantadas

100%
da água usada foi tratada e reutilizada (para rega)

100%
de compensação do consumo de gás pela produção de energia elétrica

100%
de material reciclado/reutilizado na formação



O envolvimento dos/as alunos/as prossegue com a aplicação prática das experiências vividas e dos conhecimentos com elas adquiridos através da realização de um trabalho para a disciplina de Economia.



Saiba mais sobre o Desenvolvimento Regenerativo

EM DESTAQUE Diálogos interculturais

A rede *European School Network* (ESN), que inclui atualmente 24 escolas de 11 países europeus, desafia as escolas participantes a organizarem intercâmbios individuais e/ou de grupo e projetos internacionais, com os quais se pretende estimular a troca de experiências entre jovens europeus e o diálogo intercultural, permitindo um contacto próximo com o modo de vida local, as tradições e a história de cada país participante.

As atividades oferecidas pelas diferentes escolas abordam temáticas diversificadas (incluem, por exemplo, Artes, Ciências, Música, atividades desportivas e percursos na natureza, entre outras) e abrangem alunos/as de diferentes idades, permitindo que cada aluno/a se candidate a um tema e país, de acordo com os seus interesses pessoais.

Foi neste contexto que, durante o 2.º período, alunos e alunas do Valsassina participaram em atividades na Finlândia, Turquia e Alemanha (a reportagem relativa a esta atividade será publicada na próxima edição da Gazeta Valsassina).

No 3.º período, está já confirmada a participação de três estudantes no projeto "A journey through time", em Budapeste (Hungria), e de duas alunas do 9.º Ano no projeto "Vlietland Academy", em Leiden (Países Baixos).

Nordic Winter Activities

"Nordic Winter Activities" foi o projeto que levou um grupo de cinco alunos e alunas do Valsassina (**Beatriz Jansen 12.º 1A**, **Vera Isidoro 12.º 1A**, **Guilherme Moreira 12.º 2**, **Martim Carneiro 12.º 1C** e **Diogo Ferreira 10.º 2**) até à cidade de Valkeakoski, na região de Tampere, na Finlândia, entre 12 e 17 de fevereiro. Os nossos alunos e as nossas alunas foram recebidos/as por estudantes do agrupamento de escolas das cidades de Valkeakoski e Kangasala, tendo ficado instalados/as em famílias de acolhimento. Para além de alunos/as finlandeses/as e portugueses/as, participaram neste projeto jovens oriundos de Espanha, França, Alemanha, Turquia, Hungria e Países Baixos. Foi uma semana rica em experiências e vivências.

A minha viagem à Finlândia foi uma experiência que me proporcionou diversos momentos de aprendizagem e felicidade. Não me esquecerei das pessoas que conheci e das atividades em que participei, no âmbito do projeto "Nordic Winter Activities". Sair do quotidiano, ver outras paisagens, conhecer novas pessoas e ouvir outras línguas mudou a minha perspetiva em relação a alguns assuntos. Considero estes projetos muito importantes, pois contribuem para melhorar o desenvolvimento pessoal de cada participante.

Diogo Ferreira 10.º 2

"... estimular a troca de experiências entre jovens europeus e o diálogo intercultural..."



O intercâmbio na Finlândia foi uma semana repleta de novas experiências. Da prática de patinação a mergulhar num lago gelado, vivemos regidos por horários e climas diferentes daqueles a que estamos habituados e que nos permitiram escapar ao nosso modo de vida, durante 5 dias. Foi uma oportunidade única de conhecer novas pessoas, novos hábitos e novas línguas. **Beatriz Jansen e Vera Isidoro 12.º 1A**

Our NWA week was one of the best weeks of my life so far. I had so much fun and I made a lot of new friends. It was such a great experience to host a student. My English improved a lot during the week and I learned a lot about myself and other cultures. I would absolutely participate again. **Elsa Katrina** (aluna finlandesa)

Being a host was nice, as I could practice my english throughout the week and hang with someone pretty much all the time. I think it was really cool and everyone was really nice. **Tomas Lindstedt** (aluno finlandês)

Debate Week – o papel da mulher em diferentes países do mundo

"Debate Week - o papel da mulher em diferentes países do mundo" - foi o projeto que levou a aluna **Beatriz Mendes** do 10.º 1A à Turquia, mais concretamente à cidade de Istambul, entre 26 de fevereiro a 4 de março. A aluna foi recebida por estudantes da escola "Istek Belde School", tendo ficado instalada numa família de acolhimento. Foi uma semana rica em diálogos interculturais.

Participaram neste projeto jovens oriundos de sete países: França, Alemanha, Hungria, Roménia, Países Baixos, Portugal e Turquia.

Foi, para mim, uma honra ser seleccionada para participar no *European School Network* (ESN) em Istambul, para debater "o papel da mulher na sociedade, enquanto mãe, trabalhadora e cidadã".

Apesar de já ter viajado imenso com os meus pais para os mais variados países, foi a primeira vez que o fiz sozinha de avião. O desafio foi enorme e o primeiro choque foi ainda em Lisboa, quando fui interrogada por uma inspectora do SEF, por ter 15 anos e viajar sozinha.

Sem conhecer quem lá me esperaria, e depois alojada em casa de uma família que mal falava inglês e com hábitos alimentares muitíssimo diferentes (jantar às 17h e sem perceber o que estava no prato...), foi uma experiência enriquecedora, pois tive de sair da minha zona de conforto, o que me fez crescer



muito como pessoa. Fui turca por uma semana. O processo de adaptação foi gradual mas rapidíssimo. Integrada num grupo de colegas de vários países europeus, construí boas amizades, aprendi sobre os seus hábitos escolares e familiares e fui "obrigada" a falar sempre em inglês, outra das grandes mais-valias da viagem.

Participei numa série de debates sobre o tema que referi e tive também oportunidade de passear imenso, de visitar os monumentos icónicos (o Grande Bazar, onde pude negociar com vendedores, a Mesquita Azul, a Hagia Sophia e o Topkapi Palace) e de jantar na zona da marina.

O stress inicial foi insignificante face ao balanço inesquecível desta viagem. Melhorei a minha autonomia e autorresponsabilidade e superei desafios.

Agradeço ao Colégio a oportunidade de enriquecer o meu currículo pessoal e académico. **Beatriz Mendes 10.º 1A**

Enquanto escola ativa na ESN, durante a "Semana do Mar", que se realizará entre 15 a 19 de maio, o Colégio vai receber 17 jovens oriundo de 6 países (Alemanha, Finlândia, França, Hungria, Países Baixos e Turquia), os quais irão participar nas atividades realizadas ao longo da semana, ficando alojados com famílias de alunos/as do Valsassina.

As atividades realizadas na Rede ESN contribuem para o desenvolvimento de uma cidadania europeia cada vez mais abrangente e aberta ao mundo, assim como para manter a paz e o bem-estar na Europa.

DIÁLOGOS promotores de cidadania

Debater, argumentar, representar novas formas de diálogo na disciplina de Cidadania e Desenvolvimento

Marina Martins Professora de Ciências Naturais e de Cidadania. Coordenadora de Cidadania no Ensino Básico

Daniela Morais Professora de Filosofia e de Cidadania. Coordenadora de Cidadania no Ensino Secundário

“A complexidade e a acelerada transformação que caracterizam a sociedade contemporânea conduzem à necessidade do desenvolvimento de competências diversas para o exercício da cidadania democrática, e, por isso, a escola tem um papel importante na construção de práticas de cidadania.”

Aprendizagens Essenciais da Cidadania e Desenvolvimento

Jovens deputados | 10.º Ano

Este projeto tem-nos ensinado **novas formas de diálogo** e debate.
Rodrigo Sousa 10.º 3

Os/as alunos/as de Cidadania e Desenvolvimento do 10.º Ano foram convidados a assumir a posição de deputados e formar um partido político. Com esta atividade, envolveram-se num processo dinâmico de elaboração dos ideais políticos do seu partido, o que lhes exigiu uma investigação sobre os conceitos elementares que fundamentam a posição que cada partido ocupa no espectro político. Após um período de diagnóstico dos problemas sociais que exigem maior atenção por parte da classe política, os/as jovens redigiram a carta ideológica do seu partido e apresentaram-na à turma. De seguida, participaram numa série de sessões parlamentares para a aprovação de um “Orçamento de Estado”.

Desta forma, foi possível aos/às alunos/as enriquecerem os seus conhecimentos sobre o processo de exposição de argumentos e defesa de objeções num debate político e na tomada de decisão, o que lhes permitiu fortalecer a sua capacidade argumentativa através do diálogo com os seus pares. Além disso, este projeto permite fomentar o interesse dos/as alunos/as em conhecer e refletir, de forma crítica e informada, sobre questões de natureza social.

Com o projeto “Jovens Deputados” desenvolvi o espírito crítico e os meus interesses políticos, percebendo como fazer um orçamento e a dificuldade que é organizar o dinheiro para uma população. **Afonso Carajote 10.º 1C**

O projeto “Jovens Deputados” foi uma ótima oportunidade para aprendermos sobre política e para desenvolver outras capacidades, como, por exemplo, argumentar. **Sofia Alvarez 10.º 3**

Este projeto permite-nos discutir temas da atualidade e desenvolver a nossa capacidade de comunicação e argumentação. **Mariana Francisco 10.º 3**

Acredito que os “Jovens Deputados” foi uma das melhores atividades alguma vez realizada no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, devido à natureza mais adulta e livre da atividade e à inovação no envolvimento dos adolescentes no mundo político. **João Castro 10.º 1C**

O projeto realizado abriu-nos portas para o mundo da política, sendo tanto inovador como essencial nos dias de hoje para os jovens, já que o futuro do país está nas suas mãos. **Vera Cavaleiro 10.º 3**



Simulação de uma assembleia em sala de aula



Sessão escolar do 9.º Ano



Sessão escolar do 12.º Ano



Sessão com a deputada Maria de Fátima Fonseca



Alunos do 12.º Ano assistem a sessão plenária na Assembleia da República

Parlamento dos Jovens | 9.º e 12.º Ano

O projeto *Parlamento dos Jovens* é um exercício nacional de Educação para a Cidadania a que o Colégio se associa anualmente há mais de 16 anos, com o intuito de promover o primeiro contacto formal dos/as alunos/as com a política e explorar os direitos e os deveres dos cidadãos de um estado democrático. Neste programa, promovido pela Assembleia da República Portuguesa e destinado a alunos/as do Ensino Básico e Secundário, existe anualmente um tema orientador, em torno do qual se desenvolvem projetos de investigação, análise e reflexão para delinear e propor medidas concretas, viáveis e operacionais, que contribuam para a mitigação do problema associado ao tema.

Na edição de 2022/23 o tema é a “Saúde Mental dos Jovens: Que desafios? Que respostas?”. Devido à natureza do tema, o departamento de Cidadania e Desenvolvimento contou com a parceria do Gabinete Psicopedagógico do Colégio.

O programa tem como objetivos estimular o gosto pela participação cívica e política, sublinhar a importância da contribuição de cada um para a resolução de questões que afetem o presente e o futuro individual e coletivo, dar a conhecer a Assembleia da República e o seu modo de funcionamento, estimular as capacidades de expressão e argumentação na defesa das ideias, com respeito pelos valores da tolerância e da formação da vontade da maioria.

Das duas primeiras etapas do programa – sessões de turma e sessão escolar – resultou, no 9.º Ano, um “Projeto de Recomendação” democraticamente eleito que, pela voz dos deputados **Francisco Albuquerque 9.º A**, **Manuel Mendes 9.º A** e **Vasco Leitão 9.º A**, que irão representar o Ensino Básico do Colégio Valsassina na sessão distrital no mês de maio.

No Ensino Secundário, foram eleitos, como deputados efetivos, a aluna **Beatriz Fernandes 12.º 2** e o aluno **Ricardo Abrantes 12.º 1A** e, como deputado suplente, o aluno **Pedro Martins 12.º 1A**.

No projeto de recomendação, constam três medidas que visam dar resposta ao tema proposto na presente edição do *Parlamento dos Jovens*.



Projeto de
Recomendação
do Ensino Básico



Projeto de
Recomendação do
Ensino Secundário

Foi a primeira vez que votei num partido como deputado e foi uma boa oportunidade para ter uma “experiência política”... O tema da saúde mental é muito relevante nos dias de hoje e foi bom explorar esses temas enquanto jovens.” **Tiago Rodrigues 9.º A**

O projeto abriu-nos as portas para o mundo da política. Foi muito interessante porque nos fez pensar sobre alguns problemas da atualidade e desenvolver o sentido crítico. **Eduarda Paiva 9.º A**

Justiça para Todos | 11.º Ano

Luís Marinho Professor de Ciência Política e Cidadania

O projeto *Justiça para Todos*, desenvolvido para o programa de 11.º Ano de Cidadania e Desenvolvimento, tem-se revelado muito interessante e com grande envolvimento dos/as alunos/as, que sentem, de forma prática, o peso e a importância da justiça na sociedade.

Cada turma criou um caso de justiça que terminará num julgamento, onde vão participar ativamente, escolhendo antecipadamente o seu papel. Teremos assim – tendo em conta que as turmas criaram histórias ligadas a homicídios e violência doméstica – réus, vítimas, advogados de defesa e acusação, magistrados do Ministério Público, juizes de instrução, juizes de tribunal, polícias, jornalistas e testemunhas. Os casos serão desenvolvidos com todas as componentes do processo, recriadas por alunos e alunas. O julgamento será o grande final.

No decorrer dos trabalhos, foi convidada para uma palestra sobre o papel dos juizes no processo judicial a juíza jubilada **Margarida Blasco**, que interagiu com os/as jovens numa conversa animada, com base numa das histórias criadas. A juíza explicou detalhadamente todas as fases de um processo judicial, desde a investigação até ao julgamento. Os/as alunos/as demonstraram grande interesse e integraram os seus ensinamentos nos trabalhos que se seguiram.

O advogado **Ricardo Sá Fernandes** foi também convidado numa outra sessão, para explicar aos/às alunos/as o papel destes profissionais, principalmente na defesa dos réus mas também na acusação. Ricardo Sá Fernandes pôs a tónica do papel do advogado no exercício do contraditório, na necessidade de ouvir as diferentes versões de um acontecimento e de as analisar. Servindo-se também das histórias criadas pelos/as alunos/as, alertou para as diversas estratégias da defesa, ao mesmo tempo que analisou e explicou os tipos de crimes das histórias criadas.



Sessão com a juíza Margarida Blasco



Sessão com o advogado Ricardo Sá Fernandes

Este projeto está a ser uma ótima oportunidade para conhecermos mais sobre o sistema judicial em vigor no nosso país e sobre os diversos papéis envolvidos num processo criminal. Esta iniciativa pode também ser fundamental para a escolha ou a recusa de uma carreira profissional futura.

Helena Lomônaco 11.º 1A

DIÁLOGOS Entrevista com Luís Paixão Martins para uma cidadania ativa

Inês Paixão 12.º 3 e Beatriz Fernandes 12.º 2



Luís Paixão Martins é, atualmente, o mais prestigiado consultor de comunicação e relações públicas em Portugal. No seu percurso profissional, conta com a participação em três campanhas eleitorais de grande destaque: a que deu a José Sócrates a primeira maioria absoluta da Esquerda em Portugal, a que tornou Cavaco Silva no primeiro Presidente da República de Direita e, mais recentemente, a da maioria absoluta de António Costa. O seu novo livro, *Como perder uma eleição*, constitui uma teorização da prática dos bastidores da política.

No dia 23 de janeiro, esteve no Colégio, onde apresentou uma palestra sobre “Eleições, cidadania e cultura política” para os alunos e as alunas do Ensino Secundário.

Qual é o papel de um consultor na definição da estratégia de comunicação de um político?

Eu tive papéis diferentes consoante as campanhas referidas. Nas duas primeiras, trabalhava numa empresa que prestava serviços de comunicação – a LPM – e as nossas propostas eram integradas na prestação de serviços. Fazíamos não só aconselhamento mas também produção de materiais de comunicação da campanha. Na última já não, por estar reformado, portanto, só fiz o papel de aconselhamento.

Um consultor externo de comunicação numa campanha eleitoral traz à campanha uma visão que ajuda a procurar eleitores fora da base eleitoral.

Como é lidar com pessoas com personalidades tão distintas? Que papel tem a personalidade de cada candidato numa campanha? É preciso standardizar o candidato, ou pode “aproveitar-se” o carisma de cada um?

Eles são os três poderosos. São pessoas habituadas a liderar. O papel do consultor é um papel que os ajuda a formar as decisões, não há uma inversão de liderança. O que podemos acrescentar são raciocínios novos, recolha de informação mais científica (sondagens, estudos eleitorais). É um trabalho de aconselhamento – somos nós que temos de nos adaptar a eles, não são eles que têm de se adaptar a nós.

Nos três casos, são pessoas com muita formação política, não precisavam sequer de apoios de preparação para ir à televisão ou para intervenções públicas. É mais “trabalho de casa”, digamos assim.

Houve algum candidato com o qual se tenha identificado mais?

O Dr. António Costa é aquele com o qual eu me identifico mais: é de Lisboa como eu, temos idades mais próximas, frequentámos, talvez, os mesmos pontos de encontro das pessoas com a nossa formação. Há uma certa relação cultural ou estética entre nós, desse ponto de vista. José Sócrates é mais novo e não é de Lisboa. Embora haja alguma aproximação do ponto de vista de alguns temas, há uma diferença maior. O Professor Cavaco Silva é uma pessoa mais idosa, de outro género de formação, uma pessoa das matemáticas, das economias. É a pessoa da qual, nesse aspeto, me sinto mais distante.

Numa campanha eleitoral, isso é completamente irrelevante. Nada disso vem ao de cima. Não temos de conviver, temos de trabalhar. O facto de termos formações diferentes e visões diferentes até nos ajuda a encontrar melhor o caminho.





“Que se informem. Que escolham em função do carácter dos candidatos e da confiança que têm neles.”

Qual é o impacto das sondagens na previsão e/ou na conquista de um resultado eleitoral? As sondagens mentem?

As sondagens, para nós, consultores de comunicação, são muito importantes porque nos ajudam a perceber os eleitores. Aquilo que um consultor pode acrescentar é poder avaliar, com algum grau de precisão, o que os eleitores pensam, esperam de nós ou querem que aconteça. Tenho tido a sorte de trabalhar em campanhas que fazem sempre investimentos significativos na área dos estudos de mercado e, portanto, tem havido uma coincidente muito grande entre os meus objetivos e os objetivos das candidaturas.

Ultimamente, o problema das sondagens não é se mentem ou não mentem. Não se podem tirar das sondagens conclusões diferentes daquelas que elas nos dão. As sondagens são muito boas para estudar o sentido dos eleitores, mas são péssimas para prever um resultado eleitoral numérico. Há, ainda, um outro fenómeno, mais recente: as sondagens têm tido maior visibilidade. Se fossem apenas do conhecimento dos consultores, isso não aconteceria. Como são tornadas públicas, com muito impacto e muita frequência, tornaram-se um produto de conteúdo e, portanto, elas próprias influenciam o comportamento dos eleitores.

Falando agora do seu livro *Como perder uma eleição*. O que o motivou a escrevê-lo?

Tempo. Tinha tempo! [risos] Porque não escrevi nas eleições anteriores? Porque não tinha tempo, tinha trabalho numa empresa. No dia seguinte às eleições, às nove da manhã, estava no escritório a procurar resolver os problemas daquele dia e os que tinham ficado para trás nos dois meses em que tinha descurado um pouco o trabalho da LPM por causa das campanhas. Neste caso, como não tenho uma atividade profissional, tenho tempo para pensar no assunto. Pensei no assunto e resolvi escrever um livro.

Tendo em conta uma certa falência do sistema político-partidário e uma descrença na política por parte dos mais jovens, como encara esta situação?

Eu não concordo com a pergunta. Quer dizer, concordo com a ideia de que há uma desconfiança maior dos eleitores relativamente aos políticos. Isso é óbvio e é por isso que as pessoas se interessam menos pela atividade política e desconfiam mais dos políticos e dos governos. Isso reflete-se, naturalmente, mais no dia a dia do que no dia das eleições, porque as campanhas eleitorais desempenham um papel muito importante no sentido de atrair eleitores, de colocar perante eles a necessidade de afirmarem as suas posições. É esse que é, no fundo, o objetivo das campanhas.

A questão da abstenção é um bocadinho diferente, porque ela tem aumentado por uma razão técnica. É que nós não atualizamos os cadernos eleitorais e, portanto, as pessoas morrem e continuam a fazer parte dos cadernos eleitorais; as pessoas emigram e continuam a fazer parte dos cadernos eleitorais. O número verdadeiro de eleitores é inferior ao dos cadernos eleitorais e isso dá como resultado um valor de abstenção que não corresponde à realidade. Isso vem refletido na abstenção, mas não significa um crescimento da abstenção.

“Devem saber consultar meios credíveis, devem ser desconfiados em relação às falsas promessas e ter um “arsenal” de autodefesa que a escola pode dar em relação às pessoas.”

Tem algum conselho para nós, futuros eleitores?

Eleitores? [risos] Que votem, não é?! Que se informem. Que escolham em função do carácter dos candidatos e da confiança que têm neles. É a parte mais importante de uma eleição: é saber escolher bem a pessoa que vai dirigir o país ou o partido. Depende dos vossos pontos de vista, essencialmente, é isso.

Em relação ao *News Museum*. Como teve a ideia para criar o museu?

Foi-me oferecido pelas equipas da LPM quando eu deixei de trabalhar. Há empresas que oferecem aos seus gerentes um *Rolex*, a mim, ofereceram-me um museu. A minha contribuição para a génese do museu não foi nenhuma. Depois tive alguma colaboração na feitura, na definição dos conteúdos, etc. Agora, isto dito, acho que a ideia é excelente, estou mais à vontade para o dizer porque a ideia não foi minha, porque se trata de um equipamento onde é possível apreciar o funcionamento dos *media* no tempo dos *Gatekeepers*, (essencialmente no século XX). É como se fosse um exercício de cultura com episódios e factos passados no passado recente de Portugal e do estrangeiro, vistos pela ótica da comunicação social e como ela o faz na rádio, na reportagem, na televisão, etc.

No ano passado [2022], o Colégio celebrou o dia 24 de março, a propósito de Portugal passar a ter mais dias em liberdade do que em ditadura. Como é vista por si a Liberdade?

Neste caso, a liberdade de expressão? Nós estávamos condicionados antes do 25 de Abril por uma censura política e todo esse tipo de atividades nem era muito racional. Eram umas pessoas, muitas vezes não preparadas e sem cultura, que nos impediam de nos expressar como entendíamos na comunicação social. Isso acabou com o 25 de Abril e nós hoje temos uma grande capacidade de poder diversificar os nossos pontos de vista onde entendermos. Depois disso, essa liberdade aumentou porque, digamos, há uma facilidade de acesso aos meios de comunicação, nomeadamente às redes sociais, e isso aumenta a expressão do pensamento das pessoas.

Sabendo que a democracia não deve ser tomada como garantida e, tendo cada vez mais *fake news* à nossa volta, qual considera ser o papel da escola para promover a democracia?

O conhecimento. Aquilo que distingue as pessoas no dia a dia é o conhecimento, a sua capacidade de entendimento do que se passa. As *fake news* só são *fake news* para quem não as consegue distinguir. E uma das coisas que a escola deve dar aos formandos é a capacidade de construir um edifício intelectual que lhes permita distinguir o que devem fazer na vida e o que não devem, em todas as áreas e também na procura de informação. Devem saber consultar meios credíveis, devem ser desconfiados em relação às falsas promessas e ter um “arsenal” de autodefesa que a escola pode dar em relação às pessoas.

“As *fake news* só são *fake news* para quem não as consegue distinguir. E uma das coisas que a escola deve dar aos formandos é a capacidade de construir um edifício intelectual que lhes permita distinguir o que devem fazer na vida e o que não devem, em todas as áreas e também na procura de informação.”

DIÁLOGOS através das artes

Mercado das Artes

Educação Visual e Educação Tecnológica
2.º Ciclo

E se os materiais de desenho e pintura que já não usamos pudessem ganhar uma nova vida?

Promovido pelo grupo de Educação Visual e Tecnológica do 2.º Ciclo, o Mercado das Artes envolveu os/as alunos/as numa venda solidária de materiais em segunda mão, doados por professores/as e alunos/as. Reunimos canetas, lápis de cor, blocos de papel, livros e até instrumentos musicais, cuja venda reverteu a favor das instituições de apoio aos animais SOS da Bicharada e EntreGatos. Os donativos já foram entregues às instituições e ficou a promessa: para o ano há mais!



Máscaras: o corpo e as palavras

Expressão Dramática 1.º Ciclo

Em pequenos grupos, os/as alunos/as do 3.º e 4.º Anos criam narrativas que teriam de estar em concordância com as origens do teatro, tendo construído máscaras e realizado *performances* à moda do coro grego. Depois apresentaram os seus trabalhos no auditório à comunidade escolar.

Uma semana para todas as artes!

Departamentos de Artes Visuais, Música, Português e Filosofia

Mais uma vez, o Colégio celebrou a “Semana das Artes” enquanto tempo privilegiado para saborear a presença das artes no quotidiano da escola. Convocámos todas expressões artísticas a promover diálogos com entre níveis de ensino, áreas do saber e até entre a família e o Colégio. Aulas abertas, exposições, concertos, atividades de sala de aula, jogos e venda de material abertas à comunidade fizeram da semana de 27 de fevereiro a 3 de março uma oportunidade para percorrer pontes de criatividade, liberdade e alegria.

A Horta traz Arte

Educação Tecnológica 5.º D

Com o objetivo de colher o maior número e mais diversificado tipo de folhas, os/as alunos/as do 5.º D começaram o dia com um passeio pela Horta. Com os diversos tipos de folhas, criaram uma composição com um tema à escolha. Aí chegou a inspiração! O nosso coelhinho da Horta lançou o tema “os animais da quinta” e, então, foram surgiram tartarugas, cavalos ou peixes. Nada melhor que o contacto com a natureza para nos inspirarmos. Os resultados revelam a animação e satisfação dos/as alunos/as.



Danças tradicionais portuguesas

Educação e Expressão Plástica 1.º Ciclo

Contrariando a natureza estática habitual no desenho infantil, com este exercício, procurou-se a captação do movimento do corpo que dança. Assim, sob o tema “as danças do meu país” os/as alunos/as desenharam não só os bailarinos tradicionais como também o enquadramento paisagístico e urbano da zona proveniente de cada uma das danças abordadas. Com isto, foram criadas caixas/cenários onde as várias figuras desenhadas interagem umas com as outras, criando o efeito de bailarico/romaria.



Expressões com Arte e com História

Português 5.º e 6.º Anos

Os alunos do 6.º D apresentaram aos colegas dos 5.º Anos «Expressões com Arte e com História». Assim, compreenderam que Hércules e a sua difícil luta contra a Hidra de Lerna são os responsáveis pela expressão «bicho de sete cabeças», problema difícil de resolver; que o doloroso castigo de Prometeu, o criador do género humano para os gregos, deu sentido à expressão «comer o fígado»; ou que foi a excessiva curiosidade da primeira mulher da humanidade, segundo os gregos, que deu origem à expressão «abrir a caixa de Pandora», que indica todos os males que nos podem afetar numa situação específica.

Jogos de tabuleiro

Educação Visual e Educação Tecnológica 5.º Ano

Os/as alunos/as do 5.º Ano criaram jogos de tabuleiro – “Quem é quem?”, Labirintos ou jogo de desafios – com materiais reciclados disponíveis na escola. A planificação detalhada, com desenhos e esquemas, a recolha do material necessário, o trabalho de caligrafia na criação das regras do jogo e a sua montagem foram etapas que culminaram na disponibilização dos jogos a todos/as os/as alunos/as nos intervalos da “Semana das Artes”. Os jogos revelaram-se bastante animados, juntando alunos/as de várias faixas etárias.



“Natureza morta” no refeitório

Educação e Expressão Plástica 1.º Ciclo

Continuamos a promover o diálogo entre a arte, a natureza e a alimentação. Assim, foram montados no atelier vários modelos de naturezas mortas para observação e desenho à vista. Desta atividade, resultaram quatro painéis que vieram trazer mais cor ao refeitório.



Aulas abertas

Educação Musical 1.º Ciclo e Atividades Extra Curriculares

No 1.º Ciclo, os/as alunos/as partilharam as aulas de Educação e Expressão Musical com os dos seus pais/familiares, onde aprenderam, cantaram e tocaram em conjunto. Um momento de partilha de conteúdos musicais, uma forma criativa de participar e conhecer mais sobre esta linguagem da música.

Além disso, as aulas de instrumento extracurricular saíram à rua. Distribuídas pelo Colégio, as diferentes classes de instrumento enriqueceram os recreios e as horas de almoço de quem passava, trazendo mais música e som ao ambiente envolvente.

Mitos de 3 em 3

Desenho e Literatura 11.º 4 e 12.º 4

Os/as alunos/as dos 11.º e 12.º Anos do curso de Artes Visuais descobriram, pela mão do Professor Tiago Garrett, os mais belos mitos greco-romanos, através das grandes obras-primas da pintura. Com efeito, Botticelli, Caravaggio, Wtewael, Rubens, Goya, Simonet, Waterhouse ajudaram-nos a compreender «A castração de Úrano», como acontecimento decisivo para a separação entre o céu e a terra; «O nascimento de Vénus», como incursão da beleza e do amor no mundo; e «Crono devorando um filho», como sinal do tempo que passa e nos consome inexoravelmente...



DIÁLOGOS interiores

Identidade pessoal: um olhar sobre o passado, o presente e o futuro Desenhos invisíveis

Departamento de Filosofia para Crianças e Departamento de Educação e Expressão Plástica 1.º Ciclo

Esta atividade surgiu na sequência do projeto anual *Identidade pessoal: passado, presente e futuro*, lançado aos/às alunos/as pela disciplina de Filosofia para Crianças, no início do ano letivo.

Nas aulas de Filosofia, a partir da pergunta “*Quem sou eu?*”, os/as alunos/as têm sido desafiados a *construir pontes*: a pensar sobre si próprios numa perspetiva temporal – passado, presente e futuro. Mas, ao traçar tais pontes, outra se construiu: a correlação e harmonia do exercício reflexivo e crítico com o exercício criativo e artístico.

Assim, numa ação estratégica interdisciplinar, na aula aberta de Expressão Plástica na “Semana das Artes”, as professoras de Filosofia e de Educação e Expressão Plástica dinamizaram a atividade *Desenhos Invisíveis*, com as turmas do 1.º Ciclo. Foi proposto aos alunos e às alunas que pensassem em si próprios, em diferentes momentos ao longo do tempo, e que registassem tais representações em desenho.

Num primeiro momento de natureza filosófica, questões facilitadoras do exercício reflexivo foram levantadas, entre elas: *Há alguma coisa que fazia e que já não faço? Qual era o meu brinquedo preferido? O que já sei? Do que gosto? O que desejo ser? O gostaria de fazer?...*

Para o registo, num segundo momento de natureza artística, cada criança recebeu uma folha com o contorno de um cérebro, tendo que nele desenhar, de forma faseada, as suas memórias mais antigas, seguindo-se aquilo que considera ser o momento presente e, por fim, as suas projeções e expectativas. Foram usadas três cores diferentes: o azul, o rosa e o amarelo, respetivamente.

No final, e a título de surpresa, após a conclusão das três fases de desenho, foram distribuídos óculos com três filtros coloridos. Ao espreitarem através do filtro azul, todas as formas desenhadas a azul desapareciam, ficando apenas o presente e o futuro expressos na folha. Usando o filtro rosa, o presente desaparecia e ficavam as memórias e as projeções. O filtro verde apagava o futuro, mostrando só o passado e o presente. A leitura destes desenhos originou inúmeras expressões de espanto e admiração, próprias do ser que se interroga, experiencia e constrói significados e sentidos.



Para o futuro, eu pensei assim: deixa eu ver o que quero fazer, onde quero ir, o que quero ser... **Luísa Aragão 1.º Ano**

Pensei no que está a acontecer agora comigo e desenhei o presente. **Leonor Luís 1.º Ano**

À cabeça, vieram várias memórias: cheiros, pessoas, coisas, algumas boas, outras dolorosas, que usei para fazer o exercício. **Alice Brito 3.º Ano**

Senti-me feliz quando pensei e desenhei as memórias. E fiquei curiosa para saber quem serei no futuro. **Laura Ferreira 3.º Ano**

Eu senti saudades do que era, mas sou feliz com o que sou. **Luísa Fonseca 4.º Ano**

Eu adorei o trabalho porque, quando pus os óculos, vi o passado, o presente e o futuro separados e compreendi o que eu fui e o que sou. **Afonso Carvalho 4.º Ano**



DIÁLOGOS entre a reflexão e a criação

A ponte: uma ideia, uma peça, um material

Sofia Campaniço e Marta Magalhães Silva Professoras de Oficina de Artes

"Este foi o projeto que mais gostei de realizar até agora, mas também foi também o mais trabalhoso. O enunciado era bastante aberto e, por isso, os resultados finais são muito distintos, o que tornou a exposição que realizámos mais interessante."

Maria Pestana, 12.º 4

"Foi interessante ver pontos de vista diferentes dos nossos, tendo partido do mesmo tema."

Gustavo Rodrigues, 12.º 4

"A liberdade que tivemos permitiu-nos explorar os materiais e técnicas de que mais gostamos. Por esta razão, surgiram trabalhos mais íntimos e pessoais. Gostei imenso de realizar este trabalho ao longo das aulas e entre amigos."

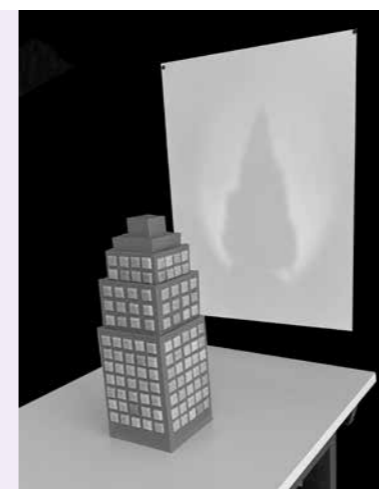
Diogo Correia, 12.º 4

Para que pode servir a arte nos nossos dias? Para nos fazer pensar sobre o que vivemos e como vivemos? Para comunicar ideias e pontos de vista aos outros? Para pôr a nossa criatividade ao serviço dos outros e ajudá-los a pensar diferente? Porque a arte pode assumir estes e outros papéis na sociedade, os alunos do 12.º Ano do curso de Artes Visuais desenvolveram um projeto conceptual em torno do tema “a ponte”, em linha o mote “Construir pontes”, com o objetivo de partilharem com a comunidade escolar as suas convicções sobre as pontes do nosso quotidiano.

Refletindo sobre o conceito de ponte nos seus sentidos mais subjetivos e metafóricos, os alunos e as alunas foram descobrindo relações com os temas que dominam a atualidade, com as crises que atravessamos e com os seus universos pessoais e emocionais. A partir de uma ideia/mensagem definida por cada um/a, criaram-se peças artísticas com total liberdade na escolha do tipo de expressão artística, dos formatos, técnicas, meios atuantes, escala, entre outros. Apenas um requisito foi imposto desde o primeiro momento como estímulo para a criatividade: cada peça deveria incluir pelo menos um mosaico utilizado noutros tempos em trabalhos dos alunos do 1.º Ciclo – ele próprio uma ponte entre o passado e o futuro do Colégio.

No dia 2 de março, integrada na “Semana das Artes”, a exposição “A ponte” esteve aberta a alunos/as, professores/as e colaboradores/as, que livremente percorreram o espaço expositivo, guiados pelos textos explicativos de cada uma das peças e pela apresentação informal dos autores.

Este projeto permitiu aos alunos e às alunas viver uma experiência única de preparação de uma exposição, desde a conceção das peças à organização de todos os detalhes do espaço expositivo.



MDF, mosaicos, lanterna, árvore artificial

Jardim Vertical

João Rodrigues 12.º 4

Acredito que, muitas vezes, somos levados a pensar que a tecnologia e a natureza são realidades opostas e não podem conviver de forma equilibrada. Contudo, eu vejo esta relação como uma simbiose. Esta peça revela essa “ponte” entre a natureza e a tecnologia. Um prédio que projeta a sombra de uma árvore, evidenciando a necessidade da presença da Natureza num ambiente urbano, onde predomina a tecnologia.

Maze of life

Maria Pestana 12.º 4



Cartolina preta e vermelha sobre poliuretano, mosaicos vermelhos e pretos e arame

A peça *Maze of Life* (Labirinto da Vida) representa a vida enquanto percurso e mostra a importância das pontes que estabelecemos uns com os outros, quer sejam ligações familiares, de amizade ou de amor. Nesta peça é evidente um contraste entre as pequenas personagens, que estão sozinhas, e aquelas que estão acompanhadas. As primeiras têm obstáculos maiores, caminhos mais fechados, estreitos e escuros, onde predomina a solidão. Quem está acompanhado tem o caminho mais facilitado, pois os obstáculos são pequenos, os caminhos são largos e mais claros, neles predominando o vermelho, que simboliza o amor. A vida é mais fácil quando caminhamos ao lado de quem nos apoia e nos faz sentir felizes e amados.

Mundos diferentes

Gustavo Rodrigues 12.º 4

Esta peça aborda a diversidade cultural e a riqueza que reside em cada uma das culturas que nos rodeia. Neste vídeo *stop motion*, um avião é lançado por alguém que desconhece outras culturas que não a sua. O avião passa por vários continentes vai adquirindo conhecimento e regressa para a pessoa que o lançou, agora mais "rica" com a viagem realizada.



Veja o vídeo aqui

Conhecer

Marta Gonçalves 12.º 4

A comunicação é uma ponte para o conhecimento factual e interpessoal, construída em diferentes suportes. A palavra "olá" remete para os nossos primeiros desejos de comunicação com os outros. As mãos em gesso transmitem-nos um "olá" em linguagem gestual, enquanto os mosaicos nos mostram a mesma palavra em braille. Na base da peça, está o jornalismo enquanto meio de comunicação importante na nossa sociedade. Independentemente do meio escolhido, a ponte da comunicação quer levar o conhecimento a todos, para que ninguém fique de fora.



Cartão, jornal, pasta de modelar e mosaicos

A verdade por dentro

Constança Rodrigues 12.º 4

Esta peça representa a ponte entre o que sentimos interiormente e o que queremos transparecer para os outros. A caixa negra remete para os momentos em que nos sentimos em baixo. Está revestida com colagens de rostos sorridentes de outros, trespassada por cabos e fios que ligam o exterior ilusório de alegria e bem-estar a um interior que mostra a verdade sobre como nos sentimos.



Cartão, arame, cabo elétrico, massa de modelar, mosaicos



Jornal, massa de modelar, mosaicos verdes, flores falsas, fitas de tecido, arame



Intervenção sobre cartolina, mosaicos, colagens

Isto é suposto ser uma ponte?

Madalena Santos 12.º 4

A "ponte" pode ser a ajuda ou o apoio que nos suporta quando passamos por dificuldades, nunca nos deixando cair na escuridão. Este apoio pode ser a esperança e o amor que temos dentro de nós mas também o amor dos nossos amigos e familiares que permanecem ao nosso lado. Em períodos difíceis da vida, esta ponte emocional vai enfraquecendo e qualquer pessoa pode sentir-se a cair, consumida pela depressão. Contudo, o próprio coração sustem-na como réstia de esperança que a segura no meio de toda a escuridão. É esta ponte de afetos que permite superar os obstáculos e as dificuldades com que nos deparamos ao longo da vida.

Tudo quanto vive, vive porque muda

Diogo Correia 12.º 4



Fotografia impressa em cartolina, graffiti, mosaico, acrílico, papel branco

Esta peça aborda a adolescência, período da vida em que "atransamos pontes" diariamente, encaramos o novo e o diferente. No modelo, representei o início da adolescência; as mudanças de visual; a tristeza e a ansiedade; o autoconhecimento; a paixão e o primeiro amor; um futuro desfocado, desconhecido, ainda por alcançar.

Não quero ficar preso aqui

Oscar Xia 12.º 4

Percorrendo esta peça, atravessamos a ponte do conhecimento que nos permite ver e chegar mais longe. Inicialmente vemos apenas painéis pretos. Se permanecermos aí, imóveis, estamos presos num lugar onde nada vemos, em que não há interesse por saber mais. Quando queremos descobrir o que não sabemos, avançamos, percorremos o espaço, adoptamos uma nova posição dentro da peça. Aí descobrimos que os painéis representam diferentes fontes de conhecimento: os livros, a atualidade, a interação com os outros, a diversidade cultural.

Quanto maior a vontade de percorrer a ponte do conhecimento, maior a riqueza do que vemos e maior a curiosidade que nos faz querer continuar a caminhar.

DIÁLOGOS

através da criatividade

Projeto Alfabeto Coletivo

Margarida Basto Professora de Educação Visual



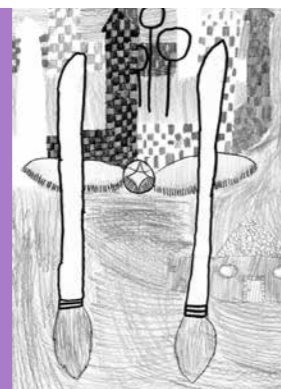
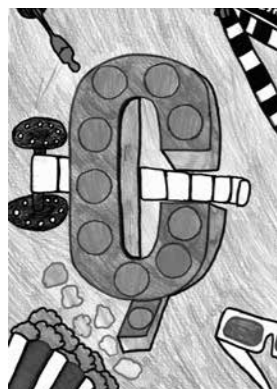
Para identificar as capas de Educação Visual e Educação Tecnológica, as turmas do 5.º Ano uniram-se na criação de um Alfabeto Coletivo. Nesse âmbito, cada aluno e cada aluna construiu, em formato A3, uma letra do alfabeto, previamente atribuída por sorteio, resultando deste trabalho, que envolveu todas as turmas, quatro imagens para cada letra do alfabeto.

De seguida, todas as letras criadas foram digitalizadas e importadas para a plataforma *Canva*. Posteriormente, cada aluno/a selecionou uma das quatro opções disponíveis das letras necessárias para compor o seu nome. Por fim, os nomes foram impressos em tamanho A4 e colados nas capas com película adesiva.

A primeira etapa, realizada em sala de aula, pretendia promover uma abordagem criativa ao desenho de letras. A diversidade de estilos de letra, de interpretações e de tratamento gráfico que resultou do exercício espelha a criatividade e as referências gráficas que acompanham os/as jovens. Abrir este “mundo” aos/às colegas constituiu uma oportunidade de fazê-lo crescer ainda mais: muitos/as expressaram a sua admiração pelas letras que resultaram do projeto e tiveram vontade de recriar algumas delas nos seus diários gráficos.

A par deste objetivo, havia também o desejo de que os alunos e as alunas fossem descobrindo os/as autores/as das letras que selecionaram e que o projeto fosse um mote para estreitar laços, partilhar conversas, opiniões e elogios. Apesar do receio inicial de que não quisessem escolher o trabalho de outros/as para colocar na própria capa, chegado o momento de escolher as letras, fizeram-no com gosto e entusiasmo, valorizando variedade de letras que foram criadas e a possibilidade de escolha.

Será este o poder da Arte?



DIÁLOGOS

entre espaços e culturas

Uma maquete – vários diálogos

Mafalda Simas e Nancy Ribeiro Professoras de Educação Tecnológica



Na disciplina de Educação Tecnológica, os alunos e as alunas dialogaram com a arquitetura e, através desta, com várias épocas, vários espaços, várias condições socioeconómicas, várias culturas, vários costumes e vários estilos arquitetónicos, realizando um projeto de maquete de uma habitação unifamiliar ou comércio.

Mas, afinal, o que são maquetes? Trata-se de representações (completas ou parciais), em escala reduzida, de uma cidade, obra, objeto ou estrutura. Estas existem desde a Antiguidade, quando eram usadas para representar instalações militares defensivas, como castelos medievais e muralhas. Criar projetos numa escala menor tem sido, ao longo dos anos, uma estratégia fundamental para o planeamento de obras em várias áreas. Foi este o desafio lançado às turmas.

A habitação unifamiliar a planear poderia ser uma habitação atual e moderna ou a recriação da casa tradicional portuguesa. Esta última com a sua tradicional planta retangular, de piso térreo, com uma cozinha de dimensões generosas, sendo o seu elemento principal a sala voltada para as traseiras, onde se encontrava o seu indispensável quintal, que não deixava de ser uma faixa retangular encostada a uma das fachadas, e que cada povo construía com os materiais que a Natureza punha à sua disposição: a madeira, o granito, o xisto, o basalto.

No desenvolvimento do seu trabalho, cada aluno/a pôde “conversar” com a sua escolha e, como em qualquer diálogo, ir acrescentando informação à medida que também a ia recebendo. Na verdade, este projeto contemplou diferentes fases: esboços à mão livre, desenho técnico e construção da maquete, promovendo, também, um diálogo entre as diferentes fases de planificação, exploração de formas e estruturas e realização. Nesta última fase, houve a preocupação de realizar as maquetes com diferentes tipos de materiais reciclados, tais como cartão, tampas de plástico, tecidos, entre outros, promovendo-se, também, um diálogo com o ambiente.



DIÁLOGOS com obras arquitetónicas

Arquitetura, arquitetos e obras. Da investigação à prática

Ana Vieira e Margarida Basto Professoras de Educação Visual

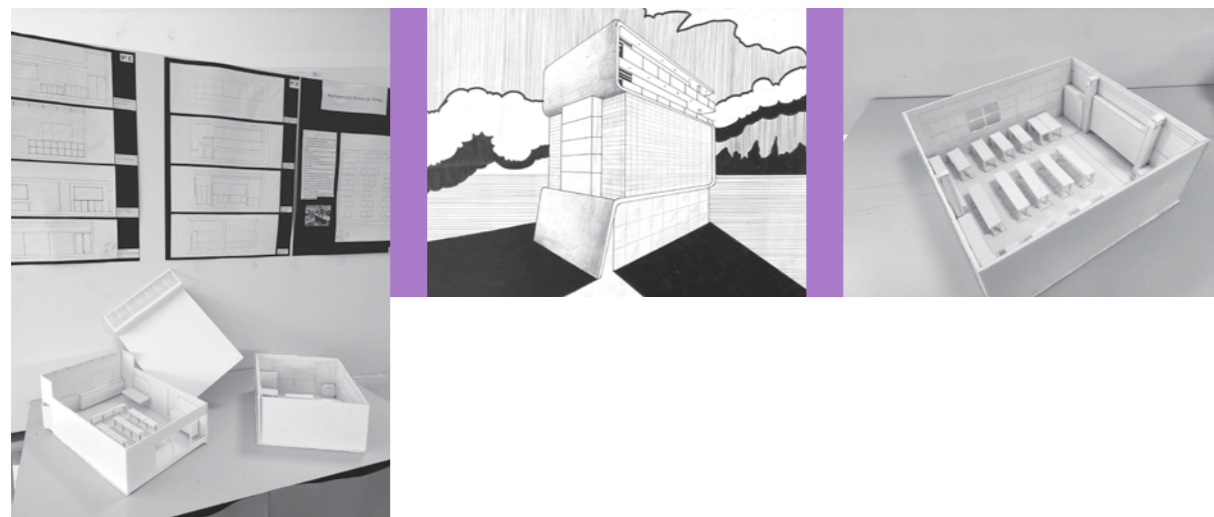
No âmbito da disciplina de Educação Visual, os/as alunos/as do 9.º Ano desenvolveram um projeto sob o tema “Arquitetura, Arquitetos e Obras”, com o objetivo criar pontes entre conteúdos específicos da disciplina, tais como “Representação Técnica de Formas” e uma área profissional onde os mesmos são aplicados.

Fizemos uma visita de estudo à exposição na Garagem Sul-CCB e, a partir desta, construímos o diálogo da partilha do saber.

Tendo como ponto de partida a pesquisa e apresentação da obra de arquitetos de renome, na sala de aula das turmas C e D, os alunos e as alunas trabalharam em equipa e partilharam o entusiasmo de medir, calcular e representar à escala, em Múltipla Projeção Ortogonal, o espaço construído que nos envolve, uma experiência motivadora de descoberta e aplicação de conteúdos que culmina na produção de plantas, alçados e maquetes de salas de aula, onde nos reunimos para aprender.

Por sua vez, as turmas A e B estabeleceram o mesmo diálogo, embora através de uma linguagem diferente: desenvolveram representações tridimensionais rigorosas de obras arquitetónicas a partir de imagens referência. Desta forma, desenvolvemos os conteúdos de Perspetiva Cónica e explorámos noções de proporção, escala e volumetria. Uma vez que os alunos e as alunas pesquisaram e escolheram “a sua” obra arquitetónica, a sala de aula viria a oferecer uma multiplicidade de obras, de arquitetos, de histórias e de partilha de conhecimento. A última etapa do trabalho teve como objetivo desafiar o lado mais criativo dos/as alunos/as: equilibrar o desenho rigoroso com um tratamento gráfico arrojado, sem retirar destaque à figura principal.

A “Semana das Artes” foi o momento escolhido para mostrar à comunidade escolar o produto final de um percurso feito em grupo.



Diálogos com a Cidade

João Dias Professor de Geografia



Conceito fotografado: “devoluto”



Conceito fotografado: “renaturalizar”



Entrevista ao Sr. Jorge – Vila Iolanda

“O planeamento urbano deverá ter em conta as fortes repercussões do ambiente urbano no desenvolvimento de todos os indivíduos, na integração das suas aspirações pessoais e sociais e deverá agir contra toda a segregação das gerações e pessoas de diferentes culturas, que têm muito a aprender umas com as outras.”

Artigo 8.º da Carta das Cidades Educadoras, 2004

O artigo 8.º da *Carta da Associação Internacional das Cidades Educadoras*, da qual Lisboa faz parte, pode resumir a intenção desta atividade num contexto em que Lisboa e a sua Área Metropolitana são confrontadas com uma cadência rápida de alterações demográficas, socioeconómicas, urbanísticas e ambientais. Para os/as alunos/as da turma 11.º 2 testemunharem e compreenderem estas dinâmicas, no âmbito do Programa de Geografia e numa perspetiva de cidadania, foram desafiados a construir um diálogo entre a disciplina e a cidade de Lisboa. O percurso, que começou no bairro da Graça e terminou na Praça de Espanha, passando pela Mouraria, permitiu aos alunos e às alunas analisarem a distribuição e o papel das funções urbanas e relacionarem temas como a nobilitação/gentrificação, partilha, reabilitação, direito à habitação e a importância de “renaturalizar” a cidade.

Os/as alunos/as fotografaram os conceitos e fenómenos urbanos que foram pré-estabelecidos no guião da visita e entrevistaram cidadãos que vivem a (e na) cidade, como um estivador reformado morador numa vila operária, um padre na “sua” igreja, uma produtora cultural num antigo teatro, um arquiteto no seu atelier, entre outros. No percurso, os locais assinalados correspondem aos momentos das entrevistas.



Mapa do percurso realizado pelos alunos

1.º Itinerário

A – Santa Apolónia; B – Campo de Santa Clara; C – Teatro da Voz; D – Vila Sousa; E – Jardim da Cerca; F – Vila Iolanda; G – Miradouro da Senhora do Monte; H – Vila Berta

2.º Itinerário

A – Casa do Alentejo; B – Parque Eduardo VII; C – Fundação Calouste Gulbenkian

Na sequência desta visita, preveem-se dois momentos no final do ano letivo:

- uma reflexão sobre a cidade com base nos registos fotográficos e entrevistas, orientada pelo ex-aluno do Colégio e atualmente Professor e investigador João Seixas da NOVA/FCSH, doutorado em Geografia Urbana, autor do livro *Lisboa em Metamorfose*;
- uma exposição acompanhada pelos textos de interpretação dos/as alunos/as e o visionamento do documentário com as entrevistas.



Veja aqui o trailer do documentário sobre a atividade

DIÁLOGOS Projeto Nós Propomos

entre a comunidade e o território

João Dias Professor de Geografia

O projeto *Nós Propomos* é mais um exemplo que mostra como a metodologia de projeto é colocada em prática no Colégio Valsassina. Dinamizado há 12 anos pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT-ULisboa), visa “promover a cidadania territorial e a inovação na educação geográfica, através da realização de estudos de caso sobre problemas locais e da apresentação de propostas de resolução, designadamente no âmbito da disciplina de Geografia” (IGOT, 2023). Para a sua concretização, é crucial um diálogo em pelo menos três vertentes.

O diálogo com o território, neste caso, a cidade.

O diálogo com a cidade começa com a observação, o que implica sair do Colégio, abandonar o manual, o quadro da sala de aula e percorrer a cidade, observando a realidade com um “olhar interpretativo, para lá da simples percepção visual” (Martins Barata, 2019). Para alunos e alunas compreenderem os problemas e as virtudes da cidade, é importante que se preocupem em relacionar os diferentes fenómenos e as dimensões da mesma, mobilizando, para isso, outras áreas do conhecimento. Por exemplo, no caso das inundações recentes em Lisboa, a causa observada é imediata – a precipitação excessivamente acima da média – contudo, algumas áreas da cidade ficaram submersas porque, antes da estrada inundada, estava lá uma linha de água, que voltou a reclamar violentamente o direito à sua presença. Deste modo, os erros de ocupação do território repetem-se há décadas, com as mesmas consequências nefastas para a vida dos cidadãos, devido a um olhar “preguiçoso” de quem gere e decide sobre o território. Este diálogo com a cidade não é fácil, mas, quando estabelecido, é profundamente educador (cf. Associação Internacional de Cidades Educadoras).

O diálogo entre alunos/as.

Nos grupos de trabalho e na própria turma, a discussão sobre os problemas e as respetivas soluções vai provocar desacordos e conflitos de ideias, desejáveis e indispensáveis em todo o processo participativo, envolvendo propostas para a cidade (Álvaro Siza, 2019).

O diálogo dos/as alunos/as com os agentes autárquicos e os cidadãos.

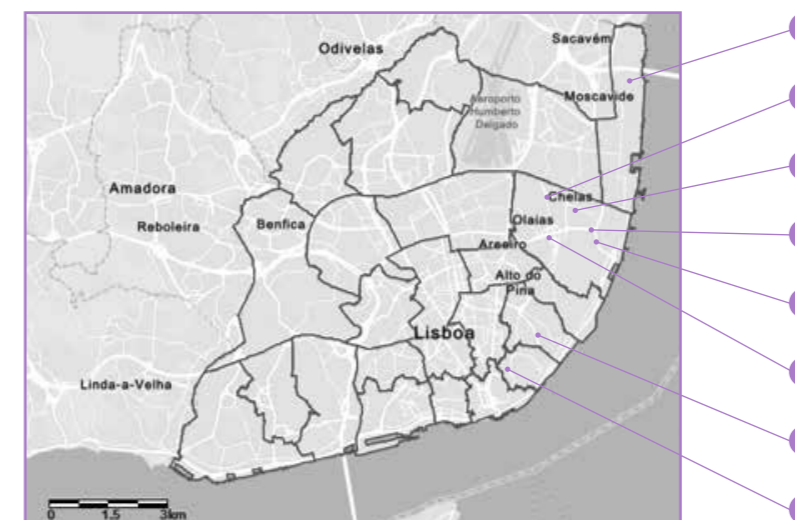
Para diagnosticar problemas, apresentar as propostas e perceber a viabilidade das mesmas, é determinante este diálogo. Através desta relação, os/as alunos/as protagonizam um processo “de participação pública nas tomadas de decisão relativas ao ordenamento do território, numa perspetiva de governança e de cidadania territorial.” (IGOT, 2023). Por exemplo, há um grupo de trabalho que tem a intenção de coordenar o trânsito no início da manhã à porta da escola, para diminuir o *stress* provocado pelos congestionamentos diários e aumentar a segurança dos que atravessam a estrada. Para encontrar uma solução, é fundamental que este grupo reúna com a Junta de Freguesia de Marvila e ouça os/as encarregados/as de educação e a direção da escola. Também é exemplo desde diálogo a reunião que os grupos tiveram com a vereadora da habitação da Câmara Municipal de Lisboa, Filipa Roseta, em que colocaram as suas dúvidas relativamente à pertinência e à viabilidade dos seus projetos.

No dia 8 de maio, no IGOT-ULisboa, decorrerá o encontro nacional com mais de 70 escolas, em que os nossos alunos apresentarão os seus projetos, que irão ser avaliados por professores universitários especialistas em diversas áreas ligadas à geografia e ao ordenamento do território.

Só depois deste(s) diálogo(s), os/as alunos/as podem caminhar para:

- desenvolver competências de pesquisa, tratamento e apresentação de informação, no âmbito da resolução de problemas locais;
- mobilizar a literacia digital em estudos de âmbito prático;
- contribuir para o desenvolvimento sustentável das localidades e dos municípios onde o(s) projeto(s) é/ são desenvolvido(s);
- valorizar o Estudo de Caso como trabalho experimental que visa a melhoria das condições sociais e ambientais;
- trabalhar com instrumentos de ordenamento do território, nomeadamente com o Plano Diretor Municipal;
- ser criativos, no sentido de encontrarem soluções para problemas e, simultaneamente, serem agentes de mudança de forma consciente, tornando o território ambientalmente mais sustentável e socialmente mais justo.

Áreas de intervenção e temas dos projetos



- 1 Melhorar o serviço do autocarro 755 (o mais usado pelos/as alunos/as do Colégio).
- 2 Coordenar melhor a acessibilidade ao Colégio Valsassina.
- 3 Melhorar o sistema de rega das hortas urbanas de Lisboa.
- 4 Requalificar o Parque Urbano do Vale Fundão.
- 5 Criar um centro de apoio aos agricultores das hortas urbanas de Lisboa.
- 6 Criar um jardim na freguesia da Penha de França.
- 7 Melhorar o sistema de recolha de resíduos urbanos na Praça do Martim Moniz.
- 8 Requalificar as áreas pedonais do Parque das Nações e a relação com a ilha de calor urbano.

Bibliografia

José Pedro Martins Barata, *Saber ver a Cidade*, Lisboa, Argumentum, 2019.

Álvaro Siza, *Imaginar a evidência*, Lisboa, Edições 70, 2018.

Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Regulamento do Projeto Nós Propomos 2023 (<http://nospropomos2016.weebly.com/>).

Associação Internacional de Cidades Educadoras (<https://www.edcities.org/pt/>).

Trabalho de campo



Realização de questionários no autocarro 755 (17/02/2023)



Entrevistas no Parque Hortícola do Vale de Chelas (02/02/2023)



Levantamento do número de veículos estacionados no acesso ao Colégio entre as 7h55 e as 8h45 (09/02/2023)



Recolha de imagens na Penha de França (17/02/2023)

Inspiring Girls Um projeto focado na desconstrução de estereótipos de género associados às profissões

Joana Costa Presidente e Fundadora, Inspiring Girls Portugal

Fundada no Reino Unido, a *Inspiring Girls*, associação sem fins lucrativos, está presente em 30 países e chegou a Portugal em 2021, com o objetivo de incentivar raparigas a alcançarem as suas aspirações, colocando-as em contacto com mulheres de sucesso das mais variadas áreas, setores profissionais e com os mais diversos estilos de vida.

O objetivo desta associação é mostrar às raparigas que existem inúmeras opções de carreira e de profissões que podem seguir, sem que o género seja uma limitação para alcançarem os seus objetivos.

Para ajudar a associação a cumprir a sua missão, a *Inspiring Girls* Portugal conta com uma rede de escolas, onde realiza ações de formação e *workshops* temáticos sobre igualdade de género, e com uma rede de voluntárias composta por mulheres que se destacam nas suas áreas de atividade e que se disponibilizam para apoiar a associação com o seu testemunho, inspirando as jovens a seguir os seus sonhos.

Para além das escolas e voluntárias, a *Inspiring Girls* Portugal conta, também, com o apoio de parceiros – empresas e organizações – que colaboram com a associação a nível financeiro ou a nível institucional, trabalhando em conjunto no desenvolvimento de iniciativas que possam promover a igualdade de género.

O Colégio Valsassina recebeu duas Conversas Inspiracionais organizadas pela *Inspiring Girls*. No dia 12 de dezembro de 2022, as alunas de 9.º Ano puderam conhecer um pouco mais sobre Rita de Sousa Félix, *Market Segmentation & Competitive Intelligence Director* na multinacional Schneider Electric.

Esta voluntária começou o seu percurso no ISCTE, onde frequentou a licenciatura em Gestão e, posteriormente, o seu mestrado em Gestão de Marketing. Passou por várias empresas do setor e atualmente faz parte do *Board of Directors*, da Schneider Electric, e do comité de Recursos Humanos e Responsabilidade Social.

Durante a sessão, sublinhou a importância das mulheres intervirem, manifestarem a sua opinião e serem proativas ao longo da vida.

Em janeiro, foi a vez de Sofia Melvill de Araújo partilhar com estas alunas as voltas que a vida pode dar. Depois de estudar Engenharia Agrónoma, é hoje Gestora de Incubadoras numa empresa tecnológica, uma verdadeira profissão do futuro. Falou-se de incubação, unicórnios e do facto de podermos ser muita coisa ao longo da nossa vida.

No dia 1 de março, o Colégio contou com um *Speed Networking*, uma dinâmica de grupo que permitiu às alunas do 9.º e 10.º Anos contactarem com mulheres de áreas tão diversas quanto farmácia, economia, energia, medicina e aviação.

Esta experiência permitiu-nos contactar com diferentes mundos do trabalho de forma interativa e descontraída. Conhecer os percursos e dificuldades de diferentes mulheres bem-sucedidas fez-nos olhar para o nosso futuro de uma forma mais esperançosa e segura.

Leonor Cintra, Vera Veríssimo, Francisca Belo 10.º 2



Sessão com Rita Félix, Diretora na Multinacional Schneider Electric



Sessão com Sofia Araújo, Tec Labs - Faculdade de Ciências da ULisboa

Gostei bastante das sessões que foram organizadas pela “Inspiring Girls”.

O projeto ajudou-nos a ter uma ideia de como as mulheres não são impedidas de trabalhar a cargos que “se dizem ser de homem”. Conheci novas profissões a partir da experiência de mulheres inspiradoras.

Marta Monteiro 9.º A



O projeto “Inspiring Girls” foi bastante enriquecedor tanto a nível pessoal como para nos ajudar a tomar as melhores decisões para o nosso futuro. Conhecer histórias de mulheres inspiradoras mostra-nos que é possível alcançar os nossos objetivos.

Eduarda Paiva e Raquel Ferreira 9.º A

A dinâmica de grupo *Speed Networking* foi uma oportunidade única para as alunas colocarem questões/dúvidas sobre percursos académicos e saídas profissionais. Participaram nesta sessão:

- **Mara Reis:** IT Tecnologias de Informação – Link Redglue
- **Ruth Breintefeld:** Advogada e Vice-Presidente do grupo Cepsa
- **Ana Filipa Agostinho:** Ciências da Saúde, Representante de Vendas – Janssen
- **Ana Lúcia Jorge:** Economia e Investimentos – HCapital Partners
- **Ana Rita Raimundo:** Médica e empreendedora – Centro Hospitalar do Oeste e eBreathie
- **Natacha Pinho:** Controladora de tráfego aéreo – NAV, EPE
- **Etelvina Gaspar:** Intérprete de conferência – Comissão Europeia
- **Ana Carreira:** Locutora de rádio – M80

Este ano tive a oportunidade de assistir a um encontro no âmbito da orientação vocacional onde ouvi a partilha de experiências de algumas mulheres com profissões de sucesso. Pude colocar algumas questões que me ajudaram a compreender melhor as atividades que cada uma exercia. Foi uma sessão muito interessante que irei ter em conta para o momento da tomada de decisão quanto ao curso que vou escolher e que irá determinar muito do meu futuro. Estas iniciativas do Colégio são boas nesta altura do ano letivo e contribuem para nos ajudar a tomar decisões mais fundamentadas.

Marta Ribeiro 9.º A

Quando se ouve o nome “Inspiring Girls” podemos pensar que se trata de uma conferência, em formato expositivo, que tem como objetivo inspirar meninas e raparigas.

Na realidade, “Inspiring Girls” é uma organização onde mulheres maravilhosas vão às escolas apresentar a sua história e a experiência académica e profissional. Tive oportunidade de participar em três atividades, duas “conversas inspiracionais” e um *Speed Networking*. Destaco esta última, pois permitiu-me a possibilidade de ter conversas mais pessoais e divertidas com “mulheres maravilha”, que nos ajudaram a iluminar o nosso futuro.

Sofia Briosa 9.º A



Speed Networking (1 março 2023)

DIÁLOGOS **Empreender o futuro** **(em tom de Azul)** entre o mar, a inovação e o futuro

João Gomes Diretor Pedagógico



A Economia Azul representa o uso sustentável dos recursos do oceano para o desenvolvimento económico; melhores meios de subsistência e empregos; e a saúde do ecossistema oceânico (World Bank). A nível europeu, a Economia Azul representa atualmente cerca de 5,4 milhões de postos de trabalho e deverá duplicar o seu volume de emprego até 2030.

Importa, por isso, sensibilizar para o oceano, considerando as suas múltiplas dimensões, nomeadamente: cultural, social, educacional, ambiental e económica, bem como o seu potencial relacionado com novas oportunidades, empreendedorismo, inovação, investigação e desenvolvimento.

O projeto TECATLANTIC – Training for Employability and Technology in the Atlantic pretende contribuir para a inovação na economia do mar e promover o empreendedorismo e a empregabilidade, através da criação de novas competências que respondam às necessidades emergentes do setor.

Desenvolvido no âmbito do Programa Crescimento Azul – EEA Grants, este projeto é promovido pela Fórum Oceano e conta com a parceria do Colégio Valsassina, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, da Universidade Católica Portuguesa e do cluster norueguês GCE Ocean Technology.

Composto de um programa multidisciplinar integrado de sensibilização, educação e formação para os diferentes sectores da Economia Azul num contexto de sustentabilidade, onde se destaca uma

formação para a inovação e para o empreendedorismo, e tendo como principais objetivos promover o conhecimento e sensibilizar para os diferentes setores da Economia Azul, estimulando o interesse pelas carreiras azuis, este projeto envolve, de forma ativa, todos/as os/as alunos/as do 12.º Ano do Colégio Valsassina no empreendedorismo azul (empreendedorismo relacionado com os negócios ligados ao mar) com uma metodologia de tipo *Lean Startup*.

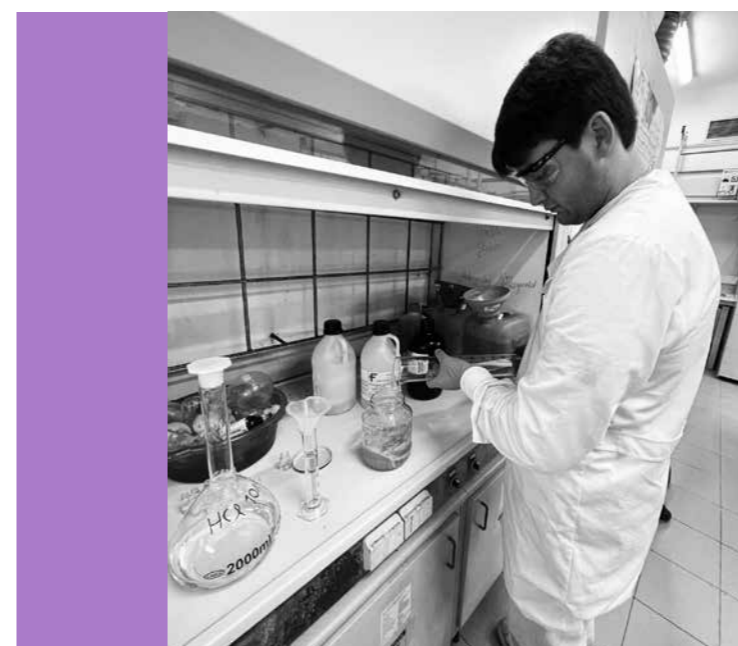
Esta metodologia inclui seis passos, num processo que tem a supervisão científica de Pierre Gein (Diretor executivo do CTIE (Center for Technological Innovation and Entrepreneurship da Católica-Lisbon)) e Sónia Ribeiro (do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa).

Assim, recorrendo a uma metodologia suportada na “Aprendizagem Baseada na Resolução de Problemas” que promove o desenvolvimento da autonomia dos alunos e das alunas e do seu pensamento crítico, permitindo também o desenvolvimento de competências essenciais para uma aprendizagem ao longo da vida, os/as alunos/as de todos os cursos científico-humanísticos estão a desenvolver o seu projeto.

O projeto vai culminar com a apresentação de cerca de 30 ideias de negócio num *Ocean Hackathon*, a realizar no final do mês de maio. Apresentamos de seguida o resumo de alguns dos projetos que estão em desenvolvimento em todas as turmas do 12.º Ano.

Produção de "pedras artificiais" (a usar na construção civil e/ou em decoração) a partir de carbonato de cálcio obtido em desperdícios de conchas de bivalves (e.g. ostras). Projeto desenvolvido na disciplina de Biologia, da autoria de **Ana Sofia Silva, Maria Inês Costa e Leonor Aires**. Turma 12.º 1A. Trabalho desenvolvido em parceria com o IST

Desenvolvimento de um produto impermeabilizante a partir de quitosano obtido a partir do aproveitamento de desperdícios de cascas de camarão. Projeto desenvolvido na disciplina de Biologia, da autoria de **Frederico Mauritty, Jéssica Nunes e Madalena Filipe**. Turmas 12.º 1A e 12.º 1B. Trabalho desenvolvido em parceria com o IST



A aplicação do fenómeno físico *Ground Effect* no aumento da eficiência energética de veículos náuticos. Pretende-se evitar a resistência da água, pelo que o protótipo produzido contribuirá para a oferta de modos de transporte mais ecológicos. Projeto desenvolvido na disciplina de Física, da autoria de **Duarte Mateus, Pedro Martins, Mário Viana e Teresa Natário**. Turmas 12.º 1A e 12.º 1B

Desenvolvimento de um equipamento para dessalinização da água do mar, de forma sustentável. Projeto desenvolvido na disciplina de Física, da autoria de **Martim Ramos, Tomás Ricardo, Manuel Martins e Afonso Quintas**. Turma 12.º 1C

Desenvolvimento de um bar de praia móvel, com refrigeração sustentada principalmente por painéis solares. Projeto desenvolvido na disciplina de Economia, da autoria de **Carolina Lopes, João Silva e Vera Leitão**. Turma 12.º 2

Desenvolvimento de um livro interativo para crianças entre os 6 e os 12 anos, onde se abordará o papel dos oceanos ao longo dos séculos e a sua importância para a Humanidade. Projeto desenvolvido na disciplina de História, da autoria de **Inês Ribeiro, Madalena Alegria, Júlia Lírio e Fabiana Tavares**. Turma 12.º 3

Criação de uma plataforma digital com informação sobre a História do Mar: da Grécia Antiga, passando pelos Descobrimientos portugueses ao atual conflito russo-ucraniano. Projeto desenvolvido na disciplina de História, da autoria de **Inês Paixão, Marta Paulo e Gonçalo Campos**. Turma 12.º 3

Desenvolvimento de uma toalha de praia com almofada removível, em que o enchimento da almofada é feito pelo cliente através da recolha dos resíduos que encontra na praia ou que o próprio produz. Projeto desenvolvido nas disciplinas de Oficina de Artes e Desenho, da autoria de **Maria Pestana, Constança Rodrigues, João Rodrigues e Óscar Xia**. Turma 12.º 4

Criação de uma marca de acessórios/equipamentos balneares (chapéu de sol, cadeira de praia, toalha de praia, saco de praia) produzidos a partir de plástico recolhido nos oceanos. Projeto desenvolvido nas disciplinas de Oficina de Artes e Desenho, da autoria de **Madalena Santos, Diogo Cortesão, Gustavo Rodrigues e Marta Nico**. Turma 12.º 4



DIÁLOGOS “Debaixo de água”

entre a imaginação, a escrita e o mar

“Debaixo de água” foi o tema do desafio lançado pelo escritor Ondjaki aos alunos e às alunas do 4.º Ano. Durante a oficina de escrita criativa, os alunos e as alunas foram estimulados a usar a imaginação e a criatividade na construção de narrativas inéditas. Cada aluno/a desenvolveu o seu texto, o qual está, neste momento, a ser ilustrado pelos alunos e pelas alunas do Curso de Artes Visuais do Ensino Secundário. Os trabalhos, textos e imagens serão, publicados em livro, a ser lançado durante o 3.º período.

Publicamos, de seguida, três das histórias que constam deste projeto.



Processo de ilustração das histórias, pelos alunos do curso de Artes do Ensino Secundário

As Ilhas Encantadas

Lia Rocha 4.º A

Estava no meu quarto sem nada para fazer. Então decidi ligar à minha amiga Miriam e perguntar-lhe:

- Miriam, porque não fazemos algo juntas?
- Como o quê? - perguntou ela, sem grande esperança.
- Podíamos viajar no tempo. Um dia eu recebi uma máquina que viaja no tempo, mas está guardada no sótão.
- Uma máquina do tempo? Mas isso é possível? - perguntou a Miriam, desconfiada.

- Sim, vais ver. Só temos de esperar que a minha mãe vá trabalhar. Por volta do meio-dia, a minha mãe já não estará em casa, aparece! - e assim desligámos o telefone.

Passado algum tempo, a Miriam chegou a minha casa e fomos a correr para o sótão. Preparámos a máquina, fizemos as malas e partimos de Lisboa para a Ilha do Mar.

A Ilha do Mar era um completo mar de conchas, búzios, caranguejos...

Impacientes, eu e a Miriam fomos explorar a Ilha. Depois de muito caminhar, encontrámos uma canoa abandonada, nela havia um rádio e um bilhete. Este tinha escrito:

“Esta canoa pertenceu a Fernão de Magalhães.”

Ficámos muito admiradas e, na dúvida, decidimos ir para a próxima viagem.

Partimos para a Ilha dos Livros e, assim que chegámos, vimos uma mesa. A cada passo que dávamos, a mesa ficava mais próxima. Quando chegámos, vimos crianças sentadas no chão, umas tinham o dedo no ar, outras não. Junto delas, estava um adulto sentado, era o Ondjaki!

Juntámo-nos às outras crianças e ficámos ali a ouvir as histórias que o Ondjaki contava.

- Lia, não está na hora de regressarmos? - perguntou a Miriam.
- Ah, é verdade! A minha mãe deve estar a chegar. Temos de partir.

Regressámos à Hydro@Génio, ligámos todas as antenas para que nada atrapalhasse o nosso regresso e partimos.

Na viagem, íamos vendo animais marinhos, eram lindos! Só um tubarão nos assustou, aí tivemos um pouco de medo.

Por fim, conseguimos chegar a casa, sem sermos apanhadas pela minha mãe.

O lixo na foz do rio Tejo

Jorge Albuquerque 4.º B

Era uma vez um rapaz chamado Geraldo que estava numa missão, cujo objetivo era desentupir o rio Tejo e pôr todo o lixo no R.P., ou seja, no Reutilizador de Plástico.

O Geraldo pegou no seu Peixemóvel, cuja matrícula era 22-11-22, pegou na chave e foi para a garagem secreta. Abriu uma passagem secreta para o mar e assim começou a sua missão. Estava tudo a correr bem, até aparecer uma lula gigante! Os dois enfrentaram-se e a luta foi muito forte, mas o Geraldo conseguiu ganhar.

- Uf! Esta luta foi muito tensa!

Depois da luta com a lula, o Geraldo continuou o seu caminho. Viu peixes, tubarões, polvos e também lulas, mas não gigantes! Conseguiu, então, chegar à foz do rio Tejo e, com a sua mão de metal, conseguiu tirar todo o lixo e pô-lo no seu Peixemóvel.

Quando chegou ao R.P., pôs todo o lixo lá e salvou Lisboa de uma inundação.

A melhor festa do mundo

Guilherme Passos 4.º C

Num dia chuvoso, no Polo Norte, estava eu a tentar ir para uma festa que iria acontecer no Polo Sul. Não queria perdê-la porque parecia ser a mais divertida de todas as festas! Então, meti-me na minha trotinete aquática. A meio da manhã, comecei a preparar-me para ir e, no dia seguinte, já estava a sair de lá.

O problema é que não me lembrava que a linha do Equador estava com uma enorme barreira de lixo que me impedia de atravessá-la! Quando dei por mim, estava à deriva no mar, quase a chegar lá. Carreguei no acelerador da minha trotinete aquática no máximo e fui a andar a alta velocidade.

Finalmente, cheguei à linha do Equador. Estava tão suja que nem os animais conseguiam passar, mas eu tinha um fato que me permitia respirar dentro de água. Vesti-o, coloquei o respirador e saí da trotinete. Comecei a retirar o lixo e, uma hora depois, a linha do Equador já não tinha lixo nenhum!

Fui outra vez para a trotinete e segui o meu caminho. Foi mesmo à última da hora que cheguei à festa do Polo Sul. Diverti-me muito, mas tinha de voltar para casa. Regressei ao Polo Norte no dia seguinte e, do fundo do coração, aquela foi a melhor festa do mundo!



DIÁLOGOS entre as partes interessadas e o futuro

O contributo das partes interessadas na construção do Roteiro de Sustentabilidade 20-30 do Valsassina

Equipa do projeto Roteiro 20-30

A crise global que atualmente se vive torna cada vez mais premente a promoção de um desenvolvimento que responda às necessidades do presente sem colocar em risco a satisfação das necessidades das gerações vindouras.

A Escola não deve, por isso, limitar-se a ser um mero espaço de transmissão de saberes académicos, de forma fragmentada e descontextualizada, tornando-se imperioso que promova a formação dos jovens enquanto cidadãos ativos, responsáveis e conscientes, capazes de agir esclarecidamente face às problemáticas da sociedade civil.

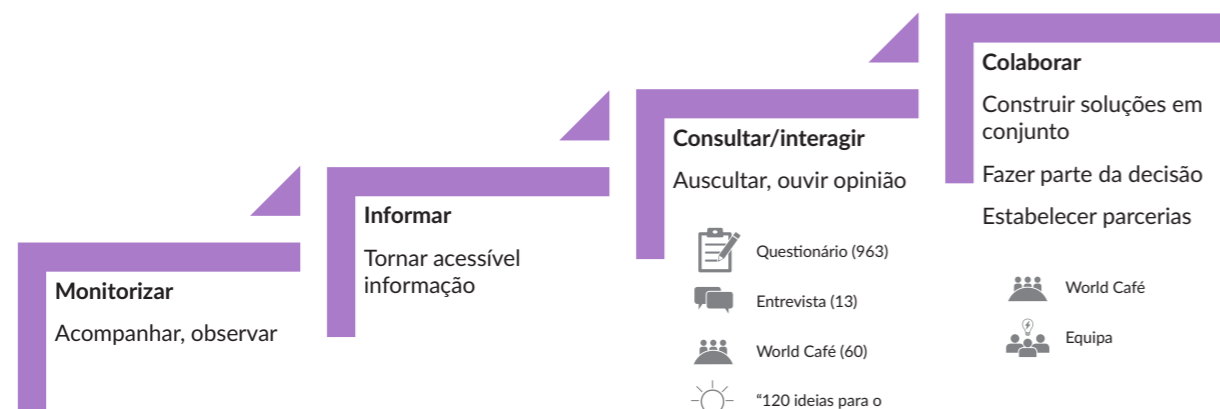
Encaramos o Valsassina como um “laboratório de sustentabilidade”, com práticas de liderança alinhadas com os valores que queremos transmitir aos nossos alunos e às nossas alunas. Assim, está em curso o processo de definição de um roteiro de sustentabilidade com horizonte temporal de 2030 e que pretende alinhar as ações já em curso em diferentes áreas de intervenção com as tendências de sustentabilidade e melhores práticas do setor educativo a nível internacional.

Procurando envolver as várias partes interessadas, valorizar a diversidade de pontos de vista e promover a construção de diálogos entre todos, a equipa do projeto definiu as partes interessadas (*stakeholders*) a envolver e as metodologias de participação direta a adoptar: entrevistas, questionários e *worldcafe*.

No caso do *worldcafe* que se realizou dia 13 de outubro de 2023, a colaboração foi alargada a mais alunos/as e professores/as que assumiram a dinamização de mesas temáticas.

O *worldcafe* teve como proposta de trabalho: i) produzir “matéria-prima” para o roteiro 20-30, envolvendo em simultâneo diferentes partes interessadas internas; ii) recolher ideias e ações concretas a implementar no e pelo Colégio entre 2023 e 2030, dentro dos temas/áreas de intervenção já previamente definidos; iii) identificar as etapas necessárias e os intervenientes na concretização das propostas de ação.

Na edição de dezembro de 2022, foram publicados os resultados globais dos questionários por tema em torno dos quatro eixos definidos para o roteiro (Propósito; Pessoas; Planeta; Parcerias e Princípios de Governação). Apresentamos, nesta edição, a análise de resultados de dois dos três temas que mais se destacaram nas respostas aos questionários (onde se obteve uma taxa de resposta de 42%), com uma preferência superior a 80% das respostas. No roteiro 20-30, serão considerados os 20 temas.



O processo de elaboração do Roteiro de Sustentabilidade 20-30 do Colégio Valsassina está, neste momento, em curso. Este integra contributos de diferentes fontes, nomeadamente:

- Dados do Diagnóstico realizado no arranque do projeto pela Stravillia Sustainability Hub (parceiro estratégico do Colégio neste processo) em colaboração com a equipa do Colégio;
- Dados do Benchmarking realizado no âmbito do presente projeto pela Stravillia, que apresenta um conjunto de ideias inspiradoras e referências das melhores práticas nesta matéria no setor do ensino, a nível internacional.
- Dados recolhidos no Processo de Envolvimento das Partes Interessadas.

Tal como consta no “Memorando Delors sobre Desenvolvimento Sustentável”, conseguir um desenvolvimento sustentável exige estar consciente do desafio e ter uma responsabilidade coletiva. O processo de construção do roteiro 20-30 é um desafio que nos convoca a todos enquanto membros de uma comunidade escolar eticamente responsável, sustentável na gestão dos recursos, incansável na preservação do ambiente e consciente do seu papel enquanto elemento integrante da biosfera.



Livro “120 ideias para o futuro”

Propósito | Educação e Formação para o desenvolvimento sustentável

Importância dada ao tema pelos entrevistados

“A educação é um facto crítico de desenvolvimento numa sociedade”

Relação com outros temas do roteiro

- Comunicação e envolvimento com as partes interessadas
- Espaços verdes e biodiversidade
- Bem-estar, saúde e segurança
- Resíduos e circularidade dos materiais

Relação com as “120 ideias”

13, 24, 50, 51, 54, 63, 64, 67, 70, 87, 88, 97, 99, 100, 118

Seleção do tema como prioritário

80%	79,4%	79,7%
Partes interessadas internas	Partes interessadas externas	Resultados globais

Propostas de ações

- Envolver as partes interessadas
- Sensibilização para a mudança de comportamentos
- Realização de atividades ao ar livre
- Dinamização de horta escolar

Planeta | Resíduos e circularidade dos materiais

Importância dada ao tema pelos entrevistados

“Todas as nossas ações produzem lixo. A solução não passa por voltar atrás no estilo de vida, mas há que pensar no futuro e apostar na reutilização dos recursos”

Relação com outros temas do roteiro

- Educação e formação para o desenvolvimento sustentável
- Formação de cidadãos socialmente responsáveis
- Apoio social
- Inovação na Educação
- Gestão do Edificado e Eficiência dos Recursos
- Alimentação Saudável

Relação com as “120 ideias”

29, 91, 117, 119

Seleção do tema como prioritário

90%	69,6%	79,8%
Partes interessadas internas	Partes interessadas externas	Resultados globais

Propostas de ações

- Valsassina circular
- Campanhas de sensibilização
- Compostagem no Colégio
- Redução de plásticos

DIÁLOGOS

sobre ciência, sustentabilidade e cidadania

Entrevista com a Bióloga Vanda Brotas

Diana Marques, André Enes e Miguel Zlotnikov 8.º C
Trabalho realizado sob a supervisão das professoras Patrícia Castela e Sílvia Firmino



Vanda Brotas

Bióloga, Professora Catedrática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e investigadora do MARE (Marine and Environmental Sciences Centre). Os seus interesses atuais de investigação centram-se na área da Ecologia Marinha, em particular em ecologia, função e dinâmica do fitoplâncton, deteção remota da cor do oceano, produtores primários de ecossistemas estuarinos. Tem estudado estuários, lagoas costeiras, zonas costeiras, e oceano aberto. É, ainda, autora de vários livros.

No dia 10 de janeiro, estive no Colégio, onde dinamizei uma sessão para as turmas do 8.º Ano em torno do seu livro *A revolta da natureza em Brimsa*. Foi uma oportunidade para conhecer um pouco mais sobre o trabalho desta investigadora e as suas preocupações em torno da biodiversidade e da sustentabilidade.

Além do trabalho como investigadora, é autora de livros. Como surgiu a escrita na sua vida?

A escrita foi surgindo... O primeiro livro infantil que publiquei [*Histórias para Meninos 'Não Quero'*] foi em 2000. Nessa altura, tinha um filho pequeno e achei que as minhas histórias podiam ser tão boas [risos] como as que eu lia nos livros ou melhores. Escrevi, então, o primeiro livro que, inclusivamente, pertenceu ao Plano Nacional de Leitura. Depois escrevi outro, em 2007. Só mais tarde entrei nesta aventura de misturar a escrita – a Literatura – com a Ciência.

Inspira-se no seu trabalho científico para escrever histórias?

Sim! Certamente! Muito no meu trabalho científico e nas minhas vivências (procuro sempre uma zona geográfica de Portugal para escrever as histórias).

O livro *Os Meus Amigos Triops* não é inspirado no meu trabalho científico, mas no de colegas. Esta história é inspirada na região do Algarve, no sudoeste algarvio, onde há charcos temporários, onde aparecem indivíduos deste grupo [Triops é o nome de um género de animais que correspondem a crustáceo de água doce; é assim chamado por possuir três olhos].

O livro *A história do azoto, bom em pequenino e mau em grande* é inspirado nos Açores e nas lagoas dos Açores, que são muito eutrofizadas, ou seja, apresentam elevadas quantidades de nutrientes, levando ao aparecimento de peixes mortos, o que é um problema nos Açores. Também isso se relaciona com a minha investigação, porque as plantas e as algas precisam de dois elementos para crescer: nutrientes e luz. Se há nutrientes a mais, elas crescem demais, o que leva a que uma espécie cresça mais do que as outras.

Há ainda outra história [*A menina que via o mar de várias cores*], que é sobre a cor do oceano. Essa incide exatamente no que eu faço atualmente.

Por sua vez, o livro de que falámos na sessão de hoje, *A Revolta da Natureza em Brimsa*, é sobre os serviços dos ecossistemas. É sobre um tema transversal à investigação.

O seu último livro intitula-se *Revolta da Natureza em Brimsa*. Que cidade é Brimsa e que revolta lá se passa?

A cidade em que me inspirei para este livro foi Sesimbra. Tenho de pensar sempre num local, até porque tenho de o transmitir ao meu ilustrador, o Rui, de forma a que ele pense no mesmo sítio e, a partir dele, ilustre um lugar mítico. O que se

passa em Brimsa? A Natureza revolta-se e começam a aparecer as vespas em vez das abelhas, as alforrecas urticantes e um nevoeiro pestilento. Trata-se, no fundo, da Natureza a revoltar-se contra os humanos. É o que nós não queremos, nós queremos viver em harmonia com a Natureza.

Neste seu livro, refere que a Natureza presta serviços. O que é que isso significa e como se pode atribuir valor aos ecossistemas?

Essa é uma área do conhecimento cujo conceito começou com um artigo de 1987. Nesse artigo, os autores apresentaram uma reflexão sobre o modo como podemos atribuir um valor, por exemplo, às florestas ou aos sapais, em termos da produção de oxigénio. Como podemos atribuir-lhes um valor em termos de produção de madeira ou em termos de agricultura. Como podemos atribuir esse valor e como podemos atribuir um valor à parte ética também. Um dos exemplos que os autores apresentavam nesse artigo foi o dos agentes imobiliários. É habitual, quando vendem imóveis, afirmarem “Tem vista de mar”. Se “ter vista de mar” é mais caro, logo “ter vista de mar” corresponde a um valor. Os autores foram, então, buscar esses conceitos, essas ideias, para procurar determinar quanto vale a Terra. No fundo, os serviços dos ecossistemas traduzem os benefícios que a Humanidade retira dos ecossistemas (podem incluir bens materiais e/ou serviços imateriais).

Esse artigo causou bastante impacto nos *media* e polémica na comunidade científica. Com o tempo, o conceito de serviços de ecossistemas desenvolveu-se, sendo aceite pela comunidade científica e pelos cidadãos. É uma ferramenta muito útil para o ordenamento do território, para discutir com os

vários intervenientes na sociedade, para fazer a ponte entre a Ciência e a vivência dos cidadãos. Considero ser um conceito interessante, pois permite dialogar.

Incluiu na história de *Revolta da Natureza em Brimsa* umas personagens sinistras que exigem coisas impossíveis, espalhando o medo e mudando o comportamento das pessoas. Pretende, dessa forma, chamar a atenção para os perigos da “pseudociência” e para as “soluções milagrosas” que, com frequência, nos são apresentadas? Porquê?

Exatamente! É mesmo isso! Ainda bem que falas em “pseudociência” e em “soluções milagrosas”. Pretendo chamar a atenção exatamente para isso: numa situação de medo, as pessoas vão buscar “soluções milagrosas” que nada têm a ver com o conhecimento nem com a Ciência. É para isso que pretendo chamar a atenção. Na verdade, não podemos embarcar na primeira solução ou em soluções que nos parecem bem porque, provavelmente, estas até vêm de pessoas sem escrúpulos, como eram aqui os Blastos que estavam só a aproveitar o medo das pessoas.

Uma questão que, por vezes, passa despercebida a muitas pessoas é a ligação entre biodiversidade e alterações climáticas. Como é que se estabelece esta relação e como explica a sua importância?

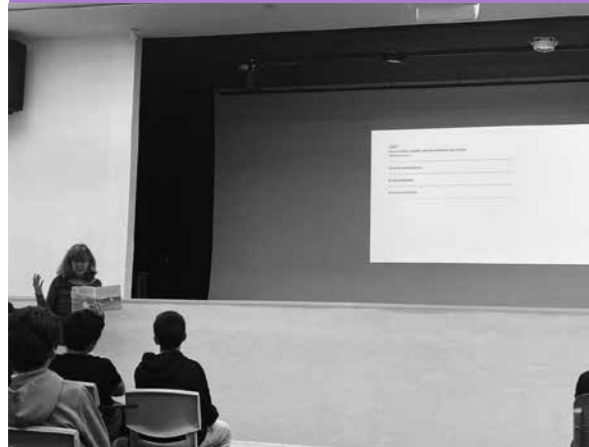
Essa é uma boa pergunta. A biodiversidade é das questões que nos levam a olhar para a Natureza. Temos uma biodiversidade elevada quando os fatores ambientais também a propiciam.

Vejam o exemplo abordado no meu livro sobre o Azoto. Numa lagoa, podemos encontrar uma grande biodiversidade. Possui muitas espécies de



Entrevista completa





fitoplâncton, zooplâncton, muitos peixes, entre outros. Perante alterações climáticas ou na presença de outros efeitos, por exemplo, se uma determinada zona ficar mais salgada, então, algumas espécies desaparecerão e apenas algumas conseguirão prevalecer – a Natureza tem sempre capacidade de levar uma espécie a dominar as outras em resposta a fatores ambientais diferentes! Isso é muito importante que vocês percebam. A Natureza ganha sempre, ainda que se “prejudique” (por exemplo, se registre uma perda de biodiversidade). Nesta história [A história do Azoto, bom em pequenino e mau em grande] não são as alterações climáticas, mas é o excesso de nutrientes que vai privilegiar uma espécie. Essa espécie fica dominante e a biodiversidade diminui, porque a biodiversidade tem a ver com o equilíbrio entre as espécies, a quantidade de espécies, e não só uma.

Tem estudado estuários, lagoas costeiras, zonas costeiras e o oceano aberto. Quais as principais ameaças para os oceanos?

A principal ameaça talvez seja esta questão da relação entre a sustentabilidade dos oceanos e a sua exploração. Sabemos que a sobrepesca afeta muitas espécies e não podemos deixar que essas espécies se extingam completamente. Sabemos que temos de recorrer à aquacultura para dar alimento às pessoas, mas esta também pode ter impactos ambientais. Já há formas de fazer isso, por isso é fundamental ter esse cuidado.

As alterações climáticas talvez sejam a ameaça mais forte para o oceano, porque também não sabemos bem o que vai acontecer às suas correntes. A extinção de algumas espécies é muito preocupante...

Qual pode ser o papel dos mais jovens na defesa dos oceanos e da biodiversidade?

Eu penso que o papel dos mais jovens e de cada um de nós, independentemente da idade, é fazer o possível por, dentro das suas capacidades, pensar nisso. Por exemplo, em Inglaterra, quando se compra uma embalagem de peixe congelado, esta já tem a indicação se corresponde, ou não, a peixe pescado de forma sustentável. O consumidor deve ter também a preocupação de escolher produtos que sejam mais sustentáveis ou, pelo menos, privilegiar a diversidade de alimentos, pensar no lixo e pensar em não interferir na Natureza de forma muito forte.

Quando pensamos na dimensão e na gravidade da crise climática, tendemos a ser pessimistas. Ainda vamos a tempo de inverter o ciclo? Como?

Eu espero que sim! Neste momento, temos outro problema que é mais difícil até de resolver: a pressão psicológica. Mesmo que comecemos agora a reverter a situação a 100%, há uma inércia na atmosfera e vai demorar ainda 20 ou 30 anos a que o CO₂ – o dióxido de carbono – diminua e isso é muito frustrante! Não sei como é que isto se pode resolver, porque é uma questão psicológica e sociológica. Como é que a população pode pensar que está a fazer tanta coisa e nada acontece? Isso é algo que me preocupa seguramente. Não tenho resposta para como lidar com a frustração da população. No entanto, por outro lado, e pensando alto, todos nós, quando fazemos uma coisa boa, ficamos contentes, portanto, acho que talvez seja esse o caminho, fazermos qualquer coisa à nossa medida. Se todos fizerem qualquer coisa à sua medida, isso faz diferença.

Num mundo dominado por fake news e populismos, que mensagem, conselho e/ou desafio deixa aos nossos alunos?

Eu acho que a mensagem é terem atenção. Observar, ter sempre uma perspetiva científica, não embarcar nas primeiras notícias ou nas primeiras mensagens que veem nas redes sociais, ter essa perspetiva científica, crítica, essa perspetiva que ganham através da vossa formação. Uma coisa é estudar a matéria. Muitas vezes, esquecem-na toda, mas fica lá sempre qualquer coisa e o que deve ficar é essa atitude de olhar para a Ciência, para a realidade, de uma maneira científica, observar e pensar.

DIÁLOGOS Saída de campo à ZIBA com a biodiversidade

Marina Martins e Sílvia Firmino Professoras de Ciências Naturais

Ouriços, estrelas-do-mar, cabozes, anémonas, algas marinhas, cracas, lapas, morangos do mar, tomates do mar e polvos foram alguns dos seres vivos visitados pelos/as alunos/as do 8.º Ano durante uma aula de Ciências Naturais na ZIBA (Zona de Interesse Biofísico das Avencas).

Já para encontrar avencas, as plantas que deram nome ao local, o desafio revelou-se mais difícil, uma vez que a sua população parece estar em regressão...

Porque diminuiu a população de avencas naquela praia? Como podem espécies desaparecer dos seus locais de origem? Que motivos estão na base desse acontecimento? Como poderemos agir para evitar que o mesmo aconteça com outras espécies autóctones?

É urgente refletir, alimentar o espírito crítico e aprender a estabelecer "Diálogos com a Biodiversidade".

O recurso a uma saída de campo como estratégia de ensino-aprendizagem constitui uma metodologia ativa, em que o/a aluno/a tem um papel central na descoberta e na construção da sua própria aprendizagem. Em diálogo com a biodiversidade local, a saída de campo à ZIBA convocou a curiosidade dos/as alunos/as e pretendeu desenvolver a autonomia, o sentido de responsabilidade para consigo, para com os outros e para com o meio ambiente.

Consideramos que perspetivar ensino e aprendizagem com relevância nas dimensões de educação “pelas” e “sobre as” ciências (Santos, 2001), em articulação com educação “em” ciências, é fundamental para formar cidadãos capazes de formular juízos de valor em questões científico-tecnológicas que impliquem tomada de decisões numa perspetiva de cidadania ativa e responsável (Pedrosa et al., 2004). Mas, para tal, requerem-se intervenções educativas próximas dos/as alunos/as, suportadas em estratégias promotoras de aprendizagens signifi-



ficativas, de que é exemplo a saída de campo.

Localizada entre as praias da Bafureira e da Parede, a ZIBA é uma área marinha protegida que reúne condições ideais para se assumir como um laboratório ao ar livre, convocando os alunos do 8.º Ano para a observação *in loco* e para o estudo do ecossistema intertidal.

É uma zona de elevada importância ecológica por servir de *habitat* a uma grande variedade de espécies. É também muito frágil por estar sujeita a fatores físicos severos, como, por exemplo, a força das ondas e os ciclos de marés.

Esta saída convocou ainda os/as alunos/as para a observação e identificação dos fatores, de origem humana que exercem maior pressão sobre este ecossistema, nomeadamente o pisoteio excessivo, a pesca não autorizada e as alterações climáticas.

Deste modo, esta experiência de aprendizagem constituiu um instrumento pedagógico e didático orientado para que os alunos e as alunas se impliquem cognitivamente e afetivamente no processo de aprendizagem, interiorizem conceitos e procedimentos, assim como desenvolvam valores e atitudes, de uma forma integrada (Hodson, 2003).

Pudemos observar animais que não se veem todos os dias, como o morango do mar e as estrelas-do-mar, entre outros. **Joana Parreira 8.º A**

Esta visita foi única. Nunca tinha visto ao vivo algumas das espécies que encontramos no local e fiquei a conhecer novas espécies. **Gonçalo Matias 8.º A**

Compreendi a importância de ser sustentável. **Mafalda David 8.º D**

Aprendemos nas Avencas que cada vida deve ser preservada. **Lisa Ye e Tiago Almeida 8.º B**

Apresenta-nos uma nova forma de aprendizagem, ajudando os alunos a aprender observando os seres vivos no seu habitat. **Isabel Lima 8.º B**



Testemunhos de Alunos

Moléculas Fascinantes

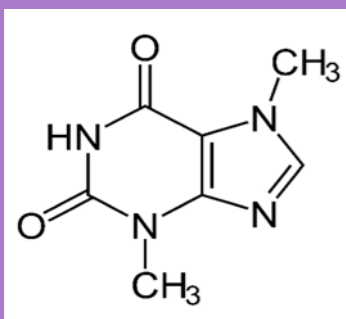
Isabel Henriques Professora de Física e Química
Turma 10.º 1C

No âmbito da componente de Química da disciplina de Física e Química A, do 10.º Ano de escolaridade, tendo presentes as Aprendizagens Essências e, fundamentalmente, a necessidade de desafiar os/as alunos/as a construir pontes entre o que estudam na escola e o Universo que nos rodeia, foi desenhado um Projeto que contemplou múltiplos desafios. Todo o percurso educativo teve como principal objetivo estimular a curiosidade e desafiar os/as alunos/as a interrogarem-se sobre o tema “Moléculas Fascinantes”.

Cada aluno/a foi convidado/a a efetuar uma pesquisa sobre moléculas que, por diferentes motivos, assumiram ou assumem um papel importante no seu quotidiano. Cada um/a escolheu uma (ou mais) molécula(s), tendo apresentado a sua fórmula de estrutura e um conjunto de palavras justificativas da sua escolha.

Apresentam-se alguns registos partilhados pelos/as alunos/as...

Teobromina

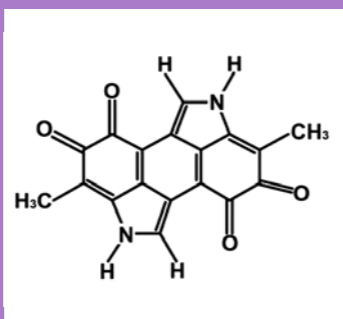


Fórmula química de estrutura da molécula

Palavras

- Chocolate
- Bom humor
- Memórias felizes

Melanina

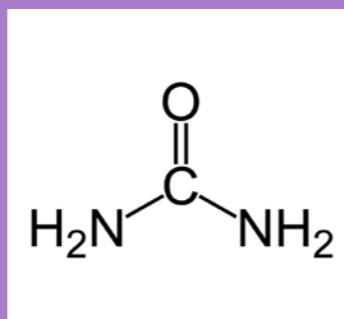


Fórmula química de estrutura da molécula

Palavras

- Bronze
- Sol
- Verão

Ureia



Fórmula química de estrutura da molécula

Palavras

- Trabalho
- Perder peso
- Esforço
- Dedicção
- Transpiração

Concluiu-se, assim, que cada aluno/a tem as “suas” Moléculas e as razões que fundamentam as suas escolhas.

Simultaneamente, foi lançado o desafio ao Professor Sobrinho Simões, médico, professor e investigador, para se juntar ao Projeto com a sua escolha.

Partilhamos a escolha e o texto que a justifica.

A molécula da Vida

Manuel Sobrinho Simões
Médico Investigador e professor de Medicina

“A minha molécula mais fascinante é o «ADN» ou, se quiser uma espécie de sinónimo, para mim a molécula mais fascinante é a «Molécula da Vida»”.

Tenho muitas associações fortíssimas à ideia do ADN e a minha dificuldade foi escolher só três palavras – Pessoa, Amiga(o), Colaborar – pois muitas outras me ocorreram de imediato. Desde logo, a Morte em articulação com a Vida e o ARN entre o ADN e as Proteínas. Depois, os Seres Vivos, no contexto da felicíssima descrição de CASA COMUM do nosso Papa, e os Vírus. Eles, os vírus, não são seres vivos, são partículas com informação – ADN ou ARN – com formas e tamanhos muito diferentes. Mesmo sem serem células, têm fenótipos específicos e desempenharam um papel muito importante na construção dos seres vivos, ao longo de milhões de anos e continuam a desempenhar um papel crucial na Saúde e na Doença, veja-se, por exemplo, a ocorrência recente da pandemia COVID19.

Uma “coisa” parecida acontece com os microrganismos que os humanos, como muitos outros seres vivos, temos no tubo digestivo, no aparelho respiratório e em outros órgãos ligados ao exterior – o chamado Microbioma. Geralmente pensamos em bactérias, mas atenção aos vírus e aos fungos que também revestem as mucosas. O Microbioma contribui, e muito, para a construção dos seres vivos em geral, e o Homo sapiens, em particular; por exemplo, percebemos hoje que muitas funções cerebrais dependem da constituição do Microbioma, pois temos em circulação sanguínea muitos metabolitos originados no Microbioma. O Homo sapiens é muito mais do que só o resultado dos seus genes e, então, se pensarmos no que é uma PESSOA, passamos para uma super-categoria. Te-

mos de valorizar aquilo que é o mais determinante na construção de uma PESSOA – a relação com o Outro, daí o valor da relação com a mãe e o pai, a relação com os avós, a(o) tia(o), a “tribo”, etc. No fundo, estamos a dizer que a educação, a ternura, a aprendizagem de viver em conjunto com os outros são fundamentais para a individualização da PESSOA. A amizade vem daí e constrói-se ao longo da vida com AMIGA(O)S.

Entre a PESSOA e o mundo, isto é, entre a árvore e a floresta, precisamos, porque somos seres relacionais, estações intermédias. No que diz respeito à “botânica” podemos pensar em quintais ou jardins entre a árvore a floresta; na nossa vida, essas “estações” são as comunidades, conjuntos de humanos que “vivem juntos”, comunicando entre si e reforçando o valor social da sua atividade individual e coletiva.

Penso que terão notado que começamos a usar muito a preposição COM (ou até só CO...), (Conjunto, Comunidade, Coletivo, Comunicar...). Daí ter chegado à palavra COLABORAR, por ela acentuar a importância de “saber fazer” e “fazer mesmo”, isto é, trabalhar, e trabalhar em conjunto (co-labor, o tal labor de onde veio a palavra laboratório). A outra palavra, muito próxima, que teria podido seleccionar, é “Confiar”, que também passa por uma ação em conjunto com pessoas e os amigos. Aprendi com D. Tolentino que a palavra Confiar tem a ver com “apostar” e “saltar” e achei interessantíssimo porque se liga à importância da “Colaboração” e da “Organização-da-esperança”.

Voltando ao princípio, partimos do ADN/Molécula da Vida e, através do valor da relação com os outros, chegamos à PESSOA, AMIGA(O) e COLABORAR (com Confiança...).”

O Projeto foi alargado a uma comunidade educativa exterior, ultrapassando a turma.

No final do Projeto, pretende-se incluir todos os contributos num pequeno livro – o livro das “Moléculas Fascinantes”. Desta forma, são premiados a dedicação e o entusiasmo dos/as alunos/as que conduziram, certamente, a uma aprendizagem efetiva e desafiante.

Por último, um enorme bem-haja ao Professor Sobrinho Simões pela total disponibilidade com que abraçou este desafio.

DIÁLOGOS Entrevista com David Marçal

sobre ciência e cidadania

Ana Carolina Reis 11.º 1B, Ana Francisca Martins 11.º 1B, Maria Madalena Nunes 11.º 3, Miguel Aguiar 11.º 1A e Rita Paixão 11.º 1A
Sob a orientação de Cláudia Viana e José Manuel Marques, professores de Filosofia

“A pseudociência está por todo o lado e recorre a um conjunto de estratégias reconhecíveis, na tentativa de se validar [...], como o uso abusivo de linguagem aparentemente científica e a evocação de figuras de autoridade, como autoproclamados especialistas ou médicos.” Este foi o contexto para a palestra “Ciência e Pseudociência” promovida pela disciplina de Filosofia no 11.º Ano e dinamizada por David Marçal, no dia 28 de fevereiro.

David Marçal, investigador, comunicador de Ciência e escritor, convocou os alunos e as alunas para uma reflexão sobre a importância da Ciência e para a necessidade de estarmos atentos aos perigos da pseudociência. Foram apresentadas algumas ferramentas para ajudar a demarcar Ciência de pseudociência. No final desta sessão muito participada, os/as estudantes concordaram que o principal antídoto para a pseudociência é a cultura científica.



Entrevista completa

Ana Carolina 11.º 1B: O que o levou a escrever o ensaio “Pseudociência”?

Já me interessava por pseudociência há algum tempo. Fiz investigação científica durante muitos anos e, desde muito cedo, me interessei pela comunicação e divulgação da Ciência. Uma das coisas que me fazia confusão era a forma como a Ciência era representada no espaço público, por exemplo, nos anúncios de televisão, havia uns tipos de bata branca que davam a ideia de a Ciência ser uma coisa que não era (eu sabia o que era porque fazia investigação científica). Então, cheguei à conclusão de que era importante explicar o que é a própria Ciência e explicá-la de um ponto de vista em que existem representações erradas de Ciência. Cheguei, assim, à pseudociência.

Miguel Aguiar 11.º 1A: A Ciência é marcada pela objetividade e imparcialidade do seu estudo. Mas, se fizermos uma abordagem histórica da Ciência, não será a esta subjetiva?

A Ciência é feita por pessoas que têm falhas, erros, conflitos de interesse, quezílias pessoais, crenças, que são influenciadas pelo contexto cultural. Por exemplo, no início do século XX, havia uma teoria que era a da energia limitada, segundo a qual as mulheres não deveriam trabalhar porque o ser humano tem uma energia limitada e, então, perderiam energia para ter e criar filhos, para serem mães. Isto não é Ciência, mas, na altura, foi aceite como tal. Os cientistas naquela altura estavam influenciados

pelo ambiente cultural da sua época, que os fez ignorar ou interpretar de forma muito tendenciosa todas as evidências que tinham à sua frente. Portanto, a Ciência nem sempre é objetiva.

O princípio é, talvez, este: se houver uma comunidade científica aberta a novas ideias, suficientemente diversa, por exemplo, que tenha homens e mulheres, ao fim de algum tempo, o próprio processo científico, ou seja, o escrutínio das ideias pelos pares, a colaboração e a competição entre cientistas, acaba por produzir conhecimento cada vez mais fiável. Mas isto não quer dizer que em cada momento não possa haver desvios à objetividade.

Rita Paixão 11.º 1A: Como entende o desenvolvimento da Ciência? Está mais próximo da perspectiva descontinuísta, como Kuhn, ou da perspectiva continuísta, como Popper?

Revejo-me mais na perspectiva de Popper. Kuhn apresenta uma visão conceptualmente interessante, mas que, segundo alguns críticos, falha ao não reconhecer a continuidade na descontinuidade que identifica. Por exemplo, na questão da descontinuidade do modelo heliocêntrico e o modelo geocêntrico, na verdade, Copérnico respeitou muito Ptolomeu, seja do ponto de vista formal, como apresentou as suas ideias ou como argumentou, ele fez quase uma réplica da estrutura da argumentação do Ptolomeu e procurou ter o modelo matemático. Aliás, o modelo de Ptolomeu explicava a posição dos astros com poucas incoerências. Portanto,

apesar de ser um modelo diferente, existe uma certa continuidade do ponto de vista conceptual e epistemológico. Ou seja, a ideia continua a ser a de encontrar um modelo matemático que descreva a posição dos astros e os instrumentos cognitivos e discursivos são parecidos. Portanto, talvez por eu ter um espírito mais prático, considero que o Popper tem uma visão mais acionável diretamente.

Ana Francisca 11.º 1B: Por que razão as pessoas acreditam na pseudociência? Que aspetos tornam a pseudociência cativante?

A pseudociência dá respostas fáceis. A Ciência tem dúvidas e algum nível de incerteza. A pseudociência dá umas certezas tranquilizantes: diz-nos aquilo que queremos ouvir, concorda com aquilo que nós já pensamos, dá-nos esperança em questões que nos angustiam. É apelativa. Mas também é preciso dizer que a pseudociência consegue transmitir-se de um modo mais eficaz e que, normalmente, está associada a componentes emocionais. Geralmente, os pseudocientistas são mais carismáticos e interessantes do que os cientistas.

Madalena Nunes 11.º 3: Podemos dizer que a eficácia resulta da relação pessoal que se estabelece com o paciente?

Sim. Reparem: no seu trabalho, o cientista foca-se na obtenção de provas, embora também deva interagir com o mundo, mas um pseudocientista baseia a sua atividade na interação com o mundo, porque não tem de se preocupar com as provas. Elas não existem. É, por isso, que os pseudocientistas de sucesso são pessoas que desenvolvem discursos muitíssimo eficazes.

Rita Paixão 11.º 1A: Há pessoas que veem a Ciência como algo que define a verdade absoluta. Até que ponto podemos considerar a Ciência deste modo? Há uma Ciência que se aplique a um contexto cultural e que dependa desse contexto cultural?

A Ciência tem pontualmente grandes enviesamentos. Por exemplo, a Ciência da Alemanha Nazi estava repleta de pseudociência. E não é o único caso. Aliás, as ditaduras tendem a dar-se mal com a Ciência, porque esta exige uma certa liberdade de pensamento e quem tem razão é quem apresenta provas e não quem está no topo da hierarquia. A Ciência é muito disruptiva para a autoridade.

Agora, discutir se há uma Ciência que se aplique a um contexto cultural e que dependa dele é um debate contemporâneo. Há quem ache que sim. Eu discordo. Podemos imaginar um avião que dá a volta ao mundo. Ele vai sobrevoar uma série de culturas e formas de pensar, mas as leis da Aerodinâmica e da Física, cuja aplicação o mantém no ar, são as mesmas. De alguma forma, há conhecimento acer-

ca da Natureza que conseguimos descortinar com uma linguagem própria, expressão e formalismo (que até podiam ser outros). Porque há uma construção formal que se aplica à Natureza, que a descreve, acreditamos nela. Porque temos provas de que é plausível. Portanto, não consigo considerar que a boa Ciência, a saudável, seja culturalmente determinada. Mas há certos enviesamentos que o são, como a questão da energia limitada das mulheres ou a Ciência distorcida da Alemanha Nazi.

O físico Carlo Rovelli, que estuda o tempo, interessou-se muito pelas visões cosmológicas antigas. Rovelli leu um artigo de uma antropóloga que tinha comparado o trabalho do Eratóstenes (que, na Antiguidade Clássica, tinha conseguido calcular com algum rigor o raio da Terra) com o trabalho de alguns astrónomos chineses (que, na mesma época, consideravam que as estrelas estavam próximas e que a Terra era plana).

Esse artigo apresenta algumas discussões desses paradigmas epistemológicos. Carl Rovelli gostou bastante do artigo e, um dia, quando a encontrou numa conferência, perguntou-lhe por que razão não havia referido que Eratóstenes estava certo e os astrónomos chineses enganados. A antropóloga respondeu-lhe que, nos respetivos sistemas epistemológicos, estavam ambos corretos. Eu não consigo pensar assim.

A Ciência não é conhecimento interior, não é conhecimento místico, é sempre dependente da Natureza. Em Ciência, em teoria, tudo é passível de revisão quando há novas provas. É claro que nem tudo está em pé de igualdade. Sobre as leis da termodinâmica e sobre a forma da Terra, estamos muito certos, mas temos certas dúvidas, por exemplo, sobre o início da infeção pela Covid-19.

Cláudia Viana: Agradecemos a partilha. Para concluir, perguntamos que projetos tem em mente?

Agora tenho um *podcast* novo com um amigo, Carlos Fiolhais, que se chama “Mais lento que a luz”. Ambos falamos com um convidado durante meia-hora. O primeiro foi sobre Ciência/Química e Música/Ópera, com João Paulo André. O próximo sai quinta-feira, com o cientista português Manuel Paiva, que estudou a respiração dos astronautas quando estão em gravidade reduzida. Manuel Paiva tem histórias incríveis. Por isso, não deixem de o ouvir.



Prevenção rodoviária e o projeto PAFSE (*Partnerships For Science Education*) – A implementação dos cenários de aprendizagem.

Dulce Sanches e Patrícia Castela Professoras de Físico-química
Sílvia Firmino Professora de Ciências Naturais

O trabalho de projeto na área disciplinar de Ciências Físicas e Naturais pode ter um impacto significativo na sociedade, uma vez que, ao abordar problemas em áreas como a saúde, meio ambiente, energia e tecnologia, pode levar a descobertas que beneficiam a sociedade como um todo. Estes projetos podem ser uma forma poderosa de incentivar o interesse dos/as estudantes pela Ciência.

O PAFSE explora a educação científica como meio para fornecer aos cidadãos e às cidadãs o conhecimento, as ferramentas e as competências para tomar decisões informadas sobre sua saúde. O projeto contribui para a preparação da comunidade para reduzir o risco de acidentes rodoviários, focando nos fatores de risco para a condição de saúde dos indivíduos, mas também nos comportamentos preventivos e seguros do ponto de vista pessoal e coletivo, contribuindo para comunidades mais conscientes sobre estilos de vida saudáveis, prevenção de lesões, bem como deteção, prevenção e resposta a comportamentos relacionados com os acidentes rodoviários, uma das principais causas de morte, no mundo, na faixa etária dos 5 aos 29 anos.



Sessões desenvolvidas com turmas dos 8.º e 9.º Anos

CENÁRIOS
EDUCATIVOS

Cenário
1

Mobilidade Sustentável

O cenário começou a ser implementado na turma B do 8.º Ano, no início do 2º período. Até à data em que este artigo foi escrito, foram realizadas quatro sessões (de um total de sete). Os/as alunos/as exploraram os conceitos de sustentabilidade e mobilidade sustentável, partindo para a discussão de formas de proteção ambiental, incidindo nos recursos energéticos e poluição sonora. Depois disso, foram desafiados a calcular a sua pegada ecológica e a refletir sobre a mesma, dando particular atenção à mobilidade.

Cenário
2

Acidentes Rodoviários

Os cenários 2 e 3 começaram a ser implementados na turma 9.º C, no início deste período. Do total de seis sessões, já foram realizadas três. Estas tiveram como objetivos perceber os comportamentos de risco no trânsito e a forma como estes afetam a saúde pública. Para tal, os/as alunos/as exploraram um conjunto de recursos digitais onde perceberam os dados estatísticos relacionados com a sinistralidade rodoviária no mundo e, sobretudo, no nosso país.

Cenário
3

Fatores de Risco dos Acidentes Rodoviários

Até à data em que este artigo foi escrito, realizou-se cinco sessões na turma 9.º C (de um total de seis). Foram explorados vários conceitos relacionados com a sinistralidade automóvel, dando-se particular ênfase ao papel do condutor e dos fatores que afetam a sua performance ao volante (excesso de velocidade, distração e fadiga, entre outros).

O projeto cumpre as nossas expectativas e, no nosso entender, a parte teórica e a parte prática estão equilibradas. Pensamos também que se adequa aos conteúdos lecionados nas duas disciplinas, já que abrange saúde pública (Ciências Naturais) e temas como a distância de segurança, medidas de segurança, causas da sinistralidade, etc. (Físico-Química).

Andreia Almeida, Bruno Dai, Carlos Claro, Pedro Xu, Tomás Mateus, 9.º C

Achamos que o projeto é importante para consciencializar dos números e dos perigos alusivos aos acidentes rodoviários.

Filipe Gama, Guilherme Duarte, Alexandre Carvalho, Duarte Ribeiro, Francisco Silva, 9.º C

Este trabalho é bastante interessante, pois é importante termos conhecimentos acerca dos acidentes rodoviários, que constituem uma das principais causas de morte. Por isso, é fundamental sabermos os fatores que os influenciam, os cuidados a ter e as consequências da falta de medidas de prevenção.

Leonor Fernandes, Matilde Mendes, Rita Machado, 9.º C

Simuladores de fatores de risco em acidentes rodoviários



Saiba mais sobre
os cenários educativos
do projeto PAFSE



Pensar a Terra, agir no Valsassina

Maria João Godinho Professora de Inglês

"In the end we retain from our studies only that which we practically apply."

J. W. Von Goethe

"Não há maior legado que dar aos jovens as ferramentas de que precisam para salvar o planeta"

Ao longo do 1.º período, a disciplina de Inglês desafiou os/as alunos/as do 11.º Ano a refletirem sobre problemáticas ambientais, sustentabilidade, bioética, hábitos de consumo e intervenção cívica e solidária.

Suportado em trabalho colaborativo, pretende-se, com este desafio, desenvolver a capacidade de pensar crítica e autonomamente, a criatividade e a capacidade de comunicação. Neste sentido, durante o 2.º período, cada grupo de trabalho desenvolveu propostas de atividades a dinamizar com os alunos e as alunas do 1.º ao 3.º Ciclo.

Na turma do 11.º 1A, um dos grupos de trabalho propõe um *Peddy-Paper* destinado aos alunos dos 2.º e 3.º Anos, onde são convidados a explorar a importância da reciclagem e da conservação da biosfera. De uma forma lúdica, pretende-se contribuir para a literacia para a sustentabilidade. Em cada turma, devem ser constituídos grupos com cerca de 4 a 5 alunos/as. Cada um deverá completar um conjunto de diferentes tarefas, passando por cinco estações. Para os/as alunos/as do 6.º Ano, a proposta inclui duas fases: após uma introdução ao problema, os/as alunos/as devem deslocar-se até ao Parque da Bela Vista, onde devem recolher lixo, de acordo com um conjunto de regras desenhadas pelo grupo tutor.

A turma 11.º 2 dedicou-se a organizar sessões de informação e sensibilização sobre conservação da Natureza, estimulando uma participação cívica mais ativa. Por exemplo, no passado dia 28 de fevereiro, a turma recebeu a visita de João Ribeiro, técnico de educação ambiental da WWF/ANP (Associação Natureza Portugal; <https://www.natureza-portugal.org/>). Além do conhecimento do trabalho desenvolvido por esta organização em prol da sustentabilidade, a sessão motivou os/as alunos/as para a ação, assumindo um papel mais ativo na sociedade.

"Não há maior legado que dar aos jovens as ferramentas de que precisam para salvar o planeta" (David Attenborough). Esta deverá ser também a missão de todos os/as educadores/as que pretendem que os/as seus/suas alunos/as sejam cidadãos de ação: autónomos, proativos e diligentes neste processo global e urgente.

Do not miss the third term!...



O Projeto *Public Speaking* foi distinguido com o Selo Europeu 2022 para as Iniciativas Inovadoras na Área do Ensino/Aprendizagem das Línguas



Aceda à edição 2023 da Gazeta Valsassina,
School Public Speaking



Encorajar mais pessoas a aprender mais línguas tem uma elevada importância para a União Europeia, não apenas por razões de ordem comercial e industrial do mercado único mas também para que se promova uma compreensão mútua e se ajude a criar uma cidadania europeia.

Como tal, é importante dar visibilidade a projetos inovadores e de qualidade no ensino-aprendizagem das línguas, estimulando uma adoção mais alargada dessas abordagens.

Esta é a meta da Comissão Europeia ao propor a criação de um Selo Europeu. Pretende-se que este selo de qualidade funcione como um reconhecimento do processo, distinguindo o carácter inovador dos projetos e o desenvolvimento criativo da motivação e de novas formas de aprendizagem das línguas. O selo é atribuído anualmente a um número limitado de projetos em cada país participante, selecionados por júris nacionais.

O Selo Europeu para as Línguas 2022 foi entregue ao Colégio Valsassina, pelo trabalho desenvolvido no âmbito do projeto *Public Speaking*.

O projeto *Public Speaking*, que envolve todas as turmas do 11.º Ano, visa capacitar os/as alunos/as de competências linguísticas, através da sua mobilização na criação de contextos imersivos. Este projeto apoia-se em metodologias de trabalho baseadas no modelo *task-based* e *CLIL (Content and Language Integrated Learning)*, em que a atividade de reflexão e de escrita dá lugar à apresentação oral de discursos à comunidade escolar, seguindo os princípios da retórica, tais como esclarecer, argumentar e persuadir.

Em primeiro lugar, os/as alunos/as escolhem um tema que esteja relacionado com as suas preocupações, interesses, ideologias ou até angústias pessoais e investigam sobre esse ele, de modo a avaliar a sua relevância e a compreender os fundamentos que regem o debate público sobre o mesmo.

De seguida, o texto é desenvolvido com a supervisão dos docentes, seguindo-se a apresentação do discurso perante a turma. É durante esta fase que, num processo de heteroavaliação, os alunos e as alunas elegem três estudantes de cada turma para executarem as suas prestações perante um público mais vasto, numa competição de escola. Os/as ouvintes escutam com respeito, uma vez que estão a avaliar e irão passar pelo mesmo. A pressão de estar num "palco", em frente a uma audiência que tem de ser cativada, informada e persuadida, é enorme e potenciadora do desenvolvimento de competências. Um dos objetivos, nesta fase, é a superação do medo de falar em público. A motivação dos/as alunos/as é intrínseca – exprimir a sua genuína identidade ou as suas ideias de forma articulada, organizada e validada, assim como superar o "medo do palco" – mas também extrínseca, dado que esta atividade integra o processo de ensino-aprendizagem e constitui um elemento de avaliação. Na verdade, a utilização de atividades de competição como elemento de aprendizagem constitui um fator acrescido de desenvolvimento motivacional e colaborativo.

Como resultado da prática, os/as alunos/as relataram um aumento da sua autoconfiança bem como um acentuado sentimento de realização, ao saírem da sua zona de conforto para se tornarem comunicadores persuasivos e eficazes.

DIÁLOGOS intergeracionais

Quero reiterar o quão importante foi para os/as avós terem estado na sala de aula dos/as respetivos/as netos/as para contar os seus percursos de vida e as histórias que marcaram a sua infância. Destaco a tranquilidade e a generosidade demonstrada com os/as mais novos/as. **Tânia Gonçalves** Professora titular do 1.º A

Todos/as os/as avós parecem ter uma habilidade natural para contar histórias e prender a atenção dos/as netos/as. A convivência entre gerações diferentes é uma forma de trocar experiências e conhecimentos, além de demonstração de afectos. **Sofia Araújo** Professora titular do 1.º B



Foi uma semana muito rica em partilha e troca de conhecimentos. Os/as avós que tivemos o privilégio de receber em sala trouxeram diferentes histórias ou experiências de vida para nos contar, que fizeram a delícia de todos os meninos e meninas. Os temas abordados foram diversos. Pudemos viajar através de histórias infantis ou através de fotografias do mundo, conhecer mais sobre algumas profissões e sobre os diferentes alunos/as da turma com os relatos dos avós. **Marta Abreu** Professora titular do 1.º C

Gostei muito das perguntas que muitos colegas da minha neta me fizeram e em especial da sua apresentação.

Avó da **Luísa Aragão** 1.º A

Ponte entre gerações

Madalena Alves Coordenação Pedagógica do 1.º Ciclo
Tânia Gonçalves, Sofia Araújo e Marta Abreu Professoras titulares do 1.º Ciclo

O convite feito aos/às avós surgiu no âmbito da “Semana das Línguas”, cujo eixo central é a Comunicação. De uma forma natural, cruzou-se com a aprendizagem da Linguagem Escrita, mobilizando a afetividade gerada na escuta de uma história contada por um avô ou uma avó. Cruzou-se também com a disciplina de Estudo do Meio, onde se pretende que os/as alunos/as alarguem o conhecimento que têm sobre si próprios e sobre a sociedade em que se inserem. Conhecer a sua história e as diferentes etapas do ciclo de vida, identificar as relações de parentesco entre membros da família próxima, saber as profissões dos/as familiares, reconhecer a existência de distintas formas de organização familiar, são algumas das aprendizagens essenciais a promover.

Sugerir que os/as avós viessem desempenhar um papel ativo numa aula dos/as netos/as, além de fomentar maior proximidade entre avós e netos/as, teve ainda como intenção favorecer pontes intergeracionais.



A adesão e a atividade desenvolvida

A adesão a esta proposta foi uma surpresa. Sucederam-se as aulas em que os/as alunos/as escutaram e se entusiasmaram com o que os/as avós lhes trouxeram. Muitas foram as histórias, escolhidas por razões distintas: repetir uma que se contava àquele neto ou neta quando era pequenino/a; surpreender com a leitura de um livro novo, dando continuidade a uma prática já instalada na família; contar uma história que marcara a sua infância; partilhar uma história que contavam aos seus filhos ou filhas, agora pais ou mães de alguém que estava na sala.

Mas houve quem tivesse optado por falar da sua profissão, de um *hobbie*, de jogos e brincadeiras que fazia na sua infância, de como era o dia a dia nessa altura, de como se vivia sem telemóveis e sem computadores, de um acontecimento importante que acontecera quando estes/as alunos/as ainda não eram nascidos/as.

Todas as opções foram bem acolhidas. Fosse pelo conteúdo ou pela forma como lhes falaram, os/as alunos/as escutaram e muitos fizeram perguntas e quiseram saber mais. Os/as avós têm este poder de conversar com os/as mais novos/as. Será do olhar, do tempo de que dispõem, do tom da sua voz? Ou do poder de entrelaçar vivências de tempos distintos, do gosto de contar coisas do passado (recente ou longínquo), peripécias dos seus pais ou mães quando eram pequeninos/as?

DIÁLOGOS com a História

Para um ensino de qualidade da História no séc. XXI. Conhecer a Lisboa das Descobertas

Graça Luís Professora do Departamento de História

O ensino da História desempenha um papel fundamental para fazer face aos desafios políticos, culturais e sociais que a Europa enfrenta atualmente, em particular, aos desafios colocados pela diversificação das sociedades, pela integração de migrantes e refugiados na Europa e pelos ataques à democracia e aos valores democráticos. Assim, o objetivo geral destes princípios e linhas orientadoras é promover o conhecimento especializado e as aptidões necessárias para que o ensino da História desempenhe devidamente esse papel (...)

Em 2018, o Conselho Europeu publicou “um manual”, cujo título adotámos para esta reflexão e do qual extraímos a passagem acima transcrita, que nos relembra a importância de um ensino de qualidade e diversificado da História. E podemos fazê-lo de forma explícita ou não, quer em sala de aula, quer através de experiências de aprendizagem diferentes. A visita a que chamamos “Lisboa das Descobertas” para as turmas do 8.º Ano, é disso exemplo.

Em primeiro lugar, descobrimos uma cidade, ponte entre um passado e um presente em que a arquitetura se foi alterando, mas onde a multiculturalidade, a multiracialidade, as assimetrias sociais, as intolerâncias se mantêm, não fossem elas sinais da condição humana, mas a precisarem de ser permanentemente discutidas para que se cumpram objetivos de formação cívica, de educação para os Direitos Humanos e para um *clichê* tão importante – a construção de um mundo melhor!

São disso exemplo dois momentos fundamentais da visita: a passagem pela igreja de S. Domingos, pelo Rossio e pela Praça do Comércio e a visita ao Mosteiro dos Jerónimos.

Os três primeiros locais estabelecem, entre si, um diálogo – as perseguições religiosas aos Judeus que então viviam em Lisboa, muitos refugiados vindos de Espanha, limitados à Judiaria e a terem de praticar o seu culto em segredo, a serem julgados e executados em autos de fé de grande impacto público, mas com papéis absolutamente fundamentais para um rei que fechou os olhos à chacina, “esquecendo-se” que eram eles os médicos, os banqueiros ou os juristas que o suportavam. Infelizmente, há tantos paralelismos com os dias de hoje, mas também há esperança, porque nos cruzámos com tantos casais multirraciais ou vimos tantos estrangeiros passeando tranquilamente pela cidade ou trabalhando, tal como tantos portugueses nativos que



procuraram, noutras paragens, uma vida melhor e onde desejamos que sejam bem recebidos.

No Mosteiro dos Jerónimos, cumpre-se a grandeza deste símbolo nacional, representativo de um tempo de (aparente) prosperidade, em que vários monarcas quiseram deixar a sua marca e que, hoje, é património da Humanidade, prova de que os países não são cápsulas, mas parte de um todo que deve aproximar os Homens e não separá-los. Por outro lado, é um local para relembrar e homenagear aqueles que construíram grandes edifícios, manobraram os barcos e cumpriram designios de pessoas influentes, sem que saibamos quem foram, em tudo semelhantes aos homens que construíram os estádios para o mundial do Qatar em 2022.

Se nós, professores/as de História, nos esquecermos destas abordagens, a nossa missão não se cumpre, não estamos a trabalhar para a Democracia nem para os Direitos Humanos! Não estaremos a contribuir para uma História melhor!

DIÁLOGOS entre o passado e presente



Este projeto foi interessante não só porque tive oportunidade de conversar com a minha mãe e com a minha avó materna acerca do meu avô – que já não está connosco – como também percebi o que a minha família fez de importante e com quem interagiu.

João Neves 9.º C

Fiquei a conhecer ainda mais da realidade da guerra colonial e das aventuras que o meu avô experienciou quando lá esteve. Senti que temos muita sorte por termos vivido muitos anos em paz e espero que continuemos a preservá-la no futuro. Vicente Pires 9.º D



À Procura da História – Projeto do 9.º Ano

Benedita Sarmento e Daniela Louro Professoras de História

Como se constrói a História? O que é uma fonte histórica? Que informações podemos retirar de uma imagem? Como aproximar os nossos alunos e as nossas alunas da disciplina de História? Como fazer compreender a importância de conhecermos a nossa História?

Estas e outras interrogações originaram este projeto, em que, em linguagem fotográfica, de um zoom para uma grande angular, procurámos compreender que todos temos a nossa História, mas que esta se integra num quadro mais vasto: a História de todos nós.

A *História do Século XX* (sobre a qual incide o programa de História do 9.º Ano) está mesmo muito próxima e ajuda-nos a perceber quem somos. Neste âmbito, cada aluno/a recebeu o desafio de escolher uma fotografia do passado da sua família que, na sua opinião, fosse mais rica para ser explorada, o mote para a pesquisa informação, oportunidade para entrevistar pais, avós... e, a partir daí, estudar um tema, que será o ponto de partida para uma nova etapa: a produção de um vídeo, em grupo, a ser apresentado no Colégio.

Com o projeto já em execução, estes são alguns depoimentos que os/as alunos/as nos deixam:

Achei este projeto muito bom, porque nos ajudou a ganhar uma melhor noção da nossa família e daquilo por que passaram ou viveram, o que, ao mesmo tempo, não só nos ensina mais sobre as raízes da nossa família como também mais sobre a História. Bernardo Cota 9.º D

Acredito que o trabalho influenciou de forma muito interessante a minha relação com meus avós. Tive conversas sobre o passado e como tudo era diferente. Acho que é muito importante entender as histórias dos nossos antepassados. Fiz alguma pesquisa e percebi melhor como o seu casamento foi influenciado pelos “anos 60”. Clara Guedes 9.º D

Eu gostei de fazer este trabalho, pois não só consegui aprender mais sobre os meus avós e sobre os anos 70 (do século XX) como também consegui passar mais tempo com eles. Achei este projeto muito interessante, pois consegui juntar a família com o Colégio.

Manuel Lebre 9.º D

Este projeto faz-nos compreender melhor a época vivida pelos nossos avós (e pais). Julgo isto ser importante, já que sentimos uma maior relação com os acontecimentos retratados, pois ainda conhecemos pessoas com memórias desse tempo. Tomás Mateus 9.º C

Gostei de fazer este trabalho, pois consegui explorar mais aspetos da realidade que o meu avô viveu e que eu desconhecia. Compreendi melhor o tempo que o meu avô passou em Angola e como foi a sua vida durante os 26 meses em que lá esteve. A ajuda do meu avô na realização deste projeto foi fundamental para compreender esse período da História. André Caetano 9.º A

DIÁLOGOS políticos

Atlas do mundo político do século XXI Um projeto mobilizador

Luís Marinho Professor de Ciência Política
Turmas 12.º 2 e 12.º 3, Disciplina de Ciência Política



Conhecer o mundo político em que vivemos, numa época de grandes incertezas e com a ameaça real de uma guerra na Europa que pode tornar-se mundial, foi o desafio lançado no início do ano letivo aos/as alunos/as de Ciência Política.

Os alunos e as alunas, divididos/as em oito grupos, iniciaram este projeto com uma fase de pesquisa sobre as seguintes regiões do mundo: EUA, China, Rússia e países “satélites”, União Europeia e Grã-Bretanha, Médio Oriente, Índia e Ásia Oriental, África e América Latina.

Concluída a primeira etapa, estão agora a preparar textos, com as base nas informações recolhidas, e a selecionar imagens que, depois de organizadas, originarão uma publicação.

A dois meses da conclusão do trabalho, os/as estudantes fazem um ponto de situação:

EUA

À nossa frente tínhamos 22 anos de acontecimentos da maior potência mundial. Perante toda a informação, foi necessário um grande sentido crítico e analítico. Percebemos que os EUA ainda ocupam a posição cimeira na ordem mundial, mas a distância relativamente a outros países diminuiu.

CHINA

Num mundo que tende, cada vez mais, para a globalização, o entendimento da estratégia político-económica do governo chinês torna-se essencial, atendendo a aspetos muito particulares, tais como a abertura económica ao capitalismo, dentro do comunismo, e as tendências de neocolonialismo, como patrocínio do continente africano.

RÚSSIA E PAÍSES SATÉLITES

Para perceber o estado atual dos países em estudo, tivemos de pesquisar sobre o seu contexto histórico, de modo a estabelecer uma relação entre o passado e o presente. Atualmente, estamos a examinar a guerra que se tem travado entre a Rússia e a Ucrânia.

UNIÃO EUROPEIA E GRÃ-BRETANHA

À medida que progredimos no trabalho, aprofundamos os nossos conhecimentos políticos e culturais sobre os cantos da Europa que não estão presentes nos temas de conversa do quotidiano, nomeadamente no que respeita à dinastia da Suécia ou ao caso do maior banco da Dinamarca, envolvido na lavagem de 200 mil milhões de euros na Estónia.

ÍNDIA E ÁSIA ORIENTAL

Para desenvolvermos o nosso projeto, elegemos determinadas regiões da Ásia Oriental e da Ásia do Sul, como a Índia, nação cada vez mais ativa na cena internacional. De facto, o Indo-Pacífico está a mudar rapidamente e, dado que acolhe mais de 50% da população mundial, está a tornar-se numa região geoestratégica fundamental.

MÉDIO ORIENTE

O Médio Oriente tem sido palco de uma série de conflitos e guerras que continuam a impactar a região e o mundo. Um trabalho sobre a guerra no Médio Oriente é uma tarefa complexa que exige uma compreensão profunda das questões envolvidas e uma abordagem crítica.

ÁFRICA

Partimos de uma breve análise da África colonial para, depois, analisarmos a África pós-colonização, a sua fragmentação, as diferentes formas de governo e os principais problemas que a colonização causou.

AMÉRICA LATINA

Através do estudo da América Latina, foi possível compreender a forma como a História da colonização e da exploração europeias foram responsáveis pelos problemas estruturais observados na região.

O projeto Atlas Político apresenta-se, assim, como um importante marco para a nossa formação, como estudantes e como cidadãos políticos e ativos num mundo globalizado.

DIÁLOGOS Discursos históricos

para a intervenção política

Benedita Sarmiento Professora de História

“Discursos imaginários que poderiam ter sido escritos...” Foi assim que iniciámos este projeto de História com os alunos e as alunas da turma do 11.º 3.

Selecionámos momentos e pessoas marcantes da História da luta pela Liberdade e lançámos o desafio: “Que discurso poderiam estes Homens e Mulheres ter feito, nessa altura, na defesa da Liberdade?”

Aqui ficam dois exemplos do resultado.

Discurso

Mouzinho da Silveira foi juiz, legislador e estadista. Em setembro de 1836, deu-se um golpe de estado (posteriormente denominado Setembrismo) que pôs em causa a Carta Constitucional e tentou implementar a Constituição de 1821. Apoiante de D. Pedro IV durante a guerra civil e defensor da Carta Constituinte, Silveira recusou jurar a Constituição e demitiu-se das suas funções. O discurso que se segue poderia ter sido proferido no momento em que o político abandonou o cargo de Diretor de Alfândega.

Camaradas, é meu direito justificar a minha escolha de não jurar a Constituição, tal como apresentar-vos a minha demissão do cargo de Diretor da Alfândega.

A atividade política tem sido a dimensão mais importante da minha vida. Suportei e acompanhei o falecido el-rei Dom Pedro IV; fui Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda; interino dos Negócios Eclesiásticos, e participei arduamente na fundação do Supremo Tribunal de Justiça e na estruturação do Ministério Público.

Tudo dei para que Portugal deixasse a conjuntura dormente e paralisada de que todos fomos vítimas durante o Antigo Regime e pudesse evoluir para um estado moderno, justo e livre.

As estruturas sociais, económicas e políticas que nos acorrentavam antes da Revolução Liberal foram, com o meu auxílio, gradualmente destruídas: os injustos e excessivos impostos através dos quais a nobreza e o clero exploravam o povo português foram extintos, a economia reformulada e a atividade agrícola fomentada. Intervim reestruturação dos sistemas judiciário e financeiro portugueses. E é precisamente por isso que, como homem de ideias liberais, não posso deixar de renegar a Constituição que me apresentam.

A Carta Constitucional é a imagem da estima que Sua Majestade tinha pelos seus súbditos. É o espelho perfeito das convicções políticas que sempre defendi. A supervisão do rei como moderador permite um balanço entre a autoridade real e popular, essencial à paz e ao progresso.

Dizem que a administração atual não conseguiu dar resposta à miséria provocada pela Guerra Civil; que beneficia a alta burguesia, concedendo-lhe títulos; e que a venda dos bens nacionais em hasta pública só aumenta a importância desta classe.

Pergunto-vos, então: Que solução apresentam para a disparidade económica?

A Guerra Civil acabou há apenas dois anos. Os apoiantes do hediondo absolutismo ainda não abandonaram totalmente os seus vis propósitos e nós, trabalhando com um país empobrecido, tentamos devolver a Portugal a dignidade de que beneficiava na grande era dourada dos Descobrimentos.

Não posso, por minha honra, apoiar algo com que não concordo, não considero justo e que, acima de tudo, vai contra as minhas convicções morais. Por isso, e com votos de boa sorte para todos os meus colegas que se apresentam para governar este país, demito-me de todas as funções. Bem-hajam.

José Xavier Mouzinho da Silveira

Madalena Nunes 11.º 3

“... uma era de paz, prosperidade e harmonia, onde cada um de nós possa construir para um futuro melhor para as gerações vindouras.”

Discurso

O discurso terá sido elaborado na primeira reunião das Cortes Constituintes, a 24 de janeiro de 1821, na Sala da Livraria do Convento das Necessidades. Nesta sessão preparatória, procedeu-se “à verificação dos Diplomas, e legalização das Pessoas e Poderes de cada um e de todos os apresentados; e bem assim de expedição a quanto, por quaisquer respeitos, devesse preceder à Instalação das Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa”.

Excelentíssimos senhores,

Estamos hoje reunidos para dar início a uma nova era para Portugal, uma era de Liberdade e Igualdade, de Progresso e Justiça. E eu, Manuel Fernandes Tomás, sinto-me honrado por estar aqui, diante de vós, como um dos muitos defensores desta causa justa.

Agora, mais do que nunca, é hora de juntar os melhores atributos de cada um para que o trabalho proveniente dos nossos plenários seja o mais perto daquele com que tanto sonhámos.

A Igualdade e a Liberdade são agora os pilares da nossa sociedade e devem ser protegidos e valorizados por todos. Não podemos permitir que os privilégios de alguns prejudiquem o bem-estar de muitos. Devemos ser uma nação justa, onde cada pessoa é tratada com respeito e dignidade, independentemente da sua origem social ou económica. O poder decisivo residirá nas mãos de cada um, fazendo valer a soberania nacional.

Aqui e agora, exorto a todos que se unam em espírito de solidariedade e compromisso comum para alcançarmos um futuro melhor. Os trabalhos que agora se iniciam deverão ter em vista a formulação de uma lei fundamental que assegure uma divisão equilibrada de poderes por diferentes órgãos de soberania, através da qual restituiremos a tão desmerecida identidade nacional e construiremos uma sociedade justa e próspera.

Que esta nova era que se inicia hoje seja uma era de paz, prosperidade e harmonia, onde cada um de nós possa construir para um futuro melhor para as gerações vindouras.

Viva El-rei D. João VI e viva Portugal.

Luísa Aires e Inês Pereira 11.º 3

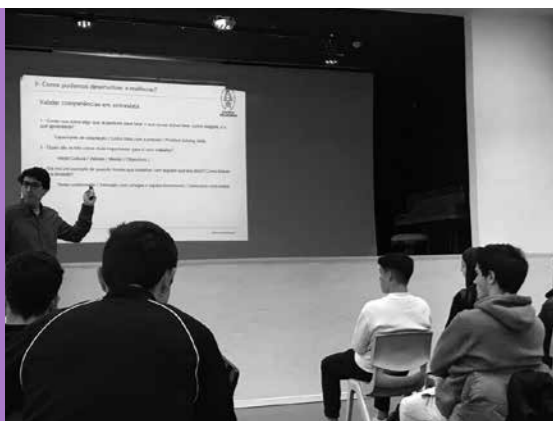


As cortes constituintes de 1821. Pintura de Veloso Salgado. (Fonte: www.parlamento.pt)

DIÁLOGOS para o futuro

Programa “Academia Valsassina 10.º Ano, Ferramentas para o Futuro”

Direção Pedagógica



Módulo “Competências intra e inter pessoais. Dr. João Bernardo, Michael Page

10.º Ano | 2022/2023
23 fevereiro | 31 março | 17 abril | Junho

Academia Valsassina

ferramentas para o futuro

- Empreendedorismo social e sustentabilidade
- Competências intra e interpessoais
- Desenvolvimento pessoal e social: o poder do Mindset nas aprendizagens
- Gestão do stresse e bem-estar
- Comunicação e public speaking
- Cidadania e intervenção política
- Técnicas de expressão e comunicação
- Pesquisa bibliográfica e análise de informação
- Storytelling
- Inovação e empreendedorismo: todos temos um lado empreendedor
- Marketing pessoal

www.cvalsassina.pt

“Academia Valsassina 10.º Ano, Ferramentas para o Futuro” é o nome de um programa dirigido para todos/as os/as alunos/as do 10.º Ano, onde se pretende desenvolver as *Soft Skills*.

Em complemento às aprendizagens relacionadas com os conteúdos disciplinares e conhecimentos científicos e técnicos (*Hard Skills*) adquiridos ao longo do percurso escolar, a “Academia Valsassina 10.º Ano” tem como objetivo capacitar os/as alunos/as com (novas) ferramentas “não-técnicas”, também designadas por *Soft Skills*, consideradas fundamentais para a formação pessoal e para o sucesso académico e profissional.

As *soft skills* são competências comportamentais transversais e interpessoais, amplamente aplicáveis em diversos contextos não se limitando a uma profissão em específico. Remetem para a forma como as pessoas interagem/comunicam e se relacionam com as outras e para a forma como agem em contexto académico e profissional e encaram as tarefas a desempenhar para alcançar os resultados desejados.

A edição de 2023 deste programa realiza-se entre fevereiro e junho de 2023, em horário letivo, sendo complementar da componente curricular e composta por 11 módulos:

- Comunicação e *Public Speaking*
- Competências intra e interpessoais
- Desenvolvimento pessoal e social: o poder do *Mindset* nas aprendizagens
- Cidadania e intervenção política
- Gestão do stresse e bem-estar
- Empreendedorismo social e sustentabilidade
- Pesquisa bibliográfica e análise de informação
- Técnicas de expressão e comunicação
- *Storytelling*
- *Marketing* pessoal
- Inovação e empreendedorismo: todos temos um lado empreendedor

No dia 23 de fevereiro, realizou-se o primeiro módulo, “Competências intra e interpessoais”, dinamizado pelo **Dr. João Gonçalves**, da Michael Page.

Agradecemos a disponibilidade e a colaboração dos seguintes parceiros determinantes para a concretização deste programa: **LPM Comunicação; Michael Page; Semear Valores; Sapana; Junitec.**

Programa “Disciplinas Avançadas”

Direção Pedagógica

O projeto *Education 2030: The Future of Education and Skills. The future we want*, conduzido pela OCDE, tendo como foco as crianças que entraram no sistema de ensino em 2018 e serão adultas em 2030, evoca a necessidade de a escola as preparar para “empregos que ainda não foram criados, para tecnologias que ainda não foram inventadas e para resolver problemas que ainda não foram formulados” (OCDE, 2018, 3).

Apostando numa “nova narrativa para a educação”, utiliza como referência a metáfora da “bússola” de aprendizagem. Ou seja, se ensinarmos os alunos e as alunas a aprender a desenvolverem mecanismos de autorregulação e “ferramentas de navegação confiáveis”, então conseguirão encontrar o seu próprio caminho num mundo cada vez mais complexo, volátil e incerto. Desta forma, a imaginação, a consciência, o conhecimento, as competências e, mais importante, os valores comuns, a maturidade intelectual e moral e o sentido de responsabilidade irão orientá-los/-las na construção de um futuro melhor. Esta “bússola” deverá, assim, reunir conhecimentos, competências, valores e mecanismos de antecipação, ação e reflexão.

Este cenário, convoca-nos a alargar os horizontes com que olhamos para o *curriculum*. Em particular, desafia-nos a promover a aquisição de novas competências, consideradas imprescindíveis para a preparação para os desafios da vida adulta e integração ativa na sociedade, reforçando também a sua preparação para os desafios impostos pelo Ensino Superior

Neste sentido, o Colégio desenvolveu o Programa “Disciplinas Avançadas”, destinado a todos os alunos e alunas do 12.º Ano.

Cada “Disciplina Avançada” apresenta-se na forma de um curso (com uma duração média de 36/40h) complementar ao currículo nacional, em horário extracurricular, suportado numa aprendizagem ativa segundo a metodologia Flipped Classroom (“aula invertida”).

Este modelo permite: **i)** promover a autonomia dos/as alunos/as e a flexibilidade ao ritmo de aprendizagem de cada um; **ii)** adquirir novos conhecimentos e competências; **iii)** relacionar nova informação com conhecimento anterior; **iv)** desenvolver hábitos de aprendizagem e de trabalho (individual e colaborativo, interagindo uns com os outros); **v)** e usar a informação em novos contextos.

Os dois primeiros cursos do Programa “Disciplinas Avançadas”, que irão ter lugar ao longo de seis semanas entre março e maio de 2023, são:

- **Machine Learning/Aprendizagem Automática.**

Curso realizado pelo **TreeTree2**, um projeto apoiado pelo Instituto Superior Técnico (IST) e pela Fundação Calouste Gulbenkian, que desafia os/as alunos/as a aprender a ensinar computadores a aprender.

- **Digital Discovery Program.**

Curso realizado pela **Miles in the Sky**, um programa prático, para o desenvolvimento de *skills* digitais.



“... se ensinarmos alunos e alunas a aprender a desenvolverem mecanismos de autorregulação e “ferramentas de navegação confiáveis”, então conseguirão encontrar o seu próprio caminho num mundo cada vez mais complexo, volátil e incerto.”



Quadro de Honra 1.º P 2022/2023

Do Quadro de Honra fazem parte os/as alunos/as que, no final de cada período, apresentem excelentes resultados escolares (média de 5 no Ensino Básico e de 17 valores no Ensino Secundário), quer no domínio curricular, quer no domínio dos complementos curriculares. Devem apresentar também um bom comportamento.

5.º ANO		
5749	Teresa Afonso	5.º A
5760	Margarida Dias	5.º A
5764	Carolina Domingos	5.º A
5845	Dânia Marques	5.º A
7284	António Rodrigues	5.º A
7303	Thomas Veerman	5.º A
5795	Clara Martínez	5.º B
6142	Sara Salpico	5.º B
7382	Filipa Batista	5.º B
5775	Teresa Cintra	5.º C
5846	Diana Marques	5.º C
5878	Rodrigo Garcia	5.º C
7304	Francisco Medina	5.º C
5772	Martim Carvalho	5.º D
5773	Tomás Moreira	5.º D
6451	Maria do Carmo Fernandes	5.º D
7046	Maria Rita Felizardo	5.º D
7116	Maria Aleluia	5.º D
7272	Maria Joana Câmara	5.º D
6.º ANO		
5539	Mariana Fernandes	6.º A
5586	Maria Batalha	6.º A
5594	Rita Resende	6.º A
5607	Madalena Caetano	6.º A
6055	Francisco Pica	6.º A
6057	Pedro Santos	6.º A
7124	Rita Marques	6.º A
7148	Nicole Pereira	6.º A
5519	Constança Valério	6.º B

5647	Constança Valente	6.º B
6030	Francisca Soares	6.º B
7020	Lueji Tomás	6.º B
7035	Vasco Coutinho	6.º B
5534	Inês Lameira	6.º C
5576	André Cruz	6.º C
5757	Martim Canas	6.º C
5762	Maria Évora	6.º C
6195	Sara Silva	6.º C
6238	Sofia Amador	6.º C
6863	Leonor Silva	6.º C
7032	Júlia Ribeiro	6.º C
7107	Inês Franco	6.º C
5596	Mariana Gomes	6.º D
5809	António Mendes	6.º D
7041	Carlota Vasconcelos	6.º D
7045	João Ribeiro	6.º D
7066	Maria do Carmo Ruivo	6.º D
7.º ANO		
5399	Vasco Pereira	7.º A
6848	Bento Borba	7.º A
7166	Carolina Silva	7.º A
5375	Francisco Silva	7.º B
5446	Afonso Bouça	7.º B
5635	Francisca Moura	7.º B
5951	Yuer Zhou	7.º B
6103	Maria Varella-Cid	7.º B
6716	Maria Luísa Canaveira	7.º B
6868	Sara Duarte	7.º B
5379	Inês Pimenta da Silva	7.º C

5383	Leonor Alves	7.º C
5396	Alice Gomes	7.º C
5404	Diogo Abreu	7.º C
5415	Leonor Gomes	7.º C
5549	Francisca Rosa	7.º C
6051	Mariana Mata	7.º C
6842	Matilde Baptista	7.º C
6847	Ana Borba	7.º C
6882	Maria Inês Venâncio	7.º C
6959	Mariana Costa	7.º C
5768	Laura Jardim	7.º D
5796	Vera Martinez	7.º D
5833	Tomás Alves	7.º D
6370	Isabel Sampol	7.º D
7165	Camila Silva	7.º D
7386	Tomás Caetano	7.º D
8.º ANO		
5320	Joana Parreira	8.º A
5618	Maria Valente	8.º A
5276	Alex Xu	8.º C
5378	Sara Abrantes	8.º C
5561	André Enes	8.º C
5712	Rodrigo Pissarra	8.º C
6365	Diana Marques	8.º C
5671	Maria Ana Carvalho	8.º D
6680	Vasco Silvestre	8.º D
6805	Ana Maria Maia	8.º D
9.º ANO		
5115	João Claudino	9.º A
5084	Vasco Martins	9.º B

5129	Leonor Santana	9.º B
5529	Marta Santos	9.º B
5068	Tomás Mateus	9.º C
5831	Vasco Isidoro	9.º C
6509	Sofia Costa	9.º C
6496	António Noronha	9.º D
10.º ANO		
4968	Filipa Hilário	10.º 1A
4974	Sofia Varandas	10.º 1A
5458	Rita Amaral	10.º 1A
6277	Maria Rita Henriques	10.º 1A
6675	Mafalda Mesquita	10.º 1A
6886	Hugo Bizarro	10.º 1A
4905	Diogo Sousa	10.º 1B
5630	Sofia Alvarez	10.º 1B
7313	Madalena Dias	10.º 1B
4896	Vera Paixão	10.º 1C
4957	Afonso Carajote	10.º 1C
4984	Matilde Macedo	10.º 1C
4989	João Castro	10.º 1C
6229	Luís Henriques	10.º 1C
6931	Miguel Pinéu	10.º 1C
4909	Sofia Saraiva	10.º 2
4992	Leonor Cintra	10.º 2
5003	Diogo Ferreira	10.º 2
6215	Diogo Nobre	10.º 2
6296	Marta Costa	10.º 2
7306	Vera Veríssimo	10.º 2
7311	Maria Francisca Belo	10.º 2
4947	Mariana Francisco	10.º 3
5144	Sofia Pereira	10.º 3
6231	Vera Cavalheiro	10.º 3
6285	Ana Sofia Andrade	10.º 3
4939	Rita Alves	10.º 4
6212	Júlia Mateus	10.º 4
11.º ANO		
4746	Rodrigo Carvalho	11.º 1A
4750	Leonor Guerra	11.º 1A
4814	Carolina Gomes	11.º 1A
5151	Xavier Videira	11.º 1A

5946	Inês Braz	11.º 1A
5992	Beatriz Garcia	11.º 1A
6792	Sofia Falcão	11.º 1A
6971	Constança Santos	11.º 1A
4753	Francisco Chapouto	11.º 1B
4828	Ana Francisca Martins	11.º 1B
6011	Ana Carolina Reis	11.º 1B
6371	Arthur Sampol	11.º 1C
6967	Bruno Silva	11.º 1C
6980	M.ª Leonor Xavier	11.º 1C
7134	Mariana Gonçalves	11.º 2
7151	Beatriz Chen	11.º 2
7223	Luana Moura	11.º 2
4722	Santiago Silva	11.º 3
4807	Madalena Nunes	11.º 3
4816	Luísa Aires	11.º 3
6395	Inês Pereira	11.º 3
4785	Mafalda Conceição	11.º 4
4796	Francisca Baptista	11.º 4
4960	Margarida Vieira	11.º 4
12.º ANO		
4523	Beatriz Jansen	12.º 1A
4525	Mário Viana	12.º 1A
4541	Duarte Mateus	12.º 1A
4562	Ricardo Abrantes	12.º 1A
5054	Pedro Machado	12.º 1A
5720	Jéssica Nunes	12.º 1A
5789	Guilherme David	12.º 1A
5830	Vera Isidoro	12.º 1A
6321	Pedro Martins	12.º 1A
6909	Francisco Duarte	12.º 1A

4682	Simão Silva	12.º 1B
4775	Matilde Carvalho	12.º 1B
4779	Luís Almeida	12.º 1B
4786	António Tripa	12.º 1B
5924	Maria Teresa Natário	12.º 1B
6919	João Araújo	12.º 1B
4551	Tomás Ricardo	12.º 1C
4595	Ricardo Leitão	12.º 1C
4824	Tiago Silva	12.º 1C
4943	Vicente Silva	12.º 1C
5135	Xavier Cunha	12.º 1C
5158	Martim Carneiro	12.º 1C
5735	Vasco Martins	12.º 1C
6339	Margarida Rocha	12.º 1C
6344	Margarida Nunes	12.º 1C
6353	Carolina Pignatelli	12.º 1C
6380	Tiago Almeida	12.º 1C
6913	Tiago Paradinha	12.º 1C
6918	Sara Mendonça	12.º 1C
4607	Guilherme Moreira	12.º 2
4646	Pedro Saraiva	12.º 2
5494	Carolina Lopes	12.º 2
5730	Duarte Saraiva	12.º 2
6774	Maria do Carmo Lebre	12.º 2
6910	Sara Ferreira	12.º 2
4585	Inês Paixão	12.º 3
6307	Gonçalo Campos	12.º 3
6750	Maria Inês Silva	12.º 3
4513	Maria Pestana	12.º 4
4560	Madalena Santos	12.º 4
5729	Diogo Correia	12.º 4



ACONTECEU



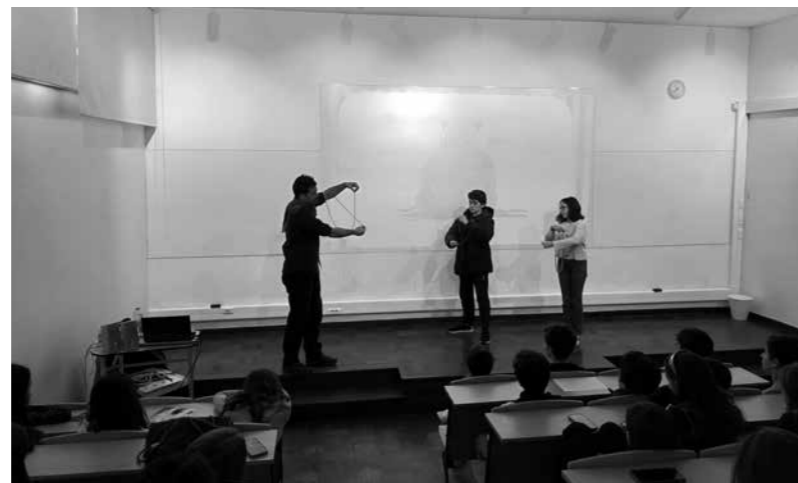
Coro Infantil cantou as Janeiras no Lar da Assistência Social Evangélica

O Coro Infantil do Valsassina fez uma surpresa aos utentes do Lar da Associação Assistência Social Evangélica (ASE) e promoveu uma tarde com muitas canções e alegria. "Cantar as Janeiras" foi uma oportunidade para um encontro intergeracional, rico em afetos e muitos sorrisos.



Alunos/as do Valsassina participam em sessões com os matemáticos Nuno Arala e Tiago Hirth

A Matemática ajuda a ter uma visão rigorosa do mundo, contribui para a aquisição de hábitos de raciocínio e de trabalho e desenvolve competências para a vida prática. A importância do ensino e da aprendizagem da Matemática convoca-nos a promover sessões onde os/as nossos/as alunos/as têm a oportunidade de conhecer de perto certos projetos e o trabalho de matemáticos e investigadores. No dia 9 de dezembro, o matemático **Nuno Arala**, da Universidade de Warwick, apresentou uma sessão sobre "Problemas com tabuleiros". No dia 16, **Tiago Hirth**, matemático e investigador do Departamento de História e Filosofia das Ciências da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, apresentou a sessão "MatMagia". As sessões envolveram as turmas do Ensino Secundário.



Conferência sobre inteligência artificial com Maria Manuela Veloso

No dia 4 de janeiro, os/as alunos/as do Ensino Secundário receberam a investigadora **Maria Manuela Veloso**, uma referência internacional na investigação em robótica e inteligência artificial (IA). Manuela Veloso é doutorada em Ciência de Computadores pela Carnegie Mellon University, em Pittsburgh, onde foi líder do departamento de Machine Learning. É membro do Conselho da Diáspora. Desde 2018, é diretora do Centro de Investigação em Inteligência Artificial, no J.P. Morgan, o maior banco dos Estados Unidos. Em 2022, foi eleita para a National Academy of Engineering. "Inteligência artificial, os desafios do presente e o futuro" foi o tema da sessão, onde se abordaram o potencial da tecnologia e a sua utilização para o bem da sociedade; os limites da criação e da imaginação; os desafios sociais da IA; e a importância da cooperação entre o Homem e as máquinas.



Sessão com Isabel Alçada

No dia 26 de janeiro, a escritora Isabel Alçada trouxe as suas "Aventuras" aos/ às alunos/as do 5.º Ano. Partilhou experiências da sua vida, autografou livros de avós e netos/as e deixou pontes construídas entre o livro e a imaginação das crianças.

Alunos/as do Secundário participam em sessão do programa "Músicos do Palácio de Belém"

Atendendo à importância da promoção da literacia artística e do pensamento autónomo, criativo e crítico, as turmas do Curso de Línguas e Humanidades foram convocadas a participar na sessão dinâmica pela guitarrista Marta Pereira da Costa, primeira e única guitarrista profissional de fado a nível mundial. Esta sessão integrou-se no Programa "Músicos do Palácio de Belém", uma iniciativa da Presidência da República que pretende sublinhar o papel da música e dos músicos na construção da identidade cultural portuguesa.



Alunos/as do 10.º Ano participam em formação da Cinemateca Júnior

"Educar o olhar" é o tema de uma formação promovida pela Cinemateca Júnior, em parceria com os Filhos de Lumière, que conta com a participação das turmas do 10.º Ano dos cursos de Ciências e Tecnologia e de Línguas e Humanidades. O cinema, enquanto experiência educativa e ferramenta de ensino e aprendizagem, é, acima de tudo, um convite para viajar e olhar o mundo. De forma indelével, a forma como vemos cinema estimula o pensamento crítico e criativo e a reflexão sobre aspetos sociais, culturais, históricos, literários e políticos, podendo ser uma porta para aprendermos a reparar e a pensar no mundo que nos rodeia.

Alunos/as do 2.º Ano convidam os pais e as mães para partilharem as suas profissões

No 2.º Ano de escolaridade, a disciplina de Estudo do Meio convoca os alunos e as alunas a trabalharem conteúdos relacionados com o conhecimento de si próprio, dos outros e das instituições e serviços. Sob o mote "Quando for grande, quero ser...", as profissões são um dos temas em destaque, desafiando os pais e as mães dos/as alunos/as a colaborarem de forma ativa no processo de ensino e aprendizagem. A presença de Chakall, chef de cozinha, marcou o lançamento de uma iniciativa, onde se pretende desafiar os pais e as mães dos alunos e das alunas do 2.º Ano a partilharem o seu meio profissional.





Celebrar o Carnaval no Jardim de Infância

Carnaval é sinónimo de cor, alegria e criatividade. Este ano, foi uma oportunidade para desafiar as crianças do Jardim de Infância a criarem as suas máscaras de Carnaval. O ponto de partida, o molde, foi igual para todos. Estimulando a liberdade de expressão criativa, as máscaras foram pintadas com tempera, ou tinta guache, e decoradas com diferentes materiais (penas, pompons, rafia, papelinhos com diferentes formatos, serpentinas...). O produto final refletiu a imaginação de cada aluno/a e pintou o recreio de muitas cores.

Roteiro Queiroziano em Sintra

“Sentir e experienciar Sintra, evocando a atmosfera que Eça de Queiroz recriou em *Os Maias*” foi o convite lançado pela disciplina de Português às turmas do 11.º Ano para uma viagem no tempo, através de um Roteiro Literário que contribuiu para os/as alunos/as aprofundarem os seus conhecimentos sobre obra que faz parte dos conteúdos curriculares de Português, assim como do exame nacional da disciplina.

Desde o centro histórico até Seteais, em busca do ambiente romântico da época, os/as alunos/as passearam com Carlos da Maia, que os/as conduziu em busca do seu amor impossível – a Maria Eduarda “dos cabelos doirados (...) e dos olhos escuros e profundos”. Cruzaram-se com o Maestro Cruges que lhes despertou o interesse pela Sintra das queijadas, da manteiga fresca e dos passeios clássicos à Pena, à Fonte dos Amores e à Várzea de Colares. Pelo caminho, o roteiro evocou a Vila Velha, com o seu mercado e os tradicionais hotéis.

Alunos/as do 12.º Ano visitam o Palácio Nacional de Mafra e aprofundam o estudo de *Memorial do Convento*

No âmbito do estudo de *Memorial do Convento*, de José Saramago, o Convento de Mafra foi a personagem principal da visita de estudo realizada pelas turmas do 12.º Ano. A visita proporcionou o contacto direto com os espaços físicos onde decorre a ação narrativa, permitindo uma compreensão *in loco* da obra em análise. Procurou-se, também, motivar os/as alunos/as para a leitura e aprofundamento do conhecimento da obra, que faz parte dos conteúdos curriculares de Português, assim como do exame nacional da disciplina. Os/as alunos/as assistiram ainda à dramatização da obra, em pleno Palácio Nacional de Mafra.

Exposição de obras do Museu do Prado

“O Prado visita-nos” foi uma exposição em que a comunidade escolar desfrutou das reproduções de obras do Museu do Prado, em Madrid. Estas vinte peças foram disponibilizadas pela Direção Educativa da Embaixada de Espanha em Portugal. Os alunos e as alunas (e restante comunidade escolar) puderam visitar a exposição.



Aulas abertas do Jardim de Infância, aos Pais/Mães e Encarregados de Educação

Uma aula aberta. Foi o convite que os alunos e as alunas de 4 e 5 anos fizeram às suas famílias desafiando-as a testemunharem o que fazem no seu dia a dia. Inglês, Expressão Plástica, Educação Musical, Matemática e Filosofia para Crianças foram as disciplinas escolhidas para receberem os pais e mães, entre os dias 6 e 18 março. Foram aulas ricas pela partilha de experiências, aprendizagens e afetos.

Semana da Educação Física 2023

A “Semana da Educação Física” realizou-se entre 20 e 31 de março, como forma de promover o gosto pelo desporto, pela atividade física e pelas práticas protetoras de saúde e bem-estar. Na edição de 2023 desta iniciativa, merecem destaque os campeonatos inter-turmas, o corta-mato e as atividades de evocação do Dia do Pai, onde os/as alunos/as convocaram os seus pais para uma aula aberta.



Concerto da “Semana das Artes”

No dia 2 de março, teve lugar primeiro Concerto da “Semana das Artes”, com objetivo de juntar todas as expressões artísticas presentes no Colégio. Foi um momento extraordinário de convívio, partilha e criação musical.

Dia da Matemática e Dia do Pi

No dia 14 de março, celebrámos o Dia Internacional da Matemática e o Dia Internacional do Pi (π). A famosa aproximação do número π a 3,14 encontra correspondência no dia 14 do mês de março (3.º mês do nosso calendário). Este foi um dos motes que levaram os alunos e as alunas do 1.º Ciclo ao 12.º Ano do Colégio Valsassina a celebrarem este dia com várias atividades que decorreram dentro e fora de sala de aula.



Dia do pai no Jardim de Infância

A comemoração do “Dia do Pai” foi uma oportunidade para as crianças de 3 anos convidarem os seus pais a viver uma manhã no Colégio. No dia 20 de março, vestiram o fato de treino e praticaram Educação Física com os filhos e filhas. Transformaram-se em poetas, declamando poemas para os pequenitos. Cantaram a canção do pai, encantando os miúdos e os graúdos. Foi uma manhã passada com muita alegria, amor e cumplicidade.





Aula aberta dos Desportos Coletivos

A manhã do dia 7 de janeiro foi especial. Os/as alunos/as do Jardim de Infância desafiaram as suas famílias a participar numa aula aberta da atividade extracurricular de Desportos Coletivos. Foi uma manhã preenchida de atividades, cheia de alegria, onde se promoveu a importância da prática de desporto para a saúde e qualidade de vida.

Valsassina acolhe Torneio AEEP de Voleibol

O Valsassina acolheu, no dia 18 de março, o torneio de Voleibol da AEEP (Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo). Envolveu oito escolas da região de Lisboa, tendo participado cerca de 170 alunos e alunas. Em simultâneo, realizou-se a Taça Valsassina de Futebol. Participaram cinco escolas e cerca de 60 alunos/as.

Foi uma manhã de promoção do desporto escolar e valorização do trabalho em equipa, do espírito de solidariedade e cooperação.



Obrigado, Sr. Luís!

Ao longo de mais de 42 anos, o Luís Cássio (o "Sr. Luís") esteve sempre presente no Colégio e deixou a sua marca, de forma indelével, em muitas gerações de alunos/as, professores/as e colaboradores/as. Um educador na verdadeira aceção da palavra, sempre disponível para apoiar e aconselhar todos os alunos e as alunas. O seu sorriso, as guitarras e as suas canções são inconfundíveis. O dia 13 de janeiro foi o seu último dia de trabalho no Valsassina. Desejamos as maiores felicidades para a próxima etapa na sua vida. OBRIGADO por tudo.



O podcast *Gazeta Valsassina* reúne textos, criados por alunos do Colégio Valsassina em resposta a variados desafios, e constitui-se como uma comemoração da escrita, da leitura e da ilustração.

As vozes que escutamos são de alunos, familiares, professores, atores, encenadores, amigos, que aceitaram o convite para ler em voz alta, assumindo, assim, a função e os sentimentos das personagens.

Este conjunto de áudios é uma homenagem à leitura, à capacidade de compreender o mundo através da leitura, e às vozes e mãos que lhe dão corpo e a mantêm viva.

Vai acontecer...

abril

- Viagem de finalistas 9.º Ano
- Viagem de finalistas 12.º Ano
- Academia Valsassina 10.º Ano, Ferramentas para o futuro
- Valsassina acolhe Encontro Nacional das Escolas da Rede UNESCO
- Os dias da Sustentabilidade
- Conferências do Ciclo Valsassina

maio

- Semana do Mar
- Dia Escola Azul
- Rede European School Network: Receção de alunos europeus
- Feira das Universidades
- Conferências do Ciclo Valsassina
- Sessão de apresentação de projetos de empreendedorismo, Projeto TecAtlantic

junho

- Um dia Na Escola, 3 junho de 2023
- Concerto da Primavera
- Primeira Comunhão
- Academia Valsassina 10.º Ano, Ferramentas para o futuro
- A minha primeira experiência no mundo do trabalho



CLIQUE... nas imagens e aceda às plataformas digitais!



COLÉGIO VALSASSINA

